

REVISTA

DO

Instituto Geographico e Historico

DA BAHIA

FUNDADO EM 1894, RECONHECIDO DE UTILIDADE PUBLICA
PELA LEI N. 110 DE 13 DE AGOSTO DE 1895

Maxima sunt documenta equidem res temporis acti
In præsens, validusque inveniens stimulus.

1909

ANNO XVI

VOL. XVI

N. 35



1910

LITHO-TYP. E ENC. REIS & C.

Rua Dr. Manoel Victorino, 23 e 25

BAHIA

REVISTA

DO

Instituto Geographico e Historico da Bahia

Anno XVI

1909

Num. 35

RELATORIO

DO

Dr. Bernardino José de Souza

Delegado do Instituto no Congresso de Geographia
do Rio de Janeiro (*)

Senhores do Instituto Geographico e Historico da Bahia



PROUVE a Deus conceder-me a ventura, de mil benções adereçada, que jamais previra, de fallar perante esta assembléa de doutos, pela vez primeira, prestando-lhe contas de honrosa commissão da qual fui incumbido por força da fidalguia conhecida e reconhecida do Exm. Sr. Presidente do *Instituto Historico e Geographico da Bahia*.

De feito, em sessão de 23 de Maio do anno que

(*) Em sessão do *Instituto* de 3 de Outubro de 1909.

corre, tendo sido este *Instituto* convidado a fazer-se representar no « Primeiro Congresso Brasileiro de Geographia », foi lembrado o meu obscuro nome para completar a commissão de 3 membros, em cujo seio se encontravam dous robustos paladinos, dois luzeiros candentes desta sábia aggremação.

A preeminencia de tal nomeação, si teve o condão de me envaidecer, librando-me nas azas de intimo e justo desvanecimento, não fez desapparecer a perspectiva afflictiva de sombrias passagens em que o vosso agradecido consocio, marujo inexperiente, sem dexteridade e calma serena, poderia empallidecer o renome dos feitos pomposos da mais brilhante, promissora e futura sociedade scientifica da Bahia.

De quantos recursos lancei mão para que tal não succedesse e quantos sacrificios puz em pratica para o exito feliz da missão dignificadora?

Bem o sei, bem o sabem aquelles que mais convivente trato têm com a minha desvalida pessoa ou que pelo menos, mais de perto, conhecem a penuria de meritos com que fui presenteado pelo Creador.

Entretanto, não me era dado recusar tamanho encargo. Atirei-me á ingente tarefa e no arrotear os campos refertos de aguçados espinhaes entremeiados de mil outros embarços, não poupei esforços, não se me enervou o animo ou desfalleceu a vontade, e, superando barreiras que se me antolhavam innumeradas, saltando represas de affloramentos endurecidos, desatando laços que urdiam enredados tramas, galgando obstaculos que se desvendavam a miude, no adensado dos longos caminhos a perlustrar, empunhei o escudo, revesti-me da loriga, ateí o elmo, cingi a espada, compuz a armadura do cavalleiro que demandava a arena soberba onde se iam travar os prelios da sciencia.

E lá fui no desempenho de ordens superiores: de lá venho depositar aqui, em vossas mãos, neste cento celebrado que tem ouvido tantos primores e assistido ao flammejar de tantas luzes, laureado em tantas batalhas, bendito por magnificas empresas, primeiro, o pedido de excusas pela inanidade de minha acção, segundo, o relatorio da pallida missão, pois a tal se reduziu o bello commettimento que me confiastes e que só acceitei porque não era licito desobedecer ao venerando presidente que, por muitos titulos, tem direito ao respeito que lhe dedico, terceiro, a minha gratidão immorredoura, jamais refolhada, jamais fementida, sem desvios, pura e agasalhada no fundo d'alma, pela honra sem igual de ser um dos vossos delegados na magna reunião.

Deante de tão grandiloquo e illustre comicio cumpri o meu dever: não me exornaram, no curto lapso, as arrecadas estimaveis de brilhos a irradiarem scentelhas de luz por entre applausos merecidos, numa estirada cata-dupa de palmas e bravos. Obscura e desflorida foi toda a minha trajectoria ali: apenas, alentado ao calido sôpro de uma puridade sem jaça, abrigado sob o pallio de uma bôa vontade inimitavel, fiz tudo o que pude. Nella, houve deslizes, mas tambem aureolam-na exculpamentos justissimos pelo accumulo de esforços no palliar os seus distinguidos resultados.

Perdoai-me, pois.

A 7 de Setembro inaugurava-se no Rio de Janeiro, a assombrosa metropole que já é prova da pujança da nossa civilisação, o Primeiro Congresso Brasileiro de Geographia e a data que já se achava inscripta no coração da Patria, esculpida em caracteres inapagaveis, enramou-se de um novo florão de valioso preço. É que o Brasil ainda uma vez, como primeiro, num avantar-se que merece aclamações ruidosas, entrou a fazer

semeadura em terreno ainda não pervagado e do qual se retirarão messes abundosas, de subido valor, para honra e gloria de seu nome, em prol de seu futuro, em bem da sua civilisadora trajetória. Accrescentou-se á fieira de commettimentos estupendos, mais um andar que lhe ennastrará a historia gloriosa. Registrou-se mais uma conquista que lhe alcandora o nome nas cumiadas da civilisação, nome que ha de ser gigante, porque nelle tudo é grande, porque aqui tudo é pasmosamente grandioso, porque aqui sob este firmamento de mil joias cravejado, de esplendidas vestiduras aprimorado, no intermino desenrolar de seus campos que se desatam em fora, largos, amplos, desmedidamente desenvolvidos, no correr das serranias pittorescas, na confusa distribuição de seus montes e pincaros isolados, na caudal avolumada dos rios estirados, no fio murmuroso de mil regatos ensombrados de flores, no trovejar de saltos e cachoeiras escachoantes, na azulada superficie de seus lagos, nas recurvas graciosas de sua costa distensa, nas brancas toalhas de areia de um littoral abrigante, na gracilidade de suas ilhas, sejam escalvados rochêdos ou palmeiraes verdejantes, na exuberancia de uma flora re florida, na variedade de uma fauna providencial, na clemencia e amenidade de um ar puro e benefico, no brilho do nosso sol que não escalda, mas retempera, que não deprime, mas avigora, em tudo, se reflecte flagrantemente a prodigalidade do Creador dos Mundos no amontoado de tantas excellencias.

O Congresso de Geographia foi effectivamente o primeiro que se realisou na America do Sul e assim, a nossa Patria, mais uma vez demonstrou ao mundo que nos mirava, até bem pouco, entre indifferente e receioso, que elle firma a sua hegemonia na America do Sul, não pelas victorias flagellantes da guerra a des-

truir povos, acorrentar territorios, esmagar liberdades, inundando de sangue e povoando de crimes horriveis a face da terra, mas pelos empenhos da luz, em prelios de paz, onde os gladios se cruzam e recruzam, batem e rebatem, lidam e relidam e por fim, tocado o cessar, o campo tem brilhos e sôa o epinicio da Sciencia em vez de lutos e funebres lamentos, de envolta muitas vezes com o *De Profundis* do Direito, despojado de suas insignias protectoras. Graças a Deus é toda esta a nossa historia.

Sempre tem sido assim a carreira magnifica do Brasil estremecido.

É de luz a sua esteira: abrilhamtam-na memora-
veis feitos.

Eleva-nos, orgulha-nos.

E o Congresso augmentou o acervo de glorias triumphaes.

Encerrou-se a 16 de Setembro, no meio da alegria de todos os que a elle concorreram pressurosos na revelação de alguma idéa, entre applausos calorosos, entre flores e harmonias, na mais rasgada cordialidade.

Extremam-no assim duas datas famosas, quaes columnas altaneiras, em cujos tôpos se encontram as atalaias vigilantes da grande feitura debuxada. Lindam o cyclo de existencia do certamen glorioso dois dias inesqueciveis.

Nasceu a 7 de Setembro, commemorando a celebrada jornada do Ypiranga, que nos dotou com as benções sagradas da autonomia politica, synthetisada no tremular do nosso pendão no concerto dos Estados soberanos.

Finou-se, para reapparecer mais galhardo e mais abundante em lucros, a recordar a Phenix fabulosa, sem o estiramento do tempo, aos 16 de Setembro, quando

a brilhante «Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro», que o promoveu destemida e valorosamente, celebrava o anniversario da sua installação a 26 annos transactos.

Bem soberbos os porticos que fecham o edificio do momentoso comicio de scientistas patrios. Os dois dias, assignalando feitos differentes, todavia se estreitam e equiparam, porque si um nos presenteou a liberdade ao reboar longinquo do brado altisonante de Piratininga, outro concedeu ao Brasil a gloria de uma conquista scientifica, os louros de um caminhar precoce na senda do progresso, por isso que se fundara a primeira Sociedade Geographica de toda a America.

Esta outra precedencia que ufana e regosija, esta outra prioridade que dignifica e orgulha, esta outra primazia que sobremodo atauxia de excellentes labores o nome da Sciencia Brasileira, sem embargo dos seus detractores gratuitos, é galardão que se não devera esquecer em se tratando de descorado historiar de uma incumbencia, que, não cesso de repetir, si sobrepujou em honra para o eleito, perdeu em brilho pela inopia do humilde orador, fartamente conhecida dos que me ouvem.

Com as cerimoniaes do estylo, abriu-se o Congresso ás 3 horas da tarde do dia 7. Impossibilidade material, causada pela tardança do transatlantico que me conduzia, impediu que, de logo começasse a presenciar o magno espectáculo da soberba reunião tal como se me revelou ao ser admittido, com maxima fidalguia, em seu seio illustre.

Do paiz inteiro, das beiras do Amazonas aos extremos meridionaes do Rio Grande, do mais oriental recanto aos fabulosos rincões do oeste affastado, accorrem ao grande e nobre ajuntamento.

Fôra acoroçoamento nobilitante.

O interesse ligado excedia as previsões dos optimis-

tas e desbaratava a ironia causticante dos pessimistas que sempre procuram plantar o desalento e semear o desanimo.

Demonstram-no claramente mais de 500 adhesões afora o concurso e assentimento de 100 comunidades scientificas.

Patenteam-no, sem reбуços, o apoio dos governos de todos os Estados, do proprio territorio do Acre, que tão justamente pleitea agora, por intermedio de illustre commissão, a sua autonomia, desejando inscrever-se em meio da Constellação Brasileira, e sobretudo o arrimo material e moral do Governo Federal e autoridades do Districto Federal que se esmeraram em proporcionar facilidades á brilhante realisação do Congresso.

Cento e oito trabalhos e memorias, qual mais interessante e transcendente, foram apresentados, sendo objecto de acurados estudos por parte das 12 commissões em que se fusionou o Congresso, durante 6 dias consecutivos.

Era mui bella e agradavel uma visita aos salões da «Sociedade de Geographia e Museu Commercial» onde lidavam afanosamente as commissões parciaes, lendo, relendo, estudando, discutindo, examinando, relatando os trabalhos distribuidos, ao mesmo tempo que propondo medidas, aventando idéas, lembrando regras, estabelecendo normas, revelando planos, indicando providencias, tudo em prol da Geographia do Brasil, que força é dizel-o, repousa ainda no berço do nascimento, de onde certamente sahirá em breve para emparelhar-se á Geographia dos paizes que vão á frente, com a revelação de suas grandezas surprehendentes que impressivamente se nos mostram num deslumbrar que extasia.

Apresentei ao estudo do Congresso duas memorias, versando uma sobre a Remodelação do Ensino da Geographia, tendo como base a creação de uma cadeira de

Geographia Physica, discorrendo a outra sobre a elucidação de algumas denominações peculiares á nossa Geographia e que se intitulava: «Nomenclatura Geographica peculiar ao Brasil».

Como delegado representante do «Instituto Historico e Gymnasio Carneiro Ribeiro», fiz a sua entrega e dou-vos parte que, por favor de Deus, foram bem recebidas e o Congresso, em sua sessão plenaria de 15, auctorisou a sua publicação nos Annaes do Congresso e approvou a idéa capital encerrada na primeira das communicações, isto é, referente a criação de uma cadeira especial de Geographia Physica, como base essencial, fundamento logico e racional de todo o estudo geographico.

E é esta a direcção que o ensino da Geographia assumiu nos povos que marcham na vanguarda do progresso em materia geographica.

Secretario da 11^a commissão, cuja rubrica era: — *Ensino de Geographia: Regras e Nomenclatura*, promovi, quanto em mim coube, o bom andamento dos assumptos que constituíam a esphera de minha acção.

Na penultima sessão plenaria em que se votaram as conclusões, approvando-se ou regeitando-se os estudos das commissões parciaes, além de moções, indicações, etc., manifestei a minha opinião com a maxima franqueza e com todo o desassombro, indo de encontro ás que no meu fraquissimo entendimento se desvirtuavam já do conceito que tenho da disciplina que é o meu mais caro enlevo scientifico, já dos fins do congresso, adstricto aos canones do seu programma e as injuncções de meu espirito.

Em se tratando da escolha do local para séde do segundo congresso que se realisará a 7 de Setembro de 1910, votei de accôrdo com a manifestação unanime

da Assembléa, na cidade de S. Paulo, e as razões que a tanto me levaram são de character tão intimo que me não é licito nem agradavel divulgá-las.

A' Bahia, por tradições gloriosas que a cingem exornando o seu passado glorioso e garantindo o seu futuro rebrilhante, cabia a honra que recahiu sobre a bella Panlicéa, de facto, muito avantajada em assumptos geographicos.

Mas devo declarar francamente: alli, no notavel Congresso, não me preocuparam idéas infundadas de um bairrismo ridiculo; era a grande, immensa, deslumbrante figura da Patria adorada a pairar encantadora e cheia de fulgores sobre as nossas cabeças; era ella que enchia todo o meu peito de moço e trasbordava a minha alma de brasileiro. Deixo que a outros caibam as gloriolas do incitamento de rivalidades pequeninas e intimas no seio do Brasil unido, fortemente conjugado para a marcha em busca da obtenção dos premios abençoados da civilisação.

A 8 de Setembro, dia da primeira sessão plenaria, levei ao congresso as saudações do *Instituto Geographico e Historico da Bahia*, falando sobre a importancia da assembléa que naquelle momento encetava os seus trabalhos.

Não entrarei em vos referir a somma de conclusões e votos adoptados pelo congresso, porquanto, em breve correrá mundo o Relatorio Geral dos trabalhos e ahi verão os illustres consocios, o que a minha palavra, só desataviadamente, poderia fazer.

Desempenhei, senhores, a commissão: no seu julgamento valham-me, ao menos, uma bôa vontade e esforço irrivalisaveis.

E que dizer-vos da importancia e beneficos resultados que defluirão dos Congressos Brasileiros de Geographia?

Quem estuda a Sciencia Geographica nos dias de hoje, livre das traves das regras antiquadas, ao sabor das modernas theorias, quem acompanha o rapido evoluer de tão complexa disciplina, não se retardando nem esmorecendo ante o veloz da carreira, conhece, de sobra, a importancia e benefico influxo que, na sua evolução accelerada no seculo XIX, têm tido os Congressos de Geographia, sejam internacionaes, sejam regionaes, como os da Belgica, Estados-Unidos, França, Inglaterra, Italia e Allemanha, onde já se realisaram 17, o ultimo dos quaes em Lubeck, a 1.º de Junho do corrente anno.

Magnas reuniões, onde se approximam os sabios de todos os paizes e onde as nações não se distinguem sinão pelo ardor de seu zelo e merito de suas doutrinas, no primeiro caso, onde se reúnem os scientistas nacionaes que, ousadamente se atiram, ao exame das multipas questões que constituem a bagagem da Geographia, nos tempos actuaes, os Congressos de Geographia, são, por dizel-o, os laboratorios grandiosos em cujos cadinhos se assentam e apuram as bases da sciencia que immortalisou o arrojado pionneiro da fornalha equatorial, recingiu da aureola da gratidão dos posteros a fronte do mais estheta de todos os geographos e é o manancial abastado da nomeada do incomparavel mestre da Harvard University.

Delles é que tem partido o grito de reforma e constituição definitiva da Geographia como sciencia, nelles é que se tem remodelado o seu ensino, antes archaico e inutil como é ainda entre nós, emmoldando-o sobre bases inteiramente novas, jungindo-o a normas

outras e, de arrebate, fazendo perder a Geographia aquelle character fastidioso de uma nomenclatura cansadiça e de resultados negativos, sinão perniciosos.

A influencia que na sua entrada na vasta aggre-miação das sciencias tem tido, é palpitante, notoria-mente clara.

Foi porém longo o caminho percorrido para a obten-ção do direito de cidade na Urbs magestosa.

Não vos entediarei com a narrativa de sua historia evolutiva no escoar-se das eras. Apenas no tracejar, de ligeiro, a sua comprehensão actual, referirei que, si como sciencia é de hontem, no mais lato sentido, como o conhecimento do planeta que habitamos é dos mais antigos ramos do humano saber.

Os seus rudimentos, as suas primeiras idéas, inca-cterisadas, a se repellirem, não raro, são encontrados mesmo entre os povos selvagens.

E'-lhes necessaria a fixação da lembrança dos lo-gares adjacentes, num raio dictado pelas suas necessi-dades e meios de locomoção: são albores diffusos.

Refere Drœber que os indigenas da Polynesia têm especies de cartas geographicas rudimentares.

São bem conhecidas as suas viagens maravilhosas, sulcando a immensidade do Pacifico nas intrepidas pi-rogas, de azas desdobradas e infladas ao vento mari-nho, guiados, já pelos astros, já por meio de cartas dentre as quaes a do tahityano Tupaia.

E a Cartographia não é posterior a Geographia?

Characterisada nos primeiros tempos pelo dualismo de concepção, synthetizado na tendencia regional e des-criptiva dos Gregos, geral e racional dos philosophos da Jonia e sabios da Alexandria, tributaria, desde então, do desenvolvimento de outras sciencias, assumindo um character practico na poderosa metropole do Direito, a

Roma conquistadora, eclipsada ou mesmo a recuar, durante a idade média, máo grado aos trabalhos dos geographos arabes que são, no excuso de tempos desordenados, guardas ciosos dos conhecimentos adquiridos, renovada e refundida, durante a Renascença, pelo descobrimento de novos mundos e progressos das sciencias auxiliares, accrescendo o seu peculio com a ruina de preconceitos aprioristicos, mal esboçada na Cosmographia de Münster que alcançou 44 edições e na obra do joven Varennius, no seculo XVII, a Geographia veio a se constituir como sciencia na ultima metade do seculo XVIII.

Appareceram Alexandre Humboldt e Karl Ritter.

O primeiro, naturalista consummado, destemido viajor, sabio profundo mudou a face da comprehensão de tal materia, desde que escreveu as palavras que são o prologo magnifico de todos os triumphos realizados depois: «a Geographia é, antes de tudo, a sciencia da vida physica e organica na superficie do globo».

O segundo, philosopho eminente, notavel historiador, abalisado mestre, formúla dogmaticamente os principios e ensinamentos de seu emulo glorioso.

A revolução fôra profunda: de golpe, transformou-se todo o edificio geographico.

Passado o periodo de luctas entre os novos e os velhos que se retiraram do empenho envoltos na densa poeira de velharias inconsistentes, começa a equilibrar-se, e marcha sempre altaneira.

Alarga-se o conhecimento do globo e os seus mais intimos recessos são tenteados: as suas partes constitutivas são estudadas minuciosa, perseverantemente.

Progridem as sciencias physicas e naturaes; aperfeiçoa-se a Cartographia, apparecem as pormenorizadas construcções de Peschel e os dezoito volumes de Réclus

que precedem as brilhantes theorias e monographias de Penck, Davis, Supan, Suess, Ratzel, Richtofen, De La Blache, Lawson, Forel, Powel e dezenas de outros ; fundam-se sociedades de Geographia que impulsionam taes estudos ; reúnem-se congressos que discutem, de cada vez, novos e desconhecidos problemas ; augmentam os instrumentos de trabalho, tudo marcha.

O seculo XIX foi, para a Geographia, uma éra de fecundas conquistas, de arrojadas perquirições.

Chegamos a um periodo em que se edificam theorias, que, a principio, batidas como envolvidas nas malhas da fantasia, são hoje universalmente admittidas e constituem o lado bello e encantador da sciencia Geographica.

Tal é a celebrada theoria do cyclo vital dos rios, magistralmente elaborada pelo professor W. M. Davis, e tendo, como bases, os principios scientificos da erosão fluvial ordenados e systematisados por Surell, Rüttimeyer Dana, De La Noe et Margerie, na bellissima monographia : « *Les formes du terrain* ».

Em 1889, veio á luz da publicidade uma pequena monographia de 66 paginas apenas, intitulada : « *Rivers and valleys of Pennsylvania* ».

Faço minhas as palavras do sempre chorado sabio o Dr. Euclides da Cunha de referencia á importancia desta pequena e fecundissima producção : « uma simples monographia, deslocou de golpe, desde 1889, toda a fortaleza inerte da usança ; e firmou um novo rumo ao criterio geographico, não já apenas pelo associar á fórma, a estrutura dos terrenos, completando os facies inexpressivos das superficies com os elementos geologicos, senão tambem esclarecendo a genesis dos mais breves accidentes e descobrindo nas linhas pinturescas da movel physionomia da terra a expressão eloquente das ener-

gias naturaes que a modelaram e sem cessar a transfiguram ».

O masculino cientista naquelles curtos periodos, na escassez daquellas paginas, desenha á maravilha, a evolução dos rios e foi com agudeza e justiça que aquelle outro genio o chamou de «genial biographo dos rios pennsylvanicos ».

De feito, alli, elle nos mostra como os rios quaes millenarios organismos, atravessam tres phases principaes de existencia: uma *juventude* irrequieta, de actividade febril, sem estabilidade, rolando as suas aguas consoante os declives do solo, construindo valles provisorios, desenhando leitos que desapparecem, engrossados por torrentes ruidosas, escarvando o seu thalweg, modelando a topographia da região que atravessa como artista incontentavel, num abrasamento delirante; depois, uma *virilidade* equilibrada e já os declives se abaixaram, os pendores se arrazaram, as torrentes se extinguiram com a ruina das montanhas e descambadas encostas, os valles se constituíram, os affluentes se definiram, o traçado dos thalwegs se adaptou á estrutura do terreno. Um regimen de equilibrio substitue-se a impetuosidade irregular da juventude e as funcções da rêde hydrographica se exercem em toda a sua plenitude.

No longo traçado delineiado, então se percebem, ao primeiro lanço, tres tractos, que reproduzem as tres phases da evolução final, por isso que conserva nos manadeiros o regimen atormentado da infancia que se foi, no curso medio o ajustamento das forças que se equilibraram e na parte inferior se desenrola mansamente a prefigurar a idade avançada em que descança na planicie alluvionica que elle mesmo nivelou pela colmatagem das vasas carregadas.

Depois e afinal a velhice esgotada, monotona,

quando o seu poder erosivo é nullo, as suas forças adormecidas, num enfraquecimento geral estereotypado na região aplainada em torno da foz, onde cada empeço lhe muda a direcção e lá vae a divagar no expressivo dizer dos geographos americanos, e de certo chegaria até á obstrucção das embocaduras pela areia que o vento levanta e rola, si os esforços do homem não lhe garantissem o escoadouro natural.

E quantas vezes este organismo estiolado experimenta um rejuvenescimento, numa revivescencia de formas decahidas, na ressurreição de feitura sem numero que a sua vitalidade outr'ora apagara?

Innegavelmente é a construcção de uma physiologia extravagante, arredada dos canones vulgarissimos dos ensinamentos passados, mas que, de facto, abertamente se ajusta e conchava á realidade do que se passa sobre a face do globo aero-terraqueo.

Não proseguirei no relatar os encantos da Geographia de hoje: conheceil-a demasiado. Escalou após millenaria evolução a postura actual e se enquadra no vasto organismo scientifico como a Sciencia dos phenomenos physicos, biologicos e sociaes considerados em sua repartição na superficie do globo, suas causas e relações reciprocas.

Como tal é o seu valor incontrastavel, a sua utilidade inconcussa.

A esphera de sua acção gyra em torno de eixo definitivamente construido, jamais immutavel.

As suas ultimas paginas são o prefacio de novas, porque mais e mais se lhe additam problemas ineditos.

Bem vêdes o quanto de uteis lições se irradiam dos Congressos de Geographia e era preciso que o Brasil acompanhasse o prestito dos povos que se entregavam resolutos á explanação de taes problemas.

Até aqui nada se havia feito: o Primeiro Congresso fez alvorecer um novo periodo, inaugurou uma nova direcção em questão de tão grande momento.

Em artigo que publiquei em um dos jornaes desta capital escrevi de referencia a um Atlas do Brasil que fôra publicado: *Geographia do Brasil* é sem disfarces inexistente; mixto de aereo, incoherente, desconhecido mesmo. Senão, que de feito ha? Trabalhos esparsos, paginas escriptas ao arrepio de opiniões desencontradas, idéas emittidas sem alicerces, theorias arrevezadas, sem vida ou fundamento ».

Rarissimos são os nossos livros de *Geographia* que escapam á pecha de defeituosos.

Inteiro desamor nos dominava.

A primeira obra dos Congressos Brasileiros de *Geographia* que se effectuarão annualmente nos varios Estados, é a construcção da verdadeira *Geographia* do Brasil, a fundação de seus principios directores, a explicação racional dos multiplos problemas que o estudo das nossas feições *physicas*, a granel, suscitará.

Nelles descanso todas as minhas esperanças em relação ao rapido e certo conhecimento do Brasil querido.

Quanto ao ensino, quanto ao lado estritamente pedagogico, os beneficios do Congresso são muito a descoberto e não requerem insistencia no demonstral-os.

Ademais não é preciso fina perspicacia e rara penetração para avaliar-se a somma de redditos que derivarão dahi.

As excellencias de uma escola magnifica alliam as applaudidas funcções de um comicio scientifico.

Aguardemos os resultados confiantes: trabalhemos pelo seu brilho.

Coroou os trabalhos do Primeiro Congresso de Geographia uma custosa e rica Exposição de Cartographia do Brasil, nos salões da Sociedade, emmoldurando as suas paredes com soberbo destaque e apurado gosto scientifico, dando-nos a idéa de um sumptuoso edificio cuja forradura, sobre ser de alto valor, reflectia e symbolisava toda a acção da reunião que alli se realisava. Quasi tudo o que o Brasil tem produzido em materia de cartas geographicas alli se achava, em conjuncto ordenado e methodico a aguçar a curiosidade dos que alli trabalhavam em faina tão merecedora de encomios.

Apenas, sentia confranger-se-me o espirito quando via que a minha saudosa Bahia lá figurava com uns tres mappas velhos e errados, outras raras plantas mais antiquadas, sem mostra alguma de progresso ou mesmo esforço ennobecedor neste assumpto. Não vos narrarei a somma de difficuldades que assoberbou o vosso humilde delegado, ás perguntas constantes dos collegas do Congresso sobre as producções cartographicas da Bahia, aliás por todos sempre distinguida, honrando-me em receber as finas provas de acatamento e consideração.

É occasião, Senhores do *Instituto Geographico e Historico da Bahia*, de iniciardes urgente e fervorosa campanha em prol do levantamento cartographico da nossa extremecida gleba, para que de outra feita, se emparelhe aos demais irmãos que desta se avantajaram tanto. É preciso pôr a Bahia, tão gloriosa, de tradições tão elevadas, a salvo, de posições inferiores. Era seu o primeiro logar e no entretanto o perdeu. Ao Governo do Estado cabe auxiliar e até promover algum movimento em torno da construcção de uma carta da Bahia, livre de falhas, escoimada de erros grosseiros que as actuaes perpetuam, podendo encetar semelhante trabalho mandando proceder a levantamentos parciaes que, reu-

nidos e conjugados, formarão o material necessario á sua feitura. E uma representação graphica não auxiliará em muito o seu progresso economico, a sua prosperidade material, não concorrerá para o brilhantismo de seu futuro?

Não deixo de reconhecer a immensidade do projecto, os embaraços que, a porfia, se abrolharão ao que tentar o desconhecido deste dominio, principalmente a luz da nossa presente concepção da geographia que no esmiuçar as fórmulas da superficie terrestre presuppõe essencialmente o conhecimento de sua composição geologica.

O abalançar-se a tão arrojada empreza é, de certo, mui arduo ousio. Mas reunam-se os elementos dispersos existentes, corrijam-se os erros propagados pelas actuaes representações, pacientemente norteando-se em meio do labyrintho das plantas, rectificando os riscos desvirtuantes, elidindo as falsas coordenadas, emendando os pontos adulterados, proceda-se a novos levantamentos dirigidos e executados por competentes que trilhem as invias regiões onde ainda não inflectiu o olhar do engenheiro cartographo e, por fim, articulando estes materiaes, conjugando-os, ajustando-os, surgirá uma representação da Bahia a qual se ampliará e corrigirá continuamente, progressivamente. Não corre o mundo e é entristecido que o refiro, uma carta geographica deste Estado pelo menos soffrivel: as que existem, quando não nos mostram a Bahia como uma Suissa, rasgadamente inçada de pincaros e alterosas cordilheiras que se atrapalham, entresam, e atravancam em desordem estonteante, apresentam-nol-a adulterada, achavascada, logares a esmo collocados, sem obediencia á certesa mathematica da longitude e latitude. Imaginarios accidentes, phantasticas formaduras, contrastam com o baralhamento e atropellamento dos realmente existentes.

Taes erros se perpetuam, se disseminam, ás vezes, conscientemente.

E' indubitavelmente um deserviço que lhe concede quem assim se conduz.

Tudo em desproveito da Bahia.

Sem a carta todo o estudo geographico é esteril, vão, improductivo.

A cartographia é, por dizel-o, o alicerce resistente sobre o qual assenta todo o edificio da Sciencia Geographica contemporanea, sendo que tal caracteristico sómente lhe é adjudicado quando os trabalhos cartographicos se embasam sobre observações astronomicas verdadeiras, medidas geodesicas e topographicas que originam as operações delicadas de nivelamento e triangulação.

Desde 1783, quando Cassini de Thury terminou a primeira carta topographica da França e do mundo, rasgando novos horisontes á Sciencia, tracejando o caminho que devia ser percorrido pelos demais povos do globo, a Cartographia se tornou um serviço proprio dos governos que, cedo, comprehenderam a transcendencia e urgencia de feituraes semelhantes. A' carta de Cassini succederam as collossaes construcções das cartas topographicas nacionaes, que tanto elevam o nome da Inglaterra, Austria, Suissa, Russia e Allemanha principalmente.

E nunca foram estes trabalhos julgados capazes de empanar os brilhos das administrações pelo desvio ou má applicação dos dinheiros publicos.

Resolveu-se então o secular problema da Geographia, a constituição de cartas verdadeiras, minuciosas, onde todos os accidentes se representam claramente, e isto devido aos estupendos trabalhos dos Delisles, d'Anvilles, Cassini, cujos feitos coincidiram com a apparição dos vultos extraordinarios, de linhas agigantadas, dos

fundadores da Geographia Moderna. Eugenio Oberhummer, professor em Vienna d'Austria, de nomeada universal, escrevia em fins de 1908, que o trabalho da feitura dos mappas passou no seculo 18, das mãos dos geographos e cosmographos para as dos governos ou institutos publicos e isto porque se comprehendeu o interesse eminentemente pratico que a preparação de bons mappas apresentava em relação á defesa nacional principalmente. E em paginas vigorosas o illustre scientista nos historia a construcção da carta austriaca realisada pelo « Instituto Geographico Militar », cuja actividade, rapidez e unidade de execução não tinham precedentes na historia da Cartographia, apesar da somma de difficuldades que encontrou.

Urge assim um movimento neste sentido entre nós e ao *Instituto Geographico e Historico*, por força do estabelecido em seus estatutos, é que cabe o inicio e a primeira palavra sobre assumpto que muito e muito nos interessa.

Ahi fica a idéa: recebei-a si a julgardes de real valor. Ao revez desprezai-a e o vosso consocio terá, pelo menos, o consolo da grande sinceridade na intenção.

*
* *

Já vae bem longo este summariar de commissão que perdeu em minhas mãos os brilhos que lhe dariam, de certo, a profundeza e alta intelligencia do laureado historiador, o Dr. Braz do Amaral. Aqui se me aza a oportunidade de lamentar a ausencia do meu illustre mestre que alli teria derramado, a flux, luzes e mais luzes com as scintillações de seu espirito amestrado. E' verdade que me amparou, em muito, o braço forte do nosso

querido Presidente Honorario, Cons. Salvador Pires, cujas requestas são bem conhecidas.

Registro com muito prazer as figuras salientes de dois dignos membros deste *Instituto*, o Dr. Arlindo Frago, a admiravel cerebração que todos nós conhecemos e o Professor Borges dos Reis, tão illustrado e profundo em tudo o que diz respeito á Historia e Geographia do nosso caro torrão natal. Felizmente o «*Instituto da Bahia*» teve quem levantasse os seus credits e affirmasse a sua importancia de ha muito espalhada em todo o Brasil para a honra da gloriosa Bahia, sempre afa-mada, sempre a estadear pomposos feitos nos combates da intelligencia.

Pena foi que não fossem elles os delegados representantes.

Agradeço muito de coração a gentilissima e sobre modo fidalga fórma pela qual me receberam os illustres congressistas e esta gratidão que me honro em manifestal-a de publico, é muito particularisada nos Exms. Senhores, Marquez de Paranaguá, venerando lidador de incansavel actividade, Dr. Viveiros de Castro, applaudido mestre desde os meus tempos de academico, General Thaumaturgo, batalhador infatigavel da organização do Congresso, Dr. José Boiteux, alma e vida da magna assembléa, o bello espirito alliado ao impolluto character.

Aos meus collegas de commissão reitero os protestos de agradecimento pela honraria da eleição para Secretario.

E eu nunca suppuz receber tantos premios?

Em nome da Commissão Organisadora do Primeiro Congresso Brasileiro de Geographia, faço aqui uma referencia muito especial ao Exm. Sr. Dr. Satyro Dias, distinctissimo e honradissimo Vice-Presidente deste *Insti-*

tuto. Bem sabe S. Exa., quanto de prazer me invade a alma ao fallar em sua nobre pessoa, tão laureada quanto acatada por todos os bons bahianos que nella veem uma das mais puras encarnações da sua historia fulgente, uma das glorias mais robustas que abrilhantam o seu passado, sustentam o seu presente e garantem o seu futuro radiante. Para honra minha, que de S. Exa. fallo com se fôra de progenitor amado, cujos passos constituem phanal luminoso, cujos exemplos busco sempre pressuroso, sou o portador do reconhecimento daquella commissão pela actividade e bôa vontade que desenvolveu no posto de propagandista do Congresso neste Estado. Tal procedimento era de esperar do esforçado campeão do ensino no Brasil, do famoso lidador do nosso progresso literario e scientifico.

Senhores do Instituto:

Ao arraiar do dia celebrado de Valmy, saudado pelo conhoneio das baterias das Thermopylas da França, na phrase suggestiva de Dumouriez ao Ministro Servan, esteve presente o inspirado cantor da applaudida Allemanha, o immortal Goethe. Após o combate que enloirou a bandeira tricolor com o diadema rebrilhante da liberdade vencedora e triumphante, no acampamento, disse o poeta aos companheiros: « Deste logar e deste dia data uma nova epocha da historia do mundo e vós podereis dizer, no auge da gloria: eu alli estive ». Naquelle só curto periodo estava claramente denunciada toda a gamma de soberbas consequencias que, da Revolução Francesa, como vertente abundosa e inesgotavel em ideaes sublimes, dimanariam.

O genio de acuidade tão rara, que no Fausto escrevera « a epopea de seu seculo e a historia do espi-

rito humano » não se illudiu. Conhecemol-as todos : é a historia dos nossos tempos, que se não toldam de nuvens mysteriosas, nem se empanam da poeira das legendas phantasticas.

E'-nos demasiado proxima.

Possa eu, relembrando a phrase do gigante espirito que extinguindo-se reclamava mais luz, ter a ventura de saber da verdade de minhas previsões sobre os trabalhos dos Congressos Brasileiros de Geographia, e então, com orgulho natural, justissimo contentamento, coração a trasbordar de alegria, espirito a gozar doçuras ineffaveis, referindo-me á reunião do Primeiro Congresso, que foi o despontar da aurora esplendida, gloriosa, fartamente promissora, fulgidamente brilhante, dizer:

Eu alli estive,

Bahia, S. José, 3 de Outubro de 1909.

Bernardino José de Souza.

Nomenclatura Geographica peculiar ao Brasil ⁽¹⁾

Senhores Congressistas:



PHYSIONOMIA de um paiz, não raro, traduz-se por certos nomes que a terminologia local, vencendo e desterrando a technologia geral, umas vezes, a supprime subsidiando-a, outras, a relega ao desprezo, para a substituir avantajada.

Tão evidente isto se nos revela, que todo o paiz possue um vocabulario geographico, que se lhe accomoda e une como attributo essencial e individualizador.

E'-lhe proprio, exclusivo.

Delineia-se rasgadamente patriotico, de fruição exclusivista, dir-se-hia até egoistica.

Aqui se estampa uma contribuição mais que modesta sobre a Nomenclatura Geographica do Brasil.

A constante estacada ante o enlço das denominações locaes e termos essencialmente brasileiros no baptismo de accidentes ou cousas geographicas, fez brotar em meu espirito a ideia de trazel-os a lume, numa coordenação facilitadora e synthetica.

(1) Memoria apresentada ao 1º Congresso de Geographia do Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, e que recebeu approvação na sessão de 15 de Setembro de 1909.

O quadro por mais que lhe estirasse a complexão não está acabado: faltam-lhe varios toques, que opportunamente se lhe additarão.

Não é labor de enlevar olhos e deslumbrar intelligencias, por bem versado e de todo o ponto discreteado.

Não lhe acode a mercê de um estylo limado, sem entremeiados ou ligas constrictivas; esquivá-lhe o favor, o aviso do saber, predicado alheio do que desenhou o que se segue.

Ao revez, ajustam-se-lhe na defensão e escusa o esforço e a sinceridade do desejo de um Professor, que, acreditando na efficiencia do «Primeiro Congresso de Geographia do Brasil», ante-manhã de uma nova éra, de si já esplendida e proveitosa, ao mesmo concorre com o maximo de energia que ponde despende, nas horas de lazer, em prol de tão soberbo commettimento.

De original, apenas o pensamento de colligir os termos esparsos nos diversos trabalhos sobre o Brasil, além de alguns, por dizel-o, ineditos. E por isto julgo, não se lhe poderá retirar o preço, por pequeno que seja, sobretudo á claridade de alguma justiça e generosidade para com o mais humilde cultor da Geographia Patria.

E largando o achanado terreno de uma justificativa obrigada e necessaria, entro pelo clivoso e accidentado do caminho que julguei ser util pervagar, sem mais salvas nem rodeios.

*
* *

Aguapé: trama e tecido vegetal composto de plantas aquaticas que medram á superficie das aguas dos lagos ou pantanaes, e que, unindo-se e apresilhando-se, formam seguro estendal, que sustenta até um homem deitado sobre o mesmo. Em aspecto exterior

assemelha-se ao *Sedd Nilotico*, de que nos falla Schweinfurth, celebrado explorador do grande rio africano. É synonymo de golphão, sendo proprio da região sulcada pelo Paraguay e seus affluentes.

Apicum: termo do norte do Brasil, significando brejo de agua salgada, á borda do mar.

Aracaty: termo usado pelos indigenas e hoje pelos sertanejos do Ceará, de referencia a um vento que sopra de N. E. para S. O., derramando-se pelo interior do Estado, 'refrescante e ameno. Alguns dizem significar vento forte ou rajada e Pompeu assemelha-o ao Scirocco Africano, sendo prejudicial e nocivo.

Araxá: alto chapadão ou planalto, correspondendo ao *plateau* dos francezes.

Couto de Magalhães refere-se á pagina 74 do seu «O Selvagem», ao *plateau* ou araxá central do Brasil. Theodoro Sampaio, outro scientista notavel, versando o assumpto, diz ser «um planalto ou chapadão no mais alto de um systema montanhoso, onde se está em posição de ser o primeiro a ver e o ultimo a deixar de ver os raios do sol». E' vocabulo tupy-guarany.

Bahia: tem esta palavra uma significação especial em Matto Grosso, designando qualquer lago ou lagôa que se despeja em um rio por meio de um canal, mais ou menos largo, chamado *córixo* ou *corixa*.

Baixio: especie de enseada de fôrma circular que os rios formam nos terrenos marginaes, dando-se, portanto, um alargamento dos mesmos. E' nome muito usado no Pará, onde citaremos o Baixio ou Enseada de Tatucuara, no Tapajoz.

Banhado: pantanal, terreno baixo e alagadiço, não raro coberto de hervas que escondem a agua armazenada. E' denominação do sul do paiz.

Banzeiros: termo amazonino, exprimindo a

agitação tumultuaria das aguas dos rios que se embatem nas praias, quando passa a soberba e temida *pororoca*.

Cacimba: denominação do Nordeste Brasileiro, designando uma excavação feita no solo das varzeas ou leitos seccos dos rios, de onde os sertanejos retiram a agua necessaria para os usos domesticos e para os animaes.

Campo: grande parte do territorio brasileiro é occupado pelos denominados Campos, ora, desafogadamente extensos, ora, alternando-se com a matta gigante e esplendorosa.

Os Campos são enormes tractos de terra onde predominam as gramineas, cobertos de relva, desde a côr parda até a verde, ás vezes num horizontalismo que recorda a uniforme *Pampa*, ora no ondulamento accidentado de planalto excarvado pelos agentes exogenos. Aqui se cobrem apenas de hervas baixas e gramineas humildes e rasteiras quando têm o appellativo de *Campos Limpos*, alli deixando que medrem arbustos e outras plantas, denominando-se então *Campos Sujos*.

Qualificam-nos os brásileiros de diversos modos: desenvolvidas extensões cobertas de gramineas e hervas baixas, uniformes e aplainadas chamam-se *Campos Gerais*; quando se revestem de urzes e tojos têm o nome de *Agrestes*; no Piauhy e bacia do S. Francisco nomeam-se *Mimosos*, os campos onde medram gramineas de tacto macio e doce, dentre as quaes a forrageira *Mimosa* que lhes deu o nome; muitas vezes elles se recobrem de uma vegetação luxuriante e se appellidam *Catanduva* ou *Cactandyba*; *Carrascos*, *Carrascaes*, *Cerrados*, *Cerradões* não são mais do que variantes do Campo; aos que se desenrolam sobre os planaltos christam-se, ás vezes, de *Taboleiros* e *Chapadas*, ora cobertos, ora densamente emmatagados. Em Marajó, a nossa maior

ilha, dá-se o nome de *Mondongos* aos campos baixos, cheios de atoladiços, submersos durante o inverno.

Varias são de Estado a Estado, de região a região as denominações dadas aos *Campos*, como se vê.

Canhada: espaço de terreno baixo que medeia entre duas *cochillas* ou collinas ou tambem valle que corre longitudinalmente entre duas lombadas.

Em algumas regiões do Nordeste isto se chama *Baixada*.

Capão: vocabulo de origem indigena, nomeando ilha de matta que se ergue em meio de *campos*. Nos immensos campos brasileiros surgem, ás vezes, quebrando a monotonia da paysagem, tractos de matto alto, qual ilha em meio do Oceano. Estas ilhas de arvoredo são os *capões*.

Caponga: nome cearense, exprimindo lagoeiros de agua doce que se formam, naturalmente, nos areiaes litoraneos.

Capueira: vocabulo indigena (*matto que foi*) qualificando os logares onde os lavradores abrem roças e as abandonam depois, rebrotando um matto fino e raro. E' bem bella a imagem de Henri Coudreau, quando diz: inutil e triste ruina de floresta virgem abatida, a melancolica capueira.

Carrasco: terreno alto e frio, de vegetação arborescente definhada e baixa, de ramos esguios, caules rachiticos, entrelaçados e muitas vezes cheios de espinhos. E' uma especie de matta anan, segundo a expressão de Saint-Hilaire.

Catinga: nome indigena designando os terrenos altos, cobertos de arvores frondosas no inverno e despidas no verão, proprios para a plantação dos *legumes* nos *roçados*. Theodoro Sampaio diz: matto branco, alvacentos, especial das regiões seccas do Brasil.

Cerrado, Cerradão: campo de vegetação arborescente onde se alternam arvores baixas e arbustos espinhosos e angulosos. Predomina quasi sempre a familia das cactaceas.

Charravascal: é o nome dado em Matto Grosso a certas zonas do Estado onde cresce uma vegetação média, muito densa, intrincada e impenetravel. É uma especie de *catanga* do Nordeste Brasileiro, sendo uma região abundosa em plantas forrageiras.

Chuveiro: termo muito usado na Amazonia, significando as chuvas dos invernos prolongados e copiosos.

Corixo: termo matto-grossense, designando os canaes por onde se escoam as aguas das lagôas, brejos ou varzeas, para o rio proximo. Tambem se diz *corixa*.

Corredeira: expressão correspondente aos *Rapides* dos francezes, e que designa a parte de um rio em que as aguas, por força da rapida acceleração de declividade do sólo, adquirem velocidade extrema, rolando celeres em cachões e borbotões, sendo obice á navegação. Em Ilheus e outros pontos do sul da Bahia chama-se *Corrida*.

Coxia: pequena e pouco elevada collina que corre pelos campos, quebrando-lhes a uniformidade monotona da horisontalidade, por vezes, notavel, esmagadora.

Coxilha: denominação do Sul do Brasil, assinalando uma extensa e prolongada lombada, cuja vegetação consiste emervas de pastagens e que, quando correm parallelas nas coxilhas em successão golpeante se chamam *Campos dobrados*. A maior lombada recebe o nome de *Cochilhão*. Os pseudo collos das *cochilhas* que vão ter á *Canhada* chamam-se *Descambadas*.

Dobrado: em Matto Grosso assim se denomina um terreno com ondulações.

Estirão: dilatado e extenso tracto rectilíneo do curso de um rio. E' termo usado principalmente na Amazonia, onde os possantes mecanismos apresentam os seus cursos, não raro, desenhados em direcção proxima-mente recta. No Estado de Matto Grosso, em alguns pontos como no valle do Sepotuba, chamam esta direcção rectilínea *Furados*.

Firme: designação dada na Amazonia aos terrenos mais altos que se erguem em meio dos ensopados *igapós*, facilmente inundaveis na epoca das *cheias* dos rios. São em meio do alagadiço pontos de muito valor poleographico.

Furo: accidente hydrographico da Amazonia, symbolisando uma communicação natural entre dois rios differentes ou entre um rio e um lago. Os furos amazonicos, com os demais accidentes da hydrographia amazonica, entretecem a mais enramada teia hydrographica que se conhece: é bella, grandiosa, irrequieta, atrapalhada.

Gorgulho: nome que se dá no norte do Brasil aos taboleiros de areia e cascalho que fazem a obstrucção da foz de um rio. Em Minas-Geraes, segundo Saint-Hilaire, qualifica os fragmentos das rochas ainda angulosas no meio das quaes ainda se encontra o ouro nas lavras chamadas de *gupiára*. Isto se lê no Diccionario Chorographico de Moreira Pinto.

Gupiára: significa depositos diamantiferos nas cristas e enfestas dos morros e serrotes. E' muito usado em Minas-Geraes e se escreve tambem *grupiára*.

Guahyba: nome que em alguns Estados dão aos pantanos profundos.

Igapó: termo da Amazonia, significando floresta

inundada, por occasião da enchente dos rios. Verdadeira baixada marginal onde se represa e espalha o excedente das aguas dos rios, ficando desse modo afogados grandes trechos de floresta. E' muitas vezes um brejal emmagado de dimensões extraordinarias.

Igarapé: (*caminho de canôa*) é um nome da Amazonia, especificando os esteiros ou rios pequenos que sómente deixam passar as canôas e que penetram em direitura ao interior das terras. Esta formação hydrologica é um dos caprichosos e peculiares accidentes da grande baixada por onde corre o *Rex Fluviorum*.

Ipu: termo cearense, denotando os terrenos humidos e frescos adjacentes aos serrotes e que se desenrolam em valles e varzeas. São em geral de côr escura, ricos em humus, muito ferteis.

Ipueira: pequena massa de agua que se armazena durante a estação das aguas nos baixios marginaes aos rios, ahi demorando para mais de quatro mezes. Às vezes o rio se communica com a *Ipueira*, geralmente muito piscosa. E' formação propria á bacia do S. Francisco. No Estado do Pará denominam *Puêra* a lagôa enlameada que, após a vasante dos rios, fica nos campos que foram inundados.

Itaipava: denominação do norte do Brasil, qualificando um recife que atravessa um rio de margem a margem, tornando-o vadeavel nesse lugar, formando-se porém em geral corredeiras por entre as pedras. Em Goyaz, affirma Couto de Magalhães, chamam *Intaipaba* e, segundo Castelnau, se diz no Amazonas *Entaipava*.

No Pará denominam *Travessão* esta especie de recife que, apresentando soluções de continuidade, deixa que se abram canaes profundos; e no Maranhão assim designam a um banco de areia que corta o rio no mesmo sentido.

Itambé: escripto tambem *Itaimbé*, annuncia em Matto Grosso e outros pontos do paiz os profundos barrancos, despenhadeiros escarpados ou precipicios cor-tantes. Em Matto Grosso denominam tambem *Tromba*. A sua origem ethnologica é: *ita* - pedra, *aimbé* - afiado.

Itapeva: no Maranhão assim se diz da suc-cessão de pedras parallelas ás margens de um rio. Neste caso a *Itaipava* é uma especie de barragem transversal e a *Itapera* é um recife longitudinal.

Maceió: usado em Pernambuco, designando as depressões existentes em terrenos arenosos, que dão escoamento as aguas por occasião das chuvas.

Maloca: vocabulo de origem araucania, tradu-zindo aldeia de indios, selvagens ou mansos, ao mando dos *tuchauas*. Nos sertões do Ceará este termo applica-se aos magotes de gado que os vaqueiros juntam e levam para os rodeios centraes ou curraes.

Paraná: ou antes *Paraná-mirim* (pequeno rio) termo amazonico revelando os braços de um rio que se abrem entre as ilhas marginaes, formando dest'arte verda-deiros canaes latteraes. O Sr. Moreira Pinto diz que é a porção estreita de um grande rio formada e apertada entre ilhas ou entre uma ilha e a terra firme. E' outro caracte-ristico exclusivista da potamologia amazonina.

Pancada: denominação do Pará, designando a queda das aguas de um rio, principalmente se o salto é a pique, cahindo as aguas verticalmente. Assim dizem os paraenses : pancada do Sabão no rio Xingú, o famoso enteado da Geographia do Brasil, na phrase de Steinen.

Pedral: tambem chamado *pedraria*, é um nome usado no Pará, caracterisando o amontoamento de rochas e pedras que impedem e embaraçam a navegação.

Perão: assim se chama um lugar profundo de

rio ou mar, ou lagôa, proximo a margem ou praia e cujo fundo se não alcança a não ser com sondas.

Peris: termo de Matto-Grosso, assignalando as depressões do solo formadas e reprofundadas pelas aguas que se escoam, obedecendo ao declive do solo.

Picada: verêda, caminho estreito, aberto na matta, verdadeiro trilho de penetração para o mais intimo della. Desenha-se em geral rectilineamente.

Pororoca: phenomeno curiosissimo peculiar a alguns dos rios da Amazonia e significando ondas de volume magestoso que, dotadas de vertiginosa velocidade ao lado de ruido trovejante e assustador, se enovelam em direcção á montante do rio, devastando tudo que encontram e deixando nas margens os signaes patentes de seu poder destructivo. Observa-se, além de outros pontos, nos rios Guamá, Capim, Purús, braço septentrional do Amazonas, Araguay e tambem no Mearim do Maranhão.

E' lhe analago o *mascaret* do Seine, entre Guillebeuf e o meandro de Caudebec; assim tambem o *Bore* do Hughly, uma das embocaduras do Ganges e o *macareu* dos portuguezes que assim appellidaram quando chegaram a Asia, a onda marinha fazendo recuar a corrente de algum dos rios por elles visitados. E' util a leitura de um artigo de John Branner, eminente geologo americano, sobre a *Pororoca*, publicado na « Science » Novembro 28-1884, vol. IV, p p 488-492 sob o titulo « The pororoca or bore of the Amazon ».

Potreiro: termo do Rio Grande do Sul, nomeando um campo cercado, com pastagens e aguada, destinado a animaes. Em Minas-Geraes dá-se o nome de *Piquete* e na Bahia e Sergipe o de *Manga*.

Queimada: parte de floresta incendiada para

um fim qualquer ou casualmente e onde medram de novo esboços de mattas quanto á vegetação.

Observa-se que nas *queimadas* apparecem especies vegetaes ainda não conhecidas no lugar.

Raso : termo usado nos sertões da Bahia e Sergipe, significando capueira baixa, onde as arvores e arbustos se entrelaçam de modo que formam uma trama de urdidura inextricavel.

Ao longo os *rasos* assemelham-se a infindos plainos onde a vegetação é egual e da mesma altura.

Rebojo : significa os movimentos circulares das aguas de um rio que em curipos, formam um sorvedouro ou remoinho. E' termo usado no Pará e Goyaz onde ha um preconceito que sustenta ser o *rebojo* um ser vivo que desperta á passagem ruidosa das ligeiras *ygaras* ou canoas. Esta palavra na Bahia é empregada pelos maritimos como prenuncio de máo tempo.

Repiquete : os rios da Amazonia além das enchentes periodicas que tanto lhes individualisam o regime, tem pequenas enchentes parciaes e rapidas a que os naturaes chamam *repiquetes*; são verdadeiras oscillações do nivel fluvial devidas a camadas de agua que tufam e inflam o rio. Em alguns casos os *repiquetes* são prenuncio de enchente proxima.

Restinga : praia de mar, coberta de vegetação. No Rio-Grande do Sul chama-se assim a orla de matto, mais ou menos estreita que acompanha as margens de um rio. Em outros logares applica-se esse termo a qualquer porção arenosa do littoral, tomando-se ainda no Sul, no sentido de flecha que separa as aguas das lagunas littoraneas do mar. No Paraná, diz Moreira Pinto, traduz uma estreita e comprida matta que separa dois campos de pastagem.

Rincão : termo do Rio-Grande do Sul, especi-

um fim qualquer ou casualmente e onde medram de novo esboços de mattas quanto á vegetação.

Observa-se que nas *queimadas* apparecem especies vegetaes ainda não conhecidas no lugar.

Raso : termo usado nos sertões da Bahia e Sergipe, significando capueira baixa, onde as arvores e arbustos se entrelaçam de modo que formam uma trama de urdidura inextricavel.

Ao longo os *rasos* assemelham-se a infindos plainos onde a vegetação é egual e da mesma altura.

Rebojo : significa os movimentos circulares das aguas de um rio que em curipos, formam um sorvedouro ou remoinho. E' termo usado no Pará e Goyaz onde ha um preconceito que sustenta ser o *rebojo* um ser vivo que desperta á passagem ruidosa das ligeiras *ygaras* ou canôas. Esta palavra na Bahia é empregada pelos maritimos como prenuncio de máo tempo.

Repiquete : os rios da Amazonia além das enchentes periodicas que tanto lhes individualisam o regime, tem pequenas enchentes parciaes e rapidas a que os naturaes chamam *repiquetes*; são verdadeiras oscillações do nivel fluvial devidas a camadas de agua que tufam e inflam o rio. Em alguns casos os *repiquetes* são prenuncio de enchente proxima.

Restinga : praia de mar, coberta de vegetação. No Rio-Grande do Sul chama-se assim a orla de matto, mais ou menos estreita que acompanha as margens de um rio. Em outros logares applica-se esse termo a qualquer porção arenosa do littoral, tomando-se ainda no Sul, no sentido de flecha que separa as aguas das lagunas littoraneas do mar. No Paraná, diz Moreira Pinto, traduz uma estreita e comprida matta que separa dois campos de pastagem.

Rincão : termo do Rio-Grande do Sul, especi-

ficando o campo cercado de mattas ou outros accidentes naturaes onde se deitam a pastar os animaes. Corruptela do castelhano rincón e correspondente ao vocabulo portuguez recanto.

Saccado: assim se qualificam na Amazonia os lagos marginaes, formados pelos rios no seu divagar constante e perenne e onde elles represam o excedente de suas cheias colossaes, funcionando como verdadeiras valvulas de segurança que nos patenteam um phenomeno estupendo de hydraulica fluvial.

Sacco: grande corte, em fórma de meia lua ou immenso circo, que se apresenta nos paredões abruptos dos rebordos escarpados de serras e maciços montanhosos. E' termo usado em Pernambuco, onde tal formação se apresenta a miude no massiço montanhoso constituido pelas serras de Coqueiro, S. José, Catimbáo, Quiry d'Alho, a noroeste da villa de Buique. O mais notavel é o *Sacco* do Brejo, com 6 kilometros de diametro interno, (1) comprehendendo tres *saccos* internos. Pingadeira, Caiano, Cocos.

Salões: tambem chamados *Torrões*, designando baxios de argilla vermelha endurecida que se depositam no leito dos rios embaraçando a navegação. São termos do Acre.

Sanga: aprofundada excavação feita no solo pelas chuvas ou mesmo pelas aguas do lençol subterraneo, fazendo esboroar-se a terra solapada e minada transformando-se em escoadouro das aguas já de um lago, já de um banhado ou brejal, affluindo para um rio ou para o mar. O leito das sangas muitas vezes encerra perigosos lamaçaes chamados *Caldeirões*. E nome usado no sul do Brasil e como exemplo trivial

citaremos a *sanga do Madeira*, escoadouro das aguas da Lagôa do Morro Sombrio, indo desembocar no rio Mampituba, limite entre o Rio Grande do Sul e Santa-Catharina.

Taboleiro: trato achanado dos campos, de terrenos duros, aridos, arneirosos, despidos de vegetação alta. No Sertão da Bahia os vaqueanos conhecem o taboleiro coberto e o cerrado. Barbosa Rodrigues chama *Taboleiro* o campo sobre o planalto ou rechano.

Tombadores: leves ondulações que estreitam e cingem pseudo-valles. Às vezes as achadas dos tombadores são o começo das *chapadas e taboleiros*.

Travessão: especie de recife que vae de uma a outra margem do rio cortado, porém em diversos pontos por onde se abrem canaes mais ou menos profundos. E' termo usado no Pará e em Goyaz. No Maranhão assim se qualifica um banco de areia que atravessa o rio, tornando-o vadeavel.

Varadouro: termo da Amazonia, appellidando a vereda atalhadora que, por terra, vae de uma vertente fluvial a outra.

Vasantes: denominação que no Nordeste Brasileiro, se dá aos terrenos humidos das margens baixas dos rios ou mesmo de seus leitos (no caso de serem periodicos) e onde os sertanejos espalham a sementeira dos grãos da pequena cultura nellas praticada. Em alguns pontos da Bahia assim se chamam as lexirias inundadas pelos rios na epocha das enchentes e segundo Moreira Pinto, no Ceará, dá-se este nome ás plantações de diversas fructas alimenticias, as quaes são guardadas por cercados de talos de carnaúba.

Volta: termo usado no occidente da Amazonia, indicando as curvas, sinuosidades ou meandros dos rios que ali as desenham no solo facilmente erosavel.

Conhecem os naturaes as *Volta Rapidas* e as *Fechadas*. *Rapida* é a *Volta* delineada de abrupto, inopidamente. *Fechada* quando ella se fórma com mais desafogo, envolvendo um isthmo, não raro, muito alongado. Interessante é o estudo do trabalho mecanico da erosão nesses rios determinando os seus abandonos, os seus recuos, as suas mutações, que, em conjuncto surprehendedor, se revelam organismos possantes em pleno arroubo e viço da idade primeira.

*
* *

Ahi fica o que pude respigar no varejamento de terreno tão cheio de pedregaes. Escusos desvãos deixaram de ser esquadriñhados como abertamente se denuncia da leitura acima. Traços apagados riscaram-se na breve noticia e pallida memoria. Que se lhe reúna o que falta e se realce o descolorido. E de feito, no emboscado de meu desvalor, espero o veredictum da douta assembléa que movimenta o primeiro passo para o advento de nova phase nos dominios do conhecimento da nossa cara e adoravel Patria, tão portentosa quanto desconhecida, até agora, impatriotica, criminosamente. Por isso fecho a minha contribuição, com ardentes applausos aos iniciadores resolutos da assaz bella e proveitosa acção.

Os fructos não tardarão em surgir na revelação scientifica do amado Brasil.

Bahia, S. José, 47, Setembro de 1909.

Bernardino José de Souza.

O CORSARIO

PAULUS VAN CAARDEN

NA

BAHIA

1604

I



s grandes expedições armadas contra o Brasil pelos Hollandezes, em 1623 e 1629, foram precedidas, desde o ultimo quartel do seculo anterior, por numerosos commettimentos de menor vulto e mais apagada memoria.

Agrilhôado Portugal á monarchia castelhana, o seu vasto imperio colonial ficára expôsto ás incursões dos audazes navegadores neerlandezes, indefessos na faina de represalias contra o inimigo hereditario: d'ahi a frequencia dos fastos de preza e de salteio registados nos annaes contemporaneos dos dominios lusitanos na Asia, Africa e America.

Emprezas de verdadeira pirataria, aprestadas no declarado designio de arruinar o commercio maritimo da Hespanha, mas, realizadas antes na esperanza de opulentos saques, estas expedições, isoladas e intermitentes, ficaram, nas paginas de nossa historia, como

que offuscadas pela magnitude das operações subsequentes de invasão e de conquista.

Aliás os pormenores de sua realisação, em geral, são pouco sabidos e escassos os documentos que os consignam; contudo fôram ellas que ministraram aos Hollandezes o conhecimento perfeito da situação do Brasil, revelado pelo exito das investidas contra a Bahia e Pernambuco.

A mais remota d'aquellas tentativas parece ter sido a de Olivier van Noord que, empenhado n'uma viagem de circumnavegação, em 1598, procurou tomar viveres no Rio Doce e no Rio de Janeiro; mas, sendo em ambos estes lugares hostilmente recebido pelos habitantes, passou o estreito de Magalhães e continuou a sua derrota até as ilhas Felippinas, depois de haver tentado em vão estabelecer-se no Chile.

A primeira grande expedição destinada a prejudicar os Hespanhóes na America, diz Netscher, teve lugar em 1599, ás ordens de Pieter van der Does. Fôra enviado, com setenta navies, para se apoderar de qualquer uma das possessões castelhanas nas Indias Occidentaes.

Em caminho assenhoreou-se da Grande Canaria, donde fez voltar á Hollanda metade de sua frota, carregada com os despojos arrancados aos inimigos. Após, em vez de se dirigir directamente para a America, fim de sua viagem, fez-se de rumo para a costa da Guiné, onde tomou a ilha de S. Thomé. Alli, a influencia do clima causou enorme mortalidade entre os tripolantes da frota: em menos de duas semanas o general e mil e duzentos de seus homens succumbiram á febre amarella. Os sobreviventes ficaram tão reduzidos e extenuados pelas molestias, que o almirante Leynssen, successor de Van der Does, em lugar de vir com toda a sua frota

ao Brasil, expedio para aqui apenas uma esquadilha de sete navios sob as ordens dos capitães Hartman e Broer ⁽¹⁾. Estes, aportando a Bahia, em 23 de Dezembro de 1599, assolaram o Reconcavo, durante cinquenta e cinco dias, e apesar da energica resistencia opposta pelo governador interino, Alvaro de Carvalho, retiraram-se com bôa preza ⁽²⁾.

De uma outra — das mais typicas e das mais ignoradas — d'estas incursões acabamos de encontrar minuciosa informação n'uma antiga e rarissima « gazeta » allemã, ultimamente comprada em Amsterdam.

O *Diario Bellico Neerlandez*, conforme ao sabor da época teria certamente traduzido o titulo de *Niederlendischer Kriegs — Journal* o erudito Severim de Faria, é uma especie de annuario politico-militar, collecção variadissima de noticias dos successos marciaes occorridos nos acampamentos de Mauricio de Nassau e do Marquez de Spinola, desde a Paschoa até ao outomno de 1605, em Brabante, em Flandres, no Rheno e na Westphalia; de factos succedidos em varios lugares e reinos proximos e remotos; da batalha naval ferida, nas costas da Inglaterra, entre as frotas da Hespanha e dos Estados-Geraes, e, finalmente, das viagens de alguns navios a Africa e a America de 1603 a 1605.

É esta ultima parte que principalmente nos interessa na curiosa collectanea, publicada, sem data nem designação de lugar, provavelmente em fins de 1605, n'um caderno *in-folio*, de 43 folhas numeradas, afóra uma de indice, e escripta em allemão assás barbaro.

Evidentemente fazia parte de uma publicação

(1) P. M. NETSCHER: *Les Hollandais au Brésil*, pags. 2-3. Paris, (1853).

(2) FR. VICENTE DO SALVADOR: *Historia do Brasil*. — *Annuaire da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, vol. XIII, pags. 160-161. Rio de Janeiro, 1888.

periodioca, cujo titulo de *Nuove Historice relationis Continuationis*, se lê no alto das paginas, e o seu compilador anonymo declara havel-a constituido, com grande trabalho e despeza, dos escriptos mais fidedignos.

Na realidade, o seu variado conteúdo parece ser quasi todo original.

Assim é que, ás fls. 17-24, encontramos a *Relação Summaria e Noticia da partida de alguns navios, apresetados pelos Estados-Geraes, do que obraram contra os Hespanhões, na costa e portos do Brasil, e do que aos mesmos navios succedeu durante a sua viagem de anno e meio* — positivamente escripta por testemunha presencial.

É o diario da expedição de Paulus Van Caarden á Bahia, empreza da qual o proprio Varnhagen, inexcusado em estudos archivaes e em pesquisas bibliographicas, pouco mais soube além do nome do chefe (3), mercê de breve referencia na *Jornada do Maranhão*, de Diogo de Campos Moreno (4).

Como todos os *lo-books*, ou roteiros, é habitualmente, de aridez e monotonia rebarbativa; por isso preferimos condensar, em succinta exposição, o respectivo trecho concernente á travessia de Texel a ilha de Santa Helena, reservando para traducção verbal a parte propriamente relativa ao ataque da capital do Brasil.

II

Em fins de 1603, os Estados-Geraes da Hollanda deliberaram aprestar uma frota destinada a cruzar no

(3) Visconde de Porto Seguro: *Historia Geral do Brazil*, 2.^a edição, vol. I, pag. 410 — Rio de Janeiro, (1878).

(4) « Neste tempo (1604) succedeu, que os Hollandezes acometeram a Bahia de Todos os Santos, sendo seu General Paulus Van Caarden, a qual se defendeu desta armada honradamente, não tendo fortificação, nem artilharia equivalente a semelhantes forças ». *Op. cit.*, *Rev. Trím. do Inst. do Ceará*, vol. XXI, pags. 210-211 — Fortaleza, 1907.

Oceano Atlantico á caça de navios hespanhóes; neste intuito foram equipadas sete vélas: a almiranta — *Hollandtschen Thuyt* (Jardim de Hollanda) (5) de 44 peças, em que vinha o chefe da expedição, general Paulus Van Caarden, marinheiro experimentado e futuro heróe de grandes façanhas na India, era commandada pelo capitão Joachim e Hendriks Schwartzhund; a vice-almiranta *Witte Valck* (Falcão Branco), de 24 peças, sob o commando de Iohan Boelisz, de Enkhuyzen; o *Samson*, de Horn, tambem de 24 peças, capitão Beets; ainda outro navio de 24 peças, chamado o *Navio Inglex*, por trazer pintadas na pópa as armas da Inglaterra, e do qual era capitão Iohan Adriansz, de Amsterdam; um navio de viveres, de nome *Bull van Horn* (Touro de Horn), montando 14 peças; um hyate, de 6 peças, denominado *Goudesink* (Tentilhão Dourado), e, finalmente, ainda outro navio de viveres, o *Valcktiyn*, (Falcãozinho), de 6 peças.

Esta frota fez-se de vela, do porto de Texel, a 18 de Dezembro de 1603, de conserva com o comboyo das Indias Orientaes, mas, na mesma noite, foi dispersada por tormentas e ventos contrarios, e teve de arribar, a 24, a Plymouth, na Inglaterra, onde permaneceu quasi um mez.

A 24 de Janeiro de 1604, quando de novo se fazia ao mar, occorreu um accidente que determinou o seu regresso áquelle porto: detonando o condestabre da almiranta um canhão, este arrebentou matando-o, ferindo a

(5) Relatando os successos do ataque levado á Bahia, em 1599, pela citada frota hollandeza ao mando dos Capitães Hartman e Broer, Frei Vicente do Salvador explica que a respectiva capitanea se chamava «Jardim de Hollanda, por um jardim deervas e Bóres, que trazia dentro em si». (Loc. cit., pag. 160).

E, aliás, tão notavel a concordancia de todas as peripecias desta investida, narradas por Frei Vicente, com as da de Van Caarden que quasi nos inclinamos á supposição de ter o metetissimo chronista bahiano confundido numa só as duas expedições de 1599 e de 1604, maxime attendendo-se a que d'esta ultima nada disse.

varios tripolantes e avariando o convez e a coberta da nau.

A victima foi sepultada no cemiterio de Plymouth, com as honras militares, sendo o feretro transportado sobre piques, coberto com a bandeira do Principe de Orange, levando em cada extremidade um morrão e no centro um polvarinho; precedia-o um tambor com o instrumento envolto em crêpe e fechavam o prestito vinte mosqueteiros e dois cabos.

Emfim a 11 de Fevereiro, a frota zarpuu pela terceira e ultima vez da costa ingleza e começou a sua taréfa de depredações, aprezando, a 17, uma barca hespanhola carregada de maçães, castanhas e toucinho, e cujos tripolantes, em numero de dezesete, imploraram ardentemente quartel, temerosos de serem lançados ao mar; esta primeira preza foi saudada com salvas de canhão, e aos seus tripolantes concedeu o almirante a liberdade.

A 21, detivéram um navio inglez, cujo capitão informou terem chegado a Lisbôa, vindos das Indias Occidentaes, sete galeões com cento e quarenta cunhêtes de prata; traziam as campanhas quasi todas doentes, pelo que seriam de facil preza; não se deixou Van Caarden tentar pela cobiça de conquistal-a e, proseguindo na sua derrota, chegou no dia seguinte a vista do cabo de S. Vicente, onde os seus aprisionaram e pilharam um barco de pobres pescadores.

Na tarde de 23 alcançaram dois navios francezes, vindos de Alicante, carregados de vinho; uma d'estas prezas logrou fugir, durante a noite, aos captores, em poder dos quaes ficaram o seu capitão e mercador, que foram postos a ferros na almiranta.

A 24, o almirante reuniu o conselho de officiaes, ficando resolvido aproarem ás ilhas Canarias; em

caminho fôram salteados por uma borrasca, durante a qual desgarrou da frota o hyate *Goudefink*.

A 29, chegaram a vista da ilha da Madeira, onde tentaram desembarcar; mas, foram impedidos por ventos contrarios.

A 1.º de Março detivêram dois navios inglezes, que iam carregar sal na ilha de Maio, afim de depois seguirem para as pescarias da Terra Nova.

A 3, aportaram a Tenerife, fazendo, no dia seguinte, uma tentativa de desembarque, com quatro chalupas armadas; mas, encontraram os habitantes da ilha de sobreaviso, havendo reunida na praia muita gente de pé e de cavallo, com a qual escaramuçaram por algum tempo, desistindo por fim do intento.

De Tenerife seguiram para ilha do Ferro onde, a 6 de Março, aprisionaram de surpresa um Hespanhol, que se disse filho do governador da ilha e foi posto a ferros na almiranta; alli fundeados começaram a descarregar o navio francez aprezado a 23 de Fevereiro, tendo a ventura de achar, entre os barris do seu carregamento de vinho, varios saccos com dinheiro e tambem muitas moedas hespanholas, de oito realês, dentro dum dos barris. No mesmo dia o almirante escreven ao governador da ilha, tratando do resgate do prisioneiro.

A 7, cêdo pela manhã, a chalupa da almiranta, commandada pelo capitão da mesma e tripolada de soldados e marinheiros, foi a terra em busca da resposta; chegados a praia indagaram da importancia do resgate que pretendiam dar pelo prisioneiro, sendo-lhes offerecido um barril de vinho, alguns queijos e dois ou tres cabritos; parecendo ao capitão por demais mesquinha a offerta, disseram-lhe que enforcassem o seu patricio, e com isto voltaram para bórdo.

Soprando vento galerno, o almirante resolveu

caminho fôram salteados por uma berrasca, durante a qual desgarrou da frota o hyate *Goudesink*.

A 29, chegaram a vista da ilha da Madeira, onde tentaram desembarcar; mas, foram impedidos por ventos contrarios.

A 1.º de Março detivéram dois navios inglezes, que iam carregar sal na ilha de Maio, afim de depois seguirem para as pescarias da Terra Nova.

A 3, aportaram a Tenerife, fazendo, no dia seguinte, uma tentativa de desembarque, com quatro chalupas armadas; mas, encontraram os habitantes da ilha de sobreaviso, havendo reunida na praia muita gente de pé e de cavallo, com a qual escaramuçaram por algum tempo, desistindo por fim do intento.

De Tenerife seguiram para ilha do Ferro onde, a 6 de Março, aprisionaram de surpresa um Hespanhol, que se disse filho do governador da ilha e foi posto a ferros na almiranta; alli fundeados começaram a descarregar o navio francez aprezado a 23 de Fevereiro, tendo a ventura de achar, entre os barris do seu carregamento de vinho, varios saccos com dinheiro e tambem muitas moedas hespanholas, de oito realés, dentro dum dos barris. No mesmo dia o almirante escreveu ao governador da ilha, tratando do resgate do prisioneiro.

A 7, cêdo pela manhã, a chalupa da almiranta, commandada pelo capitão da mesma e tripolada de soldados e marinheiros, foi a terra em busca da resposta; chegados a praia indagaram da importancia do resgate que pretendiam dar pelo prisioneiro, sendo-lhes offerecido um barril de vinho, alguns queijos e dois ou tres cabritos; parecendo ao capitão por demais mesquinha a offerta, disseram-lhe que enforcassem o seu patricio, e com isto voltaram para bórdo.

Soprando vento galerno, o almirante resolveu

apressar a partida e fez-se ao mar, levando rumo as ilhas do Sal; o navio francez, privado de seu carregamento, foi antes abandonado aos seus tripolantes.

A 16 de Março alcançaram a ilha de Maio, apre-
zando alli um barco hespanhol, guarnecido de negros e
moradores de Santiago; havia a bôrdo alguns perús,
gallinhas e cabritos; durante a noite os marinheiros da
frota pegaram muito peixe.

Na referida ilha de Maio, estavam fundeados doze
navios, sendo nove inglezes e tres hollandezes, alli che-
gados para carregar sal; por elles soubéram da passagem
do comboyo das Indias Orientaes, que levára da ilha
muitas cabras e gallinhas e incendiára quasi todas as
cabanas dos moradores.

A 18, voltou á frota o hyate *Goudefink*, que havia
tres semanas desgarrára, trazendo uma barca aprezada
junto á praia de Santa Cruz e carregada com trinta barris
de vinho e outras mercadorias. A' tarde veio á bôrdo da
almiranta o governador da ilha trazendo de presente
alguns cabritos e gallinhas.

A 19, occuparam-se em descarregar as duas prezas,
tirando d'ellas tudo que podiam aproveitar e queimando-as
depois.

A 20, o almirante concedeu ao governador da ilha
a liberdade de todos os hespanhões e negros prisioneiros,
e na tarde do mesmo dia a frota fez-se de véla para a
ilha de Santa Helena.

A 9 de Abril aprezaram uma barca hespanhola,
carregada de vinho e farinha, em viagem para o Brasil.

Começaram então a soffrer muito do calor intole-
ravel, aggravado pela calmaria, e o almirante expedio
ordens severas prohibindo os banhos no mar onde pullu-
lavam ás duzias, enormes tubarões; providenciou tambem

no sentido de evitar as frequentes rixas e pugilatos entre os tripolantes da frota.

A 8 de Maio foi descarregada e incendiada a ultima preza.

A 2 de Junho, cêdo pela manhã, a frota chegou á vista da ilha de Santa Helena, motivo de grande jubilo a bórdo, pois havia muitos doentes accommettidos de escorbuto.

A 4, fôram armadas em terra muitas barracas para abrigo de numerosos doentes.

A 5, os tripolantes sãos fôram a caça de cabritos e porcos, de que havia em abundancia, para refresco dos doentes.

A 6, os marinheiros descobriram um pomar de macieiras, cujas fructas fôram distribuídas aos doentes, afim de que podêsssem fortalecer-se e refazer-se.

A 7, os navios começaram a fazer aguada, depois de terem préviamente descarregado a balaria e a polvora de espingarda, que foi novamente reembarcada.

A 24, o almirante mandou desfraldar todas as suas bandeiras e flamulas, no que foi imitado pelos demais navios, e, em varios pontos da praia, accenderam-se grandes fogueiras por ser dia de S. João.

III

A 1.º de Julho de 1604 — prosegue o ignorado autor do diario da expedição — a frota partio de Santa Helena, com o tempo chuvoso, e fez-se de rumo para a Bahia.

A 19 do dito, avistaram uma barca, para a qual approaram, fazendo toda diligencia para alcauçal-a; mas, foi debalde, pois, soprava um vento tão forte e impetuoso

que não podiam largar as vélas, e por isso a perderam novamente de vista.

Na madrugada de 20 do dito, lobrigaram terra, isto é, a Bahia; mas amararam-se de novo até romper o dia, quando outra vez aprearam para terra, onde chegaram pelo meio-dia, soffrendo dos fortes tão vivo fogo, que a chalupa da almiranta foi alcançada por um pelouro e a sota-capitanea teve as vélas varadas por outro.

No ancoradouro estavam fundeados dois navios e varias barcas que, ao avistarem a frota, em parte se abrigaram junto á cidade e em parte se recolheram para o fundo da bahia, perseguidos pela sota-capitanea, o navio de viveres e um hyate; a almiranta e a vice-almiranta postaram-se debaixo da cidade, donde lhes fizeram violento fogo, ao qual tambem responderam com vehemencia.

No mesmo dia aprezaram um navio de Hamburgo, que já havia tomado o seu carregamento de assucar.

Ainda na tarde do mesmo dia o almirante e o vice-almirante tripolaram as suas chalupas com soldados e marinheiros, e, á noite, approximaram-se com ellas da praia para manter bôa guarda, pois, os de terra haviam accendido, ao longo da praia, muitas fogueiras para signal.

A 21, cêdo pela manhã, as chalupas voltaram para bôrdo; mas fôram, sem demora, guarnecidas de outros soldados e marinheiros afim de seguirem no encalço d'uma barca, que se avistava no mar, e fôra aprezada e guarnecida por gente do hyate de Amsterdam; estava porém vazia.

Na mesma data, depois do meio-dia, a chalupa da almiranta foi novamente provida de soldados e marinheiros, indo n'ella o almirante em pessoa, bem como o primeiro mestre e o escrivão; e cruzaram por toda a

parte junto á terra, no intuito de combater os navios inimigos.

Ainda na mesma tarde foram ter com a almiranta duas barcas vazias, aprezadas pelo hyate de Amsterdam, nas quaes barcas havia ainda tres negros tendo antes se lançado ao mar e morrido afogados dois outros, segundo disseram os seus companheiros, e o corpo de um dos afogados foi visto passar boiando com os pés para cima.

Á noite metteram soldados nas ditas barcas que foram mandadas de vigia junto a praia.

A 22 de Julho, o fogo do forte e da cidade recommçou com redobrado furor, sendo valentemente correspondido pelo da frota, chegando, só a almiranta, a fazer, neste dia, cincoenta e dois tiros contra o forte e a cidade.

A 23 do dito, pela manhã cêdo, comprehendendo que semelhante bombardeio lhes cauzava mais prejuizo, pelo gasto de polvora do que damno ao inimigo, os navios afastaram-se um tanto da praia, de modo que este dia se passou sem canhoneio de parte a parte.

Na tarde do mesmo dia, o almirante regressou com a chalupa, com a qual havia dois dias e duas noites andava ausente, tendo n'este tempo aprezado cinco barcas, uma vazia e quatro carregadas com assucar; deixou as ditas barcas fundeadas e guarnecidas por parte de seus soldados, por não poder trazê-las consigo, porquanto os Hespanhões haviam retirado d'ellas as velas e os lemes, e tambem porque, junto á foz do rio, estava querenado um navio de Rotterdam, cujo capitão, de nome Symon Tack, havia desembarcado a sua artilharia e levantado uma bateria no lugar por onde a gente da frota tinha de passar; e d'ella fizéram fogo sobre a chalupa do almirante, ferindo apenas um homem na face.

No mesmo dia appareceu um homem do navio do dito Tack, que alli estava querenado, e acenou para o

hyate; mandaram-no buscar e levar ao almirante, que d'elle tudo indagou, sendo verificada a verdade de suas declarações, isto é, que a gente do seu navio havia penetrado para o interior do paiz e queimado casas e armazens, o que lhes foi facil, pois os moradores tinham fugido por toda parte; comtudo, aqui e alli, déram com muitos negros, que os saltearam arrojadamente com arcos e flexas; mas, um tiro de mosquête bastou para pôr em fuga uma partida de mais de vinte delles; havia alli junto a praia muitas laranjeiras, com fructas tamanhas como cabeças de meninos, e tambem muitas bananas e mangas de excellente sabôr.

No dia 24, cêdo pela manhã, a chalupa da almiranta foi novamente guarnecida de soldados e marinheiros, indo nella o almirante em pessoa, afim de trazer as barcas carregadas de assucar e tambem de conquistar e pilhar a bateria; a sota-capitanea e o navio de viveres seguiram tambem, no intuito de bombardearem a bateria e facilitarem o desembarque á gente das chalupas.

Na tarde do mesmo dia, os Hespanhóes saíram ao longo da praia, com bandeiras despregadas, e nutriram, por mais duma hora, violento fôgo de mosquetaria contra a frota; igualmente atiraram da bateria que haviam levantado em terra e do forte, sobre o *Navio Inglez*, que, levantando o ferro e approximando-se da praia, despejou no meio delles uma banda inteira; ao que responderam os da cidade, sem, todavia, o attingirem.

A 25, sendo dia de S. Thiago, avistaram da frota uma barca, que vinha entrando a barra, e prepararam-se para ir sobre ella; mas, assim que a barca transpôz a barra, dispararam do forte um tiro de aviso, pelo que ella se foi abrigar debaixo do mesmo forte; vendo isto o capitão mandou a barca vazia em busca do hyate afim de que este procurasse aprezar a barca

recemchegada; mas, como o hyate estava muito distante e não pôde, em tempo, ser avisado, a barca conseguiu fundear bem perto da cidade; o *Navio Inglez* fez sobre ella muitos tiros, mas não pôde detê-la.

No mesmo dia o almirante expugnou a bateria, cujas peças mandou encravar, dando ordem para que fôsse pilhado tudo quanto ainda havia a bordo do navio de Rotterdam, comquanto pouca cousa de proveito ainda contivésse, sendo apenas encontrados alguns queijos e garrafas, que os marinheiros dividiram entre si. Na tomada da bateria tres dos homens do almirante fôram horivelmente queimados no rosto pela polvora de suas proprias armas, e quatro mais ficaram feridos de morte, esmagados sob a velha parede duma casa, que cahiu sobre elles quando transportavam uma caixa de assucar para a chalupa.

Havia ainda no navio aprezado tres ou quatro homens de Symon Tack, que pediram quartel e foram perdoados pelo almirante: eram o corneteiro, o contra-mestre, o cosinheiro e mais um ou dois marinheiros.

A 26 do dito, voltou á frota o almirante, com a chalupa, trazendo duas caravelas com assucar, as quaes, depois de passado este para as outras barcas, foram queimadas.

A 27 do dito, a chalupa da almiranta foi ainda uma vez guarnecida de soldados e marinheiros, indo n'ella o capitão em pessoa, e dirigiram-se de novo para o interior do rio, em busca de barcas, para o que levaram tambem o hyate e o navio de viveres de Amsterdam.

A 28 do dito, depois do meio-dia, encontraram duas barcas ancoradas no rio, junto á margem, ao lado d'um engenho de assucar, onde os Portuguezes haviam levantado uma bateria, e no mesmo momento em que os nossos chegavam pretendiam lançar fogo aquellas

embarcações, mas, não tiveram tempo de fazê-lo, pois, a chalupa da almiranta já se approximara tanto que logo tomou uma das barcas; mas, na outra já haviam posto fogo, pelo que tiveram de deixa-la; na que apre-zaram, cortaram a amarra e começaram a reboca-la da praia; mas, da bateria faziam tão vivo fogo que vararam de pelouros a tres homens na barca, um dos quaes era um gageiro, de nome Hendrick Hendriksen, de Worms, que morreu uma hora depois, e os outros dois soldados Reynder Haicks, de Greeningen, e Rijck Rijkesz, de Naerden, que, mais tarde, falleceram dos ferimentos.

Na referida barca havia varios barris com vinho, talhas com azeite e ainda outras boas cousas. O navio de viveres fez muitos tiros sobre a bateria e o engenho.

A 29 do dito, foram alli ter com os nossos as outras barcas, que andaram em um outro rio, trazendo duas prezas e tendo pôsto fogo a duas mais, que encontraram vazias; uma das primeiras prezas continha vinho e a outra estava vazia; mas como era nova trouxeram-na ao almirante.

Na mesma noite foram ter a bordo do *Navio Inglez*, numa jangada, dois pretos, que avisaram a tripolação para estar de sobreaviso, pois, os de terra procuravam, por todos os meios, incendia-lo; os quaes pretos foram postos a ferros na almiranta.

A 30 do dito seguiram, da frota para o rio, quatro chalupas, e, alli chegados, desembarcaram gente, que queimou todas as casas que achou pela margem do mesmo rio; mas os moradores tinham fugido todos. A' tarde as mencionadas chalupas voltaram para os navios.

E na mesma noite os da cidade lograram collocar artificios de fogo debaixo da galeria da popa do *Navio*

Inglez, de modo que já começava a arder quando acudiram; mas, sendo prompto o soccôrro, foi o fôgo dominado sem grande damno.

A 3 de Agosto, antes do meio-dia, o almirante mandou á terra, na jangada em que tinham vindo os pretos, dois grumetes portuguezes, levando bandeira de paz e uma carta que deviam entregar ao governador da cidade; na almiranta foi arriado o estandarte do Príncipe e içada uma bandeira de paz. Visto isto pelos da cidade, desfraldaram tambem uma bandeira de paz e mandaram um bote a buscar os grumetes.

Na mesma noite regressaram os grumetes na jangada, trazendo uma carta do governador para o almirante.

A 4 do dito, antes do meio-dia, foram enviados á terra, nos botes da almiranta e da vice-almiranta, o capitão Cant, commandante do *Navio Inglez* e o seu commissario, levando bandeira de paz. Chegados a meio caminho largou outravez de terra um bote com bandeira de paz, trazendo tres enviados do governador, com seus criados e um negro; trocando de embarcações, os nossos emissarios seguiram para terra, enquanto que os do inimigo viêram ter á almiranta, para deliberar sobre a troca de prisioneiros, porquanto em terra havia varios dos nossos captivos, que o almirante de bom grado trocaria por outros tantos dos Portuguezes que tinhamos apanhado; não chegaram, porém, a accôrdo, pois os ditos emissarios dissêram não ter poder para tanto, e que só o seu rei isto podia resolver, pelo que nada podiam fazer. Foram muito bem tratados a bôrdo da almiranta e na mesma noite regressaram para terra, mandando o almirante, em honra d'elles, disparar de seu bôrdo sete tiros de canhão e tres de cada um dos outros navios; mas, como os enviados do almirante não houvêsem regres-

Inglez, de modo que já começava a arder quando acudiram; mas, sendo prompto o soccôrro, foi o fôgo dominado sem grande damno.

A 3 de Agosto, antes do meio-dia, o almirante mandou á terra, na jangada em que tinham vindo os pretos, dois grumetes portuguezes, levando bandeira de paz e uma carta que deviam entregar ao governador da cidade; na almiranta foi arriado o estandarte do Príncipe e içada uma bandeira de paz. Visto isto pelos da cidade, desfraldaram tambem uma bandeira de paz e mandaram um bote a buscar os grumetes.

Na mesma noite regressaram os grumetes na jangada, trazendo uma carta do governador para o almirante.

A 4 do dito, antes do meio-dia, foram enviados á terra, nos botes da almiranta e da vice-almiranta, o capitão Cant, commandante do *Navio Inglez* e o seu commissario, levando bandeira de paz. Chegados a meio caminho largou outravez de terra um bote com bandeira de paz, trazendo tres enviados do governador, com seus criados e um negro; trocando de embarcações, os nossos emissarios seguiram para terra, enquanto que os do inimigo viêram ter á almiranta, para deliberar sobre a troca de prisioneiros, porquanto em terra havia varios dos nossos captivos, que o almirante de bom grado trocaria por outros tantos dos Portuguezes que tinhamos apanhado; não chegaram, porém, a accôrdo, pois os ditos emissarios dissêram não ter poder para tanto, e que só o seu rei isto podia resolver, pelo que nada podiam fazer. Foram muito bem tratados a bôrdo da almiranta e na mesma noite regressaram para terra, mandando o almirante, em honra d'elles, disparar de seu bôrdo sete tiros de canhão e tres de cada um dos outros navios; mas, como os enviados do almirante não houvêsem regres-

Inglez, de modo que já começava a arder quando acudiram; mas, sendo prompto o soccôrro, foi o fogo dominado sem grande damno.

A 3 de Agosto, antes do meio-dia, o almirante mandou á terra, na jangada em que tinham vindo os pretos, dois grumetes portuguezes, levando bandeira de paz e uma carta que deviam entregar ao governador da cidade; na almiranta foi arriado o estandarte do Príncipe e içada uma bandeira de paz. Visto isto pelos da cidade, desfraldaram tambem uma bandeira de paz e mandaram um bote a buscar os grumetes.

Na mesma noite regressaram os grumetes na jangada, trazendo uma carta do governador para o almirante.

A 4 do dito, antes do meio-dia, foram enviados á terra, nos botes da almiranta e da vice-almiranta, o capitão Cant, commandante do *Navio Inglez* e o seu commissario, levando bandeira de paz. Chegados a meio caminho largou outravez de terra um bote com bandeira de paz, trazendo tres enviados do governador, com seus criados e um negro; trocando de embarcações, os nossos emissarios seguiram para terra, enquanto que os do inimigo viêram ter á almiranta, para deliberar sobre a troca de prisioneiros, porquanto em terra havia varios dos nossos captivos, que o almirante de bom grado trocaria por outros tantos dos Portuguezes que tinhamos apanhado; não chegaram, porém, a accôrdo, pois os ditos emissarios dissêram não ter poder para tanto, e que só o seu rei isto podia resolver, pelo que nada podiam fazer. Foram muito bem tratados a bôrdo da almiranta e na mesma noite regressaram para terra, mandando o almirante, em honra d'elles, disparar de seu bôrdo sete tiros de canhão e tres de cada um dos outros navios; mas, como os enviados do almirante não houvêsem regres-

sado de terra, os emissarios da cidade foram de novo trazidos para bórdo, onde passaram a noite.

A 5 do dito, cêdo pela manhã, regressaram para terra os mencionados Portuguezes, levando bandeira de paz e o almirante mandou novamente disparar uma salva em honra delles; os de terra viêram logo ao seu encontro e dispararam toda a sua artilharia; em terra separaram-se os emissarios, voltando a nossa gente para bórdo; de novo arriou-se a bandeira de paz e foi içada a do Principe.

A 6 do dito vio-se da frota uma jangada, com dois pretos, que foram perseguidos e apanhados; mas, como dissêsem que tinham sahido a pescar, foram sôltos depois de fallarem ao almirante.

A 7 do dito fôram enviados, rio acima, o navio de viveres de Amsterdam, o hyate e duas chalupas, afim de fazerem aguada para toda frota.

A 8 do dito começaram a descarregar as barcas aprezadas.

A 9 do dito lançaram fôgo a uma barca vazia e deixaram-na derivar.

A 10 do dito começaram a reparar uma barca, que pretendiam levar comsigo em lugar do navio de viveres.

A 11 do dito regressaram o navio de viveres, o hyate e as chalupas, trazendo agua dôce e havendo incendiado algumas casas mais.

No mesmo dia os da cidade mandaram nadadores, isto é, dois mouros-amarellos, armados de artificios de fôgo, trazendo á cinta seis ou sete macacos (*Meerkatzen*) afim de que se suppuzesse que andavam á pesca; foram, porém, apanhados pelos da frota, que os levaram á presença do almirante; foram tão bem acontados pelos negros, que havia a bórdo, que o mais moço confessou terem os da cidade lhes proposto virem incendiar a

sado de terra, os emissarios da cidade foram de novo trazidos para bórdo, onde passaram a noite.

A 5 do dito, cêdo pela manhã, regressaram para terra os mencionados Portuguezes, levando bandeira de paz e o almirante mandou novamente disparar uma salva em honra delles; os de terra viêram logo ao seu encontro e dispararam toda a sua artilharia; em terra separaram-se os emissarios, voltando a nossa gente para bórdo; de novo arriou-se a bandeira de paz e foi içada a do Principe.

A 6 do dito vio-se da frota uma jangada, com dois pretos, que foram perseguidos e apanhados; mas, como dissêsem que tinham sahido a pescar, foram sôltos depois de fallarem ao almirante.

A 7 do dito fôram enviados, rio acima, o navio de viveres de Amsterdam, o hyate e duas chalupas, afim de fazerem aguada para toda frota.

A 8 do dito começaram a descarregar as barcas aprezadas.

A 9 do dito lançaram fogo a uma barca vazia e deixaram-na derivar.

A 10 do dito começaram a reparar uma barca, que pretendiam levar comsigo em lugar do navio de viveres.

A 11 do dito regressaram o navio de viveres, o hyate e as chalupas, trazendo agua dôce e havendo incendiado algumas casas mais.

No mesmo dia os da cidade mandaram nadadores, isto é, dois mouros-amarellos, armados de artificios de fogo, trazendo á cinta seis ou sete macacos (*Meerkatzen*) afim de que se suppuzesse que andavam á pesca; foram, porém, apanhados pelos da frota, que os levaram á presença do almirante; foram tão bem acontados pelos negros, que havia a bórdo, que o mais moço confessou terem os da cidade lhes proposto virem incendiar a

almiranta, o que acceitaram fazer; o mais velho era um capitão dos selvagens e tinha a pelle toda picada e retalhada, á moda do que entre nós se faz com os gibões acolchoados; estava pintado de varias côres; depois de serem ainda por algum tempo açoitados, foram postos a ferros na almiranta.

A 12 do dito, depois do meio-dia, derivaram de terra para o meio dos navios tres ou quatro jangadas, que foram mandadas apanhar, com receio de que contivessem artificios de fogo destinados a incendiar os navios.

Na mesma tarde incendiaram mais duas barcas, depois de terem retirado dellas tudo o que lhes agradou.

A 13 do dito, o almirante mandou para terra seis Portuguezes e dois grumetes, com as suas bagagens ou troços; estes foram dos mesmos Portuguezes apreçados debaixo da Linha em uma barca, conforme já foi dito.

No mesmo dia, ao anoitecer, voltaram outra vez trazendo uma carta para o almirante.

A 14 do dito, seguiram os botes para terra, levando mais dois Portuguezes e um mercador Hamburguez, que fôra aprisionado a bórdo do navio hamburguez.

A 15 do dito, os botes voltarão de terra com os dois Portuguezes apanhados debaixo da Linha; mas o mercador ficou em terra e não quíz mais voltar, pelo que os outros cinco Portuguezes da almiranta foram postos a ferros; feitos os signaes do costume, viêram á almiranta todos os capitães, e logo depois foram os Portuguezes de novo libertados e mandados para terra com suas bagagens.

A 16 do dito, o almirante e todos os officiaes foram banqueteados a bórdo do hamburguez. No mesmo dia começaram a desmantelar o navio de viveres de Amsterdam, pois o almirante receiava que em caminho fôsse a pique.

A 17 do dito, viéram todos os capitães a bórdo da almiranta ; o mercador hamburguez e o respectivo mestre foram transportados, com as suas bagagens, para bórdo do *Navio Inglex*, afim de nelle regressarem á Patria ; o mestre do *Samson*, de Horn, foi promovido a commandante do hamburguez.

A 18 do dito, mandou o almirante fazer os signaes do costume, chamando a bórdo todos os capitães, com ordem de trazerem todos os Portuguezès e negros que tivéssem nos seus navios ; depois de ouvidos pelo almirante, foram enviados para terra em um pequeno bote, quatro pretos e cinco Portuguezes.

A 19 do dito, foi posto fogo ao navio de viveres, depois de se ter retirado delle tudo o que podia ser de utilidade.

A 22 do dito, um selvagem ferio, com uma flexa no peito, a um soldado do *Samson*, de Horn.

A 25 do dito, foram apanhados e trucidados pelos selvagens mais dois dos nossos ; o cadaver foi encontrado e enterrado na praia ; o do outro, porém, não foi achado ; o primeiro tinha sido barbaramente mutilado, pois haviam-lhe cortado as partes genitae, decepado a cabeça e o pollegar da mão direita e ainda martyrisado muito.

A 27 do dito, pela manhã, o almirante mandou para terra o piloto do hamburguez e um preto, por estarem ambos doentes ; na mesma tarde reuniram-se a bórdo da almiranta todos os capitães e commandantes afim de deliberarem sobre o que doravante convinha fazer.

A 28 do dito, pela manhã, saíram todos barra a fóra, mercê do vento e da maré, fazendo, ao partir, tres tiros de canhão por despedida ; os da cidade e do forte fizéram outravez muitos disparos sobre os navios, sem lhes cauzarem damno ; mandaram tambem uma barca em seu encalço afim de ver que rumo tomava a frota, a

qual, refrescando o vento, teve de passar a noite junto a costa.

A 29 do dito, foi ainda avistada a barca mandada a espia-la.

A 30 do dito, soprando vento favoravel, perderam de vista a terra.

A 2 de Setembro, morreu a bordo da almiranta um tenente de nome Gaspar Jansz, de Amsterdam.

A 6 do dito, foram vendidas em leilão as roupas do dito tenente, bem como dos demais fallecidos na Bahia do Brasil, e o mestre da almiranta foi promovido a tenente, o contra-mestre a mestre e um quartel-mestre a contra-mestre; por este tempo havia muitos doentes a bordo dos navios e diariamente adoeciam outros, alguns dos quaes morriam.

A 19 do dito, avistaram dous navios, Pernambuco. No mesmo dia, acudindo aos signaes do costume, reuniram-se os capitães a bordo da almiranta e, após conselho, foram embarcados quinze soldados e um cabo, oito numa barca e oito no hyate, ás ordens do proprio capitão Joachim Hendricksz, por aleanha *Cão Negro* (Schwartzhund), bem como do *Samson*, de Horn, e seguiram para terra afim de verificarem si havia alli algum navio fundeado, que podéssem aprezar; mas ao se approximarem de terra, romperam sobre elles fogo, tanto do forte como da cidade, pelo que aquellas embarcações voltaram para a frota, e todos juntos afastaram-se da costa e fizéram-se de vela para as Indias Occidentaes.

Do ponto de vista brasileiro, é de nenhum interesse o conhecimento dos successos posteriores da expedição de Van Caarden.

Emquanto que, a 27 de Setembro, o navio de viveres regressou directamente para a Europa, levando as prezas feitas na Bahia, o grosso da frota proseguio sua derrota

para as Antilhas, chegando a 19 de Outubro, á vista da ilha da Martinica, com as companhias reduzidas e enfraquecidas por falta d'agua e de refrescos ; só a 25 do dito mez lograram alguma melhoria, ao aportarem a ilha Dominica, onde os indigenas forneceram os Hollandezes com bananas, batatas, cannas de assucar e fumo, em troca de facas, espelhos, contas de vidro, anzoes e outras bugigangas ; ao almirante distinguiram com o presente dum casal de gallinaceos. « Estes selvagens, diz o autor do diario, andavam completamente nus, tanto os homens como as mulheres, nada occultando de suas vergonhas, mas, trazendo todo o corpo pintado de vermelho ; os chefes uzavam de pregos de ferro atravessados nas ventas e no labio inferior e ostentavam pulseiras e collares de contas de vidro ».

Os corsarios permaneceram na Dominica até 14 de Novembro, fazendo aguada, tomando refrescos e dando tempo aos doentes, em numero de noventa e tres, se restabelecerem em terra.

Partindo d'alli, proseguiram cruzando no mar das Antilhas, soffrendo muito de calmarias e de aguaceiros e sem conquistar uma só preza, até que, a 18 de Fevereiro de 1605, chegaram á vista da ilha de Cuba. A penuria de viveres era então extrema a bordo da frota, já semanas antes, o almirante determinara que só se comêsse duas vezes por dia, e nas quintas-feiras e domingos apenas uma vez, uma sôpa.

Nas companhias surgiram os primeiros impetos de revolta, officiaes e marinheiros representaram mais duma vez a Van Caarden contra a exiguidade das rações e pediram para, sem detença, regressarem a Hollanda ; o chefe, porém, não cedeu aos seus rogos e continuou no infructifero cruzeiro, tomando, finalmente rumo para os Açôres.

para as Antilhas, chegando a 19 de Outubro, á vista da ilha da Martinica, com as companhias reduzidas e enfraquecidas por falta d'agua e de refrescos ; só a 25 do dito mez lograram alguma melhoria, ao aportarem a ilha Dominica, onde os indigenas forneceram os Hollandezes com bananas, batatas, cannas de assucar e fumo, em troca de facas, espelhos, contas de vidro, anzoes e outras bugigangas; ao almirante distinguiram com o presente dum casal de gallinaceos. « Estes selvagens, diz o autor do diario, andavam completamente nus, tanto os homens como as mulheres, nada occultando de suas vergonhas, mas, trazendo todo o corpo pintado de vermelho ; os chefes uzavam de pregos de ferro atravessados nas ventas e no labio inferior e ostentavam pulseiras e collares de contas de vidro ».

Os corsarios permaneceram na Dominica até 14 de Novembro, fazendo aguada, tomando refrescos e dando tempo aos doentes, em numero de noventa e tres, se restabelecerem em terra.

Partindo d'alli, proseguiram cruzando no mar das Antilhas, soffrendo muito de calmarias e de aguaceiros e sem conquistar uma só preza, até que, a 18 de Fevereiro de 1605, chegaram á vista da ilha de Cuba. A penuria de viveres era então extrema a bórdo da frota, já semanas antes, o almirante determinara que só se comêsse duas vezes por dia, e nas quintas-feiras e domingos apenas uma vez, uma sôpa.

Nas companhias surgiram os primeiros impetos de revolta, officiaes e marinheiros representaram mais duma vez a Van Caarden contra a exiguidade das rações e pediram para, sem detença, regressarem a Hollanda; o chefe, porém, não cedeu aos seus rogos e continuou no infructifero cruzeiro, tomando, finalmente rumo para os Açôres.

Alli chegados, a 14 de Abril, recrudesceu o descontentamento da maruja e dos soldados, esfaimados e roídos pelo escorbuto; representaram novamente ao almirante, urgindo no prompto regresso á Patria, e não sendo attendidos, romperam em revolta armada, ameaçando-o de morte; capitulou enfim Van Caarden, fazendo-se de vela para a Hollanda onde chegou em principios de Maio de 1605. As autoridades, ás quaes denunciaram os amotinados, absolveram-nos, attendendo á extrema miseria e horriveis privações passadas. Assim terminou esta expedição á Bahia.

IV

Como já dissemos em começo, a expedição de Paulus Van Caarden á Bahia passou quasi inteiramente despercebida dos antigos chronistas e modernos annalistas, e estariamos reduzidos a conhecêr-lhe as peripecias apenas pela precedente narrativa allemã, não fôsem dois documentos portuguezes ineditos, a ella referentes, conservados em um codice da Bibliotheca da Ajuda, em Lisbôa, e dos quaes o nosso illustre amigo, o eminente historiador brasileiro Sr. J. Capistrano de Abreu, nos forneceu copias.

O primeiro é uma carta regia de Felippo III a Diogo Botelho, datada de 25 de Março de 1605, em resposta á communicação que o mesmo governador lhe fizêra do ataque e repulsa dos Hollandezes.

Eis o seu theor:

«Diogo Botelho gouernador do Brasil, amigo. Eu El-Rey uos enuio muito saudar, vi a carta que me escreuestes de oito de setembro passado de seis centos e quatro em que me daes conta de como a cinco do julho do dito anno chegara a esse porto da cidade de todos os Sanctos huma armada de cosairos olandeses de sete naos grosas E hum

pataxo com intento de saquear a dita cidade e pella carta e Rellaçam que com ella me foi dada entendi o bom animo com que uos disposestes a lhe resestir prouendo de gente Artilharia e repairos todas as estancias da praya da dita cidade e lugares per onde os ditos cosairos podiam desembarcar asestindo naquella defensam pessoalmente sem uos recolher a cidade por espaço de quarenta e dois dias que esteue nesse porto a dita armada achando uos em todas as Vegias e recontros que ouue com os ditos cosairos que batiam a cidade e estancias da praya com grande continuaçam e lhe defendestes a entrada com bem effecto matando lhe gente e fazendo lhe dano sem a dita cidade receber algum de que tiue muito contentamento E uos agradeço o bom modo esforço e prudencia com que em tudo procedeste que he o que de uos se esperaua E mui conforme a confiança que de uos tenho.

E assi uolo quis significar por esta carta. E no auiso que me escreueis mandastes naquella occasiam por duas caranelas a margarita e Porto bello de derrota que eentendestes leuaua para, aquellas partes os ditos cosairos me ey por bem seruido de uos.

E foi aduertencia digna de uosso entendimento. E quanto as cartas que me escreuestes por outras vias a algumas uos mandei responder, E as mais o farej com breuidade, Escripta em Lixbóa a vinte e um de março de mil seis centos e cinco—

Concertada com a propria asinada por El Rey nosso Senhor e por mi o secretario pero da costa Secretario do Conselho da India escripta, a qual fica em meu poder em lisboa a X de Mayo de mil seis centos e cinco—pero da costa ».

Offerece mais miudas circumstancias o segundo documento, que é uma certidão, passada na cidade do

Salvador, em 20 de Dezembro de 1607, pelos officiaes da Camara, trazendo as assignaturas de Francisco da Fonseca e Rafael Barbosa, juizes ordinarios, de Paulo d'Argonho, Francisco Soares e Francisco d'Abreu da Costa, vereadores; era então escrivão da Camara Ruy Carvalho, que a subscreveu, procurador da cidade de Antonio de Crasto, que tambem a assignou; reconheceu as firmas Antonio Guedes, tabellião publico de notas por El Rey Nosso Senhor, a 23 do mesmo mez e anno.

Reza a certidão :

« Vindo de supito a este porto huma Armada Olan-
deza de sette náos muyto grossas, e hum pataxo, as quaes
tencerão esta Bahia occupada, quarenta dias batendo a
cidade, o dito gouernador se foi á praya logo a defender
lha, e tolher lhe a desembarcaçam. E intrincheirarse, e
prouer as estancias, e mais cousas com grande animo, e
muyta diligencia, e por ter então pouca gente, lhe reque-
rerão algumas pessoas principaes, que chamasse a con-
selho para ver en que maes, hauiã que prouer, o que fez
assy en pee a borda do mar perguntando lhes se aduer-
tião en cousa necessaria que estiuesses por fazer pera
offensão, e defensão E alguns dos circumstactes lhe
dicerão, que se donia retirar acima para a cidade.
E deixar a praya, e ao terceiro voto acodiu o dito Gouer-
nador com impeto e colera por atalhar dizendo, que so
pena da Vida, e caso de treição ninguem votasse en tam
infame parecer, senão em como melhor se hauiã ali de
defender e que emquanto elle fôsse viuo não hauiã de ser
outra cousa o qual parecer, e mandado mediante o fernor
diuino foi causa de os Imigos não tomarem E saquearem
a cidade, E queimarem as casas, E templos, occuparem
toda a capitania, porque en vendo vir as Bandeiras, e
gente para cima, estaua certo animarem se e desembar-

quarem, e da volta entrarem conosco na cidade, mormente tendo tanto poder.

« Em todos os quarenta dias não subio á cidade, e dormindo vestido assistio na estancia de Nossa Senhora da Conceição, que hera huma das maes arriscadas da praya, gastando o dito tempo em intrincheiralla e mandar fazer Repairos, pillouros, e outros petrechos de guerra tendo officiaes de tudo en cujas tendas assistia, para preuer com breuidade, andando de dia E noyte muyto a miude toda a praya, E fazia officio de general, E todos os maes por inferiores que fossem.

« Succorreo a todas as partes aonde o Imigo foi mandando succorros de gente, E munições com tanta breuidade, que chegarão sempre primeiro que o Imigo, e assy lhe tolheo fazer carnes, e aguadas e todos seus intentos E lhe matou muita gente,

« Posto que o Imigo cometteo alguns Engenhos, nenhum lhe queimou nem tomou Embarcação alguma das que vierão de mar en fora a este porto nos ditos quarenta dias, que foram, oito e trazia gengadas ao mar, para ser auisado das que vinhão, e para mor segurança tinha dez Batejs esquipados com cem Mosquetteiros com que as mandava trazer atoadas, e com as naos do Imigo que se fazião a vela, vinhão pellejando, E defendendo lhe as nossas Embarcações, E sem embargo do Imigo, desparar contra os nossos muyta e muy grossa artelharia, todas a seu peezar forão trazidas á saluamento.

« Mandou logo depois disto com a breuidade possível por seruiço de Vossa Maiestade duas carauelas Veleiras dauiso, Huma ás capitancias de baixo, e Rio da prata, outra á Margaritta, E Porto Bello por ter noticia que hia lá a Armada Imiga, como foi E chegou a carauella com o auiso Vinte dias primeiro en que se apper-

ceberão E poserão en arma, e quando chegou, e os achou assy apparelhados, nada fez, E se tornou pobre e perdida.

« E neste porto os tratou muyto mal com a nossa Artelharia en tanto que lhes foi forçado queimarem huma de suas naos de guerra porque com o muyto dano não podia navegar; E en humas gengadas ordenou lhes pozesse fogo por nossa parte com bombas, que com muyto trabalho apagarão.

« Mandando lhe o Imigo pedir tres framengos, que tinha presos, dous, por transfugas, E hum por Herege que lhe daria Vinto e sette Portuguezes que captivarão no mar com huma carauella vindo para esta Bahia, e Hauendo muytos Votos, que lhos dessem, o não quis o dito gouernador geral fazer, respondendo que não queria en cousa alguma complazer ao Imigo: o qual tornando lhe a screuer que se compozesse com elle resgatando lhe a cidade, E capitania, se não que a hauia de poor a fogo e sangue lhe mandou en resposta que tinha rezão de appetecer o sacco da çidade, que hera hum das mais ricas do mundo por ser Scala do Perú, e noua Hespanha, E estar cheia de ouro e prata, muyto pao do Brasil, e assuquar, e outras mercadorias E que se hera Caualleiro Viesse a terra prouar a mão com elle E que se fose ditozo, tinha bem em que se pagar, isto lhe daua en resposta, E que se maes lhe mandaua outro recado que com Bombardas o receberia, E isto sabemos por nos acharmos presentes en Conselho nos leer a dita Carta e Resposta ».

Varnhagen conheceu ainda dois outros documentos portuguezes relativos ao assumpto, porquanto diz que « a metropole, já desde 24 de Novembro, fôra pelo capitão

de Pernambuco, Alexandre de Moura, informada do succedido, e mandára logo (22 Fev. de 1605) louvar e agradecer a Diogo Botelho a vigilancia que tivéra». (6)

Alfredo de Carvalho.

Recife, Dezembro de 1909.

(6) VISCONDE DE PORTO SEGURO, *História Geral do Brasil*, 2.^a edição, vol. I, pag. 410 — Rio de Janeiro, 1878.

O Foral da Capitania da Bahia

Presado amigo Cons. João Torres.

Affectuosas saudações.



Ahi tendes um documento precioso, que offereço ao Archivo do Nosso *Instituto*. É uma copia do Foral concedido por D. João á Bahia, optimamente conservada e feita ahi mesmo a 22 de Dezembro de 1614 por Francisco de Barbuda, escrivão dos Feitos da Fazenda por ordem do provedor-mór Sebastião Borges.

É um papel com 295 annos de existencia.

Sei que o Foral já foi publicado na *Revista do Instituto Historico Brasileiro*, tomo 18, anno de 1855, graças á uma copia tirada a 26 de Agosto de 1834 da copia existente na Bibliotheca de Evora e offerecida por D. Pedro II áquelle *Instituto*.

Sei que a *Revista do Instituto da Bahia* o transcreveu no seu n. 9, vol. 3.º, anno III; a copia, porém, que ora vos remetto, é tirada do proprio original e pois de muito maior valor; demais encerra os dizeres do registo feito a 26 de Outubro de 1567 por Manoel de Mendonça.

Cotejadas as tres copias, vereis que a minha contém variantes das outras duas, sendo as mais importantes:

a supressão do nome *Coutinho*; *sinquenta legoas de terra na minha costa do Brasil e não terra maninha, costa etc.*; *por ser muito nesessario aver asim foral dos ditos foros e não haver ahi foral dos direitos.*

E outras pequenas differenças que com o habito, em que estaes, de ler papeis velhos facilmente descobrireis.

Do confrade, amigo e admirador

Barão de Studart.

Fortaleza (Ceará), 1909.

Foral desta Capitania da Sidade da Bahia (*)

1 --- Dom João Pergraça de Deus Rey de purtugal e dos algarves daquem e dalem mar em afriqua Snôr de Giné e da conquista navegação comercio detiopia arabia persia e da India, etc. Aquantos esta minha Carta virem faco asaber que eu fiz ora doação emerce a Francisco Pereira fidalguo de minha Caza pera elle e todos seus filhos netos e erdeiros esusecores de juro e herdade pera sempre da Capt^a e gouernança de sinquenta legoas de terra na minha Costa do Brazil as quais comesando na ponta do Rio de S. Frc.^o e corem p.^a o sul te aponta da Bahia de todos os santos segundo mais meeiramente he comtiúdo e declarado na Carta de doação que da dita terra lhe tenho pacada por ser mt.^o nesessario aver asim foral dos ditos foros tributos e couzas que se na dita terra ande-

(*) Da collecção Studart.

pagar asim do que amim e a croa de meus Reinos pertence como do que pertence ao dito capitão por bem da dita doação avendo respeito a calidade da dita terra e a se ora novamente ir pouvar morar e aproveitar e porque se isto milhor emais sedo fara simtindo o asim por seruiço de Deus e meu e bem do dito capitão e moradores da dita terra e por folgar de lhe fazer mercê ouve por bem de mandar fazer e ordenar o dito foral na forma e maneira seguinte —

2 — Primeiramente o Capitão da dita Capitania e seus soscóres darão e repartirão todas as terras della de sesmaria aquaisquer peçoas de qualquer calidade condição que seções com tanto que seções Cristãos livremente sem foro nem direito algú somente o dizimo que serão obrigados de pagar a ordem do mestrado de noso snor Jesus Cristo de todo o que nas ditas terras ouver as quaes sesmarias darão da forma e maneira que se comtem em minhas Ordenações e não poderão tomar terra algúa de sesmaria pera si nem para sua molher nem pero o filho erdeiro da dita Capitania porém podelahão dar aos outros filhos seus se os tiverem que não forem erdeiros da dita Capitania e asim aos seus parentes como se comtem em sua doação e se algú dos filhos que não forem erdeiros da dita Capitania ou qualquer outra pessoa tiver algúa sesmaria per qualquer maneira que a tinha e vier ardar a dita Capitania será obrigado do dia que nella suseder a ú ano de a largar e trespasar a tal sesmaria em outra pesca e não a trespasando no dito tempo perderá para mim a dita sesmaria com mais outro tanto preco quanto ella valer e por esta mando ao meu feitor ou Almoxarife que por mim na dita Capitania estiver que em tal cazo lance loguo mão pela dita terra para mim e o fara asentar no livro dos meus proprios e fara exicusão pela valia della e não o fazendo asim ey por Bem que percua

seu ofício empague de sua fazenda outro tanto quanto montar na valia da dita terra.

3 — Avendo nas terras da dita Capitania costa mares Rios e baras della qualquer sorte de pedraria perlas aljofar ouro prata ou coral cobre estanho e chumbo ou qualquer outra sorte de metal pagarseá a mim o quinto do qual quinto averá o capitão sua dizima como se contem em sua doação e ser lhe ha entregue aparte que na dita dizima montar ao tempo que se o dito quinto per meus ofisiaes para mim arrecadar.

4 — E o Pao do Brazil da dita Capitania easim quoaquer espesiaría ou drogaria de quoaquer calidade que seia que nela ouver pertencerá a mim e será sempre tudo meu e de meus suseçores sem o dito capitão nem outra algúa pessoa poder tratar nas ditas couzas nem em algúa dellas la na terra nem as poderão vender nem tirar para meus Reinos e senhorios nem para fera delles sopena de que o contrario fizer perder por isso toda sua fazenda pera a Croa do Reino e ser degradado para a Ilha de São Thomé para sempre e por emquanto Ao Brazil ey por Bem que o dito Capitão eassim os moradores da dita Capitania seposão aproveitar delle no que lhes ahi na terra for nesesario não sendo em queimar per que queimando emcorerão nas ditas penas.

5 — De todo o pescado que sena dita Capitania pesquar não sendo a cana se pagará a dizima que he de dés peixes hú ao credito, e além da dita dizima ey por bem que se pague mais meadizima que he de vinte peixes hú a qual meadizima o capitão da dita Capitania averá e raquadará para si porquanto lhe tenho dela feito merçe como se contem em sua doação.

6 — E querendo o Capitão moradores e povoadores da dita Capitania trazer ou mandar trazer per si ou per outrem a meus Reinos e senhorios quoaquier sortes de

seu ofício empague de sua fazenda outro tanto quanto montar na valia da dita terra.

3 — Avendo nas terras da dita Capitania costa mares Rios e baras della qualquer sorte de pedraria perlas aljofar ouro prata ou coral cobre estanho e chumbo ou qualquer outra sorte de metal pagarseá a mim o quinto do qual quinto averá o capitão sua dizima como se contem em sua doação e ser lhe ha entregue aparte que na dita dizima montar ao tempo que se o dito quinto per meus ofisiaes para mim arrecadar.

4 — E o Pao do Brazil da dita Capitania easim quoaquer espesiaría ou drogaria de quoaquer calidade que seia que nela ouver pertencerá a mim e será sempre tudo meu e de meus suseçores sem o dito capitão nem outra algúa pessoa poder tratar nas ditas couzas nem em algúa dellas la na terra nem as poderão vender nem tirar para meus Reinos e senhorios nem para fera delles sopena de que o contrario fizer perder por isso toda sua fazenda pera a Croa do Reino e ser degradado para a Ilha de São Thomé para sempre e por emquanto Ao Brazil ey por Bem que o dito Capitão eassim os moradores da dita Capitania seposão aproveitar delle no que lhes ali na terra for nesesario não sendo em queimar per que queimando emcorerão nas ditas penas.

5 — De todo o pescado que sena dita Capitania pesquar não sendo a cana se pagará a dizima que he de dés peixes hú ao credito, e além da dita dizima ey por bem que se pague mais meadizima que he de vinte peixes hú a qual meadizima o capitão da dita Capitania averá e raquadará para si porquanto lhe tenho dela feito merçe como se contem em sua doação.

6 — E querendo o Capitão moradores e povoadores da dita Capitania trazer ou mandar trazer per si ou per outrem a meus Reinos e senhorios quoaquier sortes de

merquadorias que na dita terra ou parte della ouver tirando escravos e as outras couzas que asima são defezas poderão fazer e serão recolhidos e agazalhados em quoaesquer portos sidades vilas ou lugares dos ditos meus Reinos e senhorios em que vierem aportar, e não serão constrangidos a descaregar suas merquadorias nem as vender em algús dos ditos portos sidades ou vilas contra suas vontades e se pera outras partes quizerem antes ir fazer seu proveito querendo os vender nos ditos lugares de meus Reinos ou senhorios não pagarão delas dereitos algús somente asiza do que venderem posto que pelos forais Rigimentos ou costumes dos taes lugares forem obrigados apagar outros dereitos ou trebutos e poderão os sobreditos vender suas merquadorias aquem quizerem e levalas para fóra do Reino se lhes Bem vierem sem embargo dos ditos forais Rigimentos e Costumes que em contrario haja.

7 — Todos os navios de meus Reinos e senhorios que a dita terra forem com merquadorias de que já quá tenham pagos os dereitos em minhas alfandegas e mostrarem disso sirtidão de meus ofisiaes delas não pagarão na dita terra do Brazil direito algú e se lá carregarem merquadorias da terra para fóra do Reino pagarão dasaida dizima Amim da quoa dizima o Capitão avera sua redizima como se contem em a doação e porém trazendo estas merquadorias para meus Reinos ou senhorios não o pagarão da saida couza algúa e estes que trouxerem as ditas merquadorias para meus Reinos ou senhorios serão obrigados dentro de hum ano levar ou enviar a dita Capitania certidão dos ofisiaes de minhas Alfandegas do lugar donde descaregarem de como asim descaregarão em meus Reinos e as calidades das merquadorias que descaregarão e quantas erão e não mostrando a dita certidão dentro no dito tempo pagarão a

dizima das ditas merquadorias ou daquela parte que nos ditos meus Reinos e senhorios não descaregarem assim e da que andepagar adita Dizima na Capitania secaregarem para fora do Reino e se for pera que não ha de tornar a dita Capitania dara la fiança ao que montar na dizima pera dentro no dito tempo de hum ano mandar a certidão de como veio descaregar em meus Reinos ou Senhorios e não mostrando a dita certidão no tempo se arequadara e averá a dita dizima pela fiança.

8 — Quoaíſquer pecoas estrangeiras que não forem naturais de meus Reinos ou senhorios que a dita terra levarem ou mandarem levar quoaíſquer merquadorias posto que que as levem de meus Reinos ou senhorios e que quá tenham pago dizima pagarão la da entrada dizima Amim das merquadorias que assim mesmo levarem e caregando na dita Capitania merquadorias da terra para fora pagarmeão assim mesmo dizima da saída das taes merquadorias das quaes dizimas o Capitão averá sua redizima segundo se contem em sua doação e serlheba a dita redizima entregue por meus ofisiaes ao tempo que se as ditas dizimas para mim arequadarem.

9 — E de mantimentos armas artelharia polvora salitre enxofre e chumbo e quoaíſquer outras couzas de monição leveira que para a dita Capitania levarem ou mandarem levar o Capitão e moradores dela ou quoaíſquer outras pecoas assim naturais ou estrangeiros ey por Bem que se não paguem direitos algús e os sobreditos posão livremente vender todas as ditas couzas e quada uma delas na dita Capitania ao Capitão moradores e paoradores dela que forem Cristãos e meus suditos.

10 — E todas as pessoas assim de meus Reinos e senhorios como de fora deles que a dita Capitania forem não poderão tratar nem comprar nem vender couza algúa aos gentios da terra e tratarão somente com o Capitão e

pouoadores dela tratando e vendendo e resgatando com eles tudo o que puderem aver e quem o contrario fizer ey por Bem que perquão em dobro todas as merquadorias e couzas que com os ditos gentios contratarem de que sera a terça parte para o Capitão que na dita terra ouver e não hoavendo sera para a fabrika da Egreja dela.

11 — Quoaisquer pessoas que na dita Capitania caregarem seus navios serão obrigados antes que comesem a caregar e antes que saião fora da dita Capitania de o fazer a saber ao Capitão dela para prover e ver que senão tire merquadorias defezas nem partirão da dita Capitania sem licença do Capitão e não o fazendo assim ou partindo sem a dita licença perderseão em dobro para mim todas as merquadorias que se caregarem posto que não seião defezas e isto porem se entendera emquanto na dita Capitania não ouver o fiscal meu deputado para isso porque avendo hi selle se fara a saber o que dito he e a elle pertencera fazer a dita diligencia e dar as ditas lisencas.

12 — O Capitão da dita Capitania e os moradores e pouoadores dela poderão livre tratar e comprar e vender suas merquadorias com os Capitais dasoutras Capitancias que tenho providas na dita Costa do Brazil com os moradores e pouoadores dellas de huas Capitancias para outras das quoaís merquadorias e compras ou vendas delas não pagarão hús nem outros direitos algús.

13 — E todo o vizinho e morador que viver na dita Capitania e for feitor ou tiver companhia com algúa pessoa que tiver fora de meus Reinos ou senhorios não podera tratar com os Brazis da terra posto que seião Christãos e tratando com eles ey por Bem que perquão toda a fazenda com que tratar da qual sera hú terço para quem o acuzar e os dous terços para as obras dos muros da dita Capitania.

14 — Os alquaides mores da dita Capitania e das

pouoadores dela tratando e vendendo e resgatando com eles tudo o que puderem aver e quem o contrario fizer ey por Bem que perquão em dobro todas as merquadorias e conzas que com os ditos gentios contratarem de que sera a terça parte para o Capitão que na dita terra ouver e não hoavendo sera para a fabrika da Egreja dela.

11 — Quoaisquer pessoas que na dita Capitania caregarem seus navios serão obrigados antes que comesem a caregar e antes que saião fora da dita Capitania de o fazer a saber ao Capitão dela para prover e ver que senão tire merquadorias defezas nem partirão da dita Capitania sem licença do Capitão e não o fazendo assim ou partindo sem a dita licença perderseão em dobro para mim todas as merquadorias que se caregarem posto que não seião defezas e isto porem se entendera emquanto na dita Capitania não ouver o fiscal meu deputado para isso porque avendo hi aelle se fara a saber o que dito he e a elle pertencera fazer a dita diligencia e dar as ditas lisencas.

12 — O Capitão da dita Capitania e os moradores e pouoadores dela poderão livre tratar e comprar e vender suas merquadorias com os Capitais dasoutras Capitancias que tenho providas na dita Costa do Brazil com os moradores e pouoadores dellas de huas Capitancias para outras das quocais merquadorias e compras ou vendas delas não pagarão hús nem outros direitos algús.

13 — E todo o vizinho e morador que viver na dita Capitania e for feitor ou tiver companhia com algúa pessoa que tiver fora de meus Reinos ou senhorios não podera tratar com os Brazis da terra posto que seião Christãos e tratando com eles ey por Bem que perquão toda a fazenda com que tratar da qual sera hú terço para quem o acuzar e os dous terços para as obras dos muros da dita Capitania.

14 — Os alquaides mores da dita Capitania e das

Vilas e pauoações dela averão e arequadarão para si todos os foros e trebutos que em meus Reinos e senhórios para Bem de minhas Ordenaçois pertencem e são consedidos aos alquaides mores.

15 — Nos Rios da dita Capitania em que ouver nesecidade de por Barquas para pasagem deles o Capitão as pora e leuara delas aquele dereito ou trebutto que la em camara for taixado que leve senão confirmado por mim.

16 — Os moradores e pouoadores e povo da dita Capitania serão obrigados em tempo de guerra de servir nela com o Capitão se lhe nesecario for.

Quada hú dos tabaliõis do publico e judisial que nas ditas Vilas ou pouoações da dita Capitania ouver serão obrigados a pagar ao dito Capitão quinhentos rs de peneção quada hú ano.

17 — Notefiquo assim ao Capitão da dita Capitania que hora he e ao adiante for e ao meu feitor e almoxarife e ofisiaes dela e aos Juizes e Justiça e ofisiaes de meus Reinos e senhórios assim da Justiça como da Fazenda e mando a todos em geral e a quada hú em espisial que cumprão e goardem e façam inteiramente cumprir e goardar esta minha carta de foral assim e da maneira que se nela comtem sem lhe a iso ser posta duvida nem embarguo nem contradisção algúa porque assim he minha merce E por firmeza dele lhe mandey dar esta CARTA por mim asinada e selada com o selo pendente a quocal mando que se registe no Livro dos registos de minha alfandega de Lx.^a e assim nos Livros da minha feitura da dita Capitania pela mesma maneira e se registrara nos Livros das Camaras das Vilas e pauoações da dita Capitania para que a todos seja notorio o contiudo neste foral e se cumprir inteiramente. Manoel da Costa a fez em Evora a vinte seis dias do mez de Agosto Ano do

nascimento de noso Sr. Jeûs Cristo de mil e quinhentos e trinta e quatro.

Registey aqui da propria que está escripta em pregaminho asinada por el Rey Dom João que está em gloria o terceiro deste nome e selada com o selo pendente que diz ser registada na Chancelaria com a antrelinha que diz esta carta que está nesta lauda asima de tudo eu registey aos XXVI dias de Outubro mil e quinhentos e sessenta e sete. *Manoel de Mendonça*. O qual treslado Eu Francisco de Barbuda Scrivão dos feitos da fazenda fiz tresladar por mandado do provedor mór da fazenda do livro em que he registado o dito foral, o qual está na alfandega desta cidade e ao dito livro me reporto, em testemunho da verdade vai pelo provedor mór concertado. Na Bahia aos vinte e dous dias do mes de Dezembro de seis centos e quatorze annos. *Francisco de Barbuda* que o escrevi e concertei. E comigo Provedor mor *Sebastião Borges*.

seguiu-se um pleito judicial, que foi decidido, pela Relação desta cidade, em favor de Cosme de Moura Rollim, primo e cunhado do fallecido.

Foi este quem vendeu á corôa a capitania do Espirito Santo por 40 mil cruzados, no anno 1718.

Sobre o facto de pertencer todo o territorio do rio Doce para o norte á Bahia e, portanto, ser o districto de S. Matheus da Bahia, e não do Espirito Santo, vão proval-o os documentos seguintes :

« D. José, por graça de Deus, Rey de Portugal e dos Algarves, daquem e dalem mar em Africa, Senhor da Guiné, etc.

Faço saber a vós Vasco Fernandes Telles de Menezes, vice rey e capitão general de mar e terra do Estado do Brasil que como a capitania mór do Espirito Santo se acha incorporada na minha coroa cessa por este caminho haver nella ouvidor e se não deve nomear mais para ella mas só haver nas villas da ditta capitania juizes ordinarios, e para evitar toda a perturbação que possa haver na boa ordem da justiça Sou servido mandar declarar que as appellações que della se entrepuzerem hão de ser para o ouvidor geral da capitania do Rio de Janeiro por a ditta terra estar sujeita a sua jurisdicção e della hão de hir as appellações para a Relaçam deste Estado e os aggravos como são facultativos ás partes podem aggravar ou para o ouvidor geral do Rio de Janeiro ou para a dita Relaçam, do que vos aviso para que assim o tenhaes entendido, fazendo com que se registre esta minha Real ordem nos livros da secretaria desse Governo e nos da Relaçam e mais para aonde convier e enviando-me disso certidam. El-rey Nosso Senhor a mandou pelos D. D. Joseph de Carvalho Abreu, Joseph Gomes de Azevedo, conselheiros do seu Conselho Ultramarino e se passou por duas vias — João Tavares

o fez em Lisboa occidental a tres de Julho de mil sette centos e vinte dois. — *Joseph de Carvalho Abreu, Joseph Gomes de Azevedo.* »

— Dom Marcos de Noronha, Conde dos Arcos, do Conselho de S. Magestade El Rey e capitão General de Mar e Terra do Estado do Brasil, etc. Faço saber aos que esta Previsão virem que tendo respeito a se achar vaga a serventia do officio de juiz ordinario da Povoação do Rio de S. Mathens; e porque he conveniente ao serviço de Sua Magestade que na dita Povoação haja hum juiz para administrar justiça e se evitarem os extraordinarios excessos que nos certoens desta Capitania se commettem e ordenar o dito Senhor por carta de vinte de Janeiro de mil seiscentos e noventa e nove firmada de sua Real mão a criação dos ditos juizes ordinarios nas ditas Povoações: Respeitando a capacidade e sufficiencia de Antonio Rodrigues da Canha para esse emprego: esperando delle que nas obrigaçoens que lhe tocarem se haverá com bom procedimento guardando em tudo o serviço de Sua Magestade e os direitos ás partes Hey por bem o prover como pela presente provo na serventia do dito officio de juiz ordinario da dita Povoação de Sam Mathens por tempo de hum anno não tendo crime algum emquanto Sua Magestade ou este governo Gl. não mandar o contrario e com ella haverá o ordenado se o tiver a todos os mais prós e precalços que direymente lhe pertencerem.

Pelo que o dei por metido de posse e ordens ao Capitão mór daquella Povoação que lhe dê o juramento de que só fará assento nas costas desta, que goardará e cumprirá tão pontual e inteiramente como nella se contem sem duvida embargo nem contradição alguma.

Para firmesa do que mandei passar a presente sob meo sinal e sello de minhas armas a qual se registará

nos livros da Secretaria do Estado a que tocar. Luiz Francisco da Silva a fez na Cidade do Salvador Bahia de Todos os Santos em primeiro de Junho Anno de mil setecentos e cincoenta e sete. Registrada na forma do regimento da Secretaria do Estado do Brasil.

O capitão Manoel de Souza Guimarães Secretario do Estado o fez escrever. — *Conde Dom Marcos de Noronha.* »

« N. 75 — Diz Antonio Roiz da Cunha, juiz ordinario actual da Povoação de San Matheos que tirando a vida aleivosamente hum mulato por nome Victorino e outro a Domingos Teixeira da Matta e roubando a este procedeo o supplicante a devaça tanto que teve noticia do caso, e sabindo elles pronunciados fez o supplicante toda a diligencia por prender aos culpados o que não ponde conseguir por fugirem: passados alguns tempos se entregou ao supplicante huma carta mandada passar pelo ouvidor da capitania do Espirito Santo em a qual se ordenava mandasse o caso da devaça que havia tirado do dicto delicto para com ella remetter o delinquente que estava preso para a Relação sem declarar se era para a desta capital ou se era para a do Rio de Janeiro: por esta dubiedade não cumprí logo a dicta carta, porque como a sobre dicta Povoação em cujo territorio foi o delicto perpetrado esteja subjeita á capitania da Bahia e pelo vicerrey della é que se costuma passar o provimento dos juizes ordinarios da dicta Povoação como se vê do que se junta e as devaças de alguns delictos que se tem commettido no territorio do supplicante se tem remettido para a Ouvidoria do crime desta Relaçam para se desfaserem duvidas e poder o supplicante obrar com acerto no caso expendido e todos os mais que adiante possam succeder recorre o supplicante para que Sua Magestade faça mercê declarar se deve cumprir a dicta carta remettendo o caso

da dicta devaça que tirou do tal delicto, ou manda-la para a arca das malfeições desta Relação de cuja jurisdição he sujeita a da Poveação, ou se a carta junta a deve cumprir o supplicante com remessa de treslado da dicta devaça para assim cessar toda a duvida quanto a dicta carta e tambem para o que poder succeder para o futuro Igl^o.

R. & C.

No alto do documento se lê :

Manda El-Rey Nosso Senhor que haja vista ao Desembargador Procurador da Corôa. Bahia 17 de Julho de 1760.

E á margem se lê o parecer deste nos seguintes termos :

« A vista do que o supplicante diz me capacito que o territorio em que se diz perpetrado o delicto mencionado pertence ao territorio desta capitania e nesta supposição se deve passar ordem para o supplicante remetter para esta Relaçam o treslado da devaça de que se trata e juntamente que o preso venha tambem remettido ».

Esta foi a sentença lavrada naquella época, e cuja importancia é a maior possivel :

« Passe-se provisam para o juiz ordinario, que em duvidar cumprir a carta do Ouvidor da capitania bem obrado hé, e remetta a devaça de que se trata a esta Relaçam onde pertence este districto : passe-se para o mesmo Ouvidor provisam em que se lhe determine remetta o delinquente que apprehendeu e que pela mesma razão deve ser aquí punido. Bahia 11 de Agosto de 1760. »

De que é que valem, á vista de tal decisão, as opiniões dos que pensam vir o limite do Espirito Santo até Itaúna, ou o Riacho Doce?

No Archivo da Bahia se encontram duas provisões,

Theatros da Bahia



O theatro dramatico já teve, entre nós, a sua época de florescencia, despertando a emulação de intellectuaes, como Cunha Valle, Rodrigues da Costa, Castro Alves, Amaral Tavares, João de Britto e, sobre todos, Agrario de Menezes.

Era no tempo em que se considerava o theatro uma escola de moral e de regeneração social, e antes da per-versão do gosto pelo *foot-ball* e outros exercicios phisicos; o verdadeiro sport bahiano era o theatro, e a prova d'isto era o grande numero de casas de espectaculo, que sempre houve na capital, mais ou menos ephemeras, e das quaes sahiram bons amadores e alguns artistas.

As platéas de hoje têm o bom gosto arruinado pelos vaudevilles, pelas revistas de anno, pelas operas brejeiras.

O drama já não discute uma these, e, ao frontespicio de uma comedia, se não ajusta o *ridendo castigat mores*.

Ao paladar da platéa contemporanea só sabem os ditos burlescos, a pilheria veladamente pornographica ou pontuada de gestos duvidosos.

A decadencia do theatro chegou, entre nós, ao ponto

Theatros da Bahia



O theatro dramatico já teve, entre nós, a sua época de florescencia, despertando a emulação de intellectuaes, como Cunha Valle, Rodrigues da Costa, Castro Alves, Amaral Tavares, João de Britto e, sobre todos, Agrario de Menezes.

Era no tempo em que se considerava o theatro uma escola de moral e de regeneração social, e antes da per-versão do gosto pelo *foot-ball* e outros exercicios phisicos; o verdadeiro sport bahiano era o theatro, e a prova d'isto era o grande numero de casas de espectaculo, que sempre houve na capital, mais ou menos ephemeras, e das quaes sahiram bons amadores e alguns artistas.

As platéas de hoje têm o bom gosto arruinado pelos vaudevilles, pelas revistas de anno, pelas operas brejeiras.

O drama já não discute uma these, e, ao frontespicio de uma comedia, se não ajusta o *ridendo castigat mores*.

Ao paladar da platéa contemporanea só sabem os ditos burlescos, a pilheria veladamente pornographica ou pontuada de gestos duvidosos.

A decadencia do theatro chegou, entre nós, ao ponto

postos que lhes foram marcados com as outras villas do Porto Seguro; são as correições e difficuldades que dellas surgem com os ouvidores e os interessados comarcãos, emfim todos os incidentes da vida administrativa.

Quando, após a revolução victoriosa do Porto, em 1820, as Côrtes Portuguezas mandaram que se reunissem os procuradores das Parochias para elegerem a junta provisoria do governo da Bahia no celebre auto de vereação da Camara da Bahia de 1.º de Fevereiro de 1822, lá está a villa de São Matheus representada por Joaquim José de Azevedo, entre os 264 eleitores que deu a provincia.

Foi esta assembléa popular, e bem realmente nacional, que elegeu para presidente da junta Francisco Vicente Vianna, para secretario Francisco Carneiro de Campos, irmão do célebre marquez de Caravellas, e mais cinco vogaes ou membros da junta.

Portanto, S. Matheus, por direito, pertence tanto á Bahia como Itaparica, Belmonte ou Rio de Contas.

Foi assim que chegamos a 1823, ao tempo da independencia, quando a situação em que se achava a Bahia, occupada pelas tropas portuguezas, levou a Camara de S. Matheus a se dirigir ao governo do Espirito Santo para adherir à acclamação do 1.º imperio, o que não podia fazer com a sua capitania, pela eventualidade da guerra.

O documento seguinte refere-se a isto:

« Sendo presente a Sua Magestade o Imperador o officio do Governo Provisorio do Espirito Santo de 20 de Março proximo passado, em que representa que tendo-se a villa de S. Matheus unido á referida Provincia para acclamação do mesmo Augusto Senhor e pretendendo agora o Conselho Interino do Governo da Bahia que a dita villa se lhe reconheça sujeita, entra em duvida a qual das duas Provincias deve ficar pertencendo aquella

villa — Manda pela secretaria de Estado dos Negocios do Imperio participar ao referido governo que deve reconhecer-se sujeita áquella que lhe ficar mais proxima, até que a Assembléa Geral do Brasil determine os limites da Provincia. — *José Bonifacio de Andrada e Silva.* — 10 de Abril de 1823.»

Deste documento se deduz logicamente que S. Mathews se dirigiu ao Espirito Santo para um facto todo de occasião e de nenhum alcance, sob o ponto de vista de direito, como é manifestar-se para uma acclamação; que o Espirito Santo não tinha direito algum sobre S. Mathews, e portanto toda a margem norte do rio Doce, visto dizer que não sabe a quem pertence; que a decisão do governo baseada num motivo de oportunidade e de valor muito subalterno não estabelece questão de direito de posse definitiva, e sim temporaria, affectando o caso no mesmo acto ao poder competente, que declara ser a assembléa geral da Nação.

E' preciso notar que a providencia do governo era determinada por outro motivo que o aviso não podia dizer, e que se comprehende ao attentar não só que em Abril de 1823 estava a Bahia em poder do General Madeira, como tambem no facto de ser incerto ainda o resultado da guerra, que só terminou tres mezes depois, em 2 de Julho do mesmo anno.

E', pois, evidente que este aviso não gerou direito para o Espirito Santo se apossar do territorio apontado como cousa sua para sempre.

A assembléa geral, occupada com outros assumptos, nunca tratou do caso: em 1831 foi promulgado o decreto seguinte:

« A regencia, em nome do Imperador, o Sr. D. Pedro 2.º, Faz saber a Resolução seguinte da Assem-

bléa sobre Proposta do Conselho Geral da Provincia do Espirito Santo.

Artigo Unico.—Que a actual capella Filial da Povoação da Barra da Villa de S. Matheus, que já tem Pia Baptismal e Cemiterio, seja erecta em Parochia, abrangendo a mesma Povoação a todos os Povos estabelecidos nas margens de Leste, dos rios Preto e Santa Anna, dividindo-se com a freguezia da dita villa ao Oeste pelos referidos Rios; ao Sul com a de N. Senhora da Conceição do Linhares pela Barra Secca e ao Norte com a de S. José de Porto Alegre do Mucury pelas Itaunas.—Diogo Antonio Feijó, Ministro e Secretario do Estado dos Negocios da Justiça assim o tenha entendido e faça executar—Palacio do Rio de Janeiro em 2 de Agosto de 1831 — *Francisco de Lima e Silva, José da Costa Carvalho, João Braulio Moniz e Diogo Antonio Feijó.*»

Por este documento se vê que a Assembléa, fazendo uma divisão ecclesiastica no territorio que se achava em deposito, não tocou na questão capital, isto é, a quem elle devia pertencer, nem explicita nem implicitamente, como alguns dizem, em virtude de um cabeçalho que lhe foi posto por algum amanuense geitoso.

O original da lei, porém, tal como ella foi discutida e votada na camara e foi mandada para as provincias, é o que damos acima, e nelle se não diz uma palavra sobre a raia da Bahia com o Espirito Santo.

Ora, ninguem pode acreditar que um decreto determine o que elle não diz.

Si a Assembléa tivesse querido desmembrar S. Matheus da Bahia teria feito como no decreto que entregou Campos de Goytacazes e S. João da Barra á provincia do Rio de Janeiro.

A expressão empregada aqui é — *Ficção desmembradas*; e não pode deixar de ser assim.

E onde foi que se viu um decreto tirar um territorio de um para dar a outro, sem falar sequer naquelle de quem tira ou naquelle a quem dá?

Além de nada terem as divisões ecclesiasticas com as civis, pelo que uma freguezia só pode estar em duas provincias, é evidente que o decreto de 1831 não tem em mira estabelecer o limite da Bahia com a sua vizinha, porque não ha alli uma só palavra que o diga.

Seria tão ridiculo como injuridico que se admitisse a possibilidade de obedecer algum povo culto a leis que *dessem a entender as cousas*.

Mesmo assim não se podia acceitar como raías, divisa ou limite para a Bahia e o Espírito Santo o traçado pelo decreto de 1831, porque nenhuma destas palavras se acha alli escripta nem outras que dêsse a entender tal.

Si tivesse sido já desmembrado o districto de S. Matheus então implicitamente se podia concluir que ficara estabelecido o limite pelo rio Itaunas, que pertence a S. João de Porto Alegre pelos autos da sua criação.

Mas tal não tinha havido, porque disso nunca se tratou na camara.

A jurisprudencia seguida pelo governo do Brasil e pela assembléa era nobre e liberal naquelle tempo e não é com estes elementos que se pode attribuir a uma camara o triste papel, indigno da consciencia da sua autoridade, de vir subrepticamente tirar á Bahia uma parte do seu territorio.

Quando foi creada, nesse mesmo anno de 1831, a comarca do Rio Pardo, pretendeu Minas-Geraes que á nova comarca se juntassem as capellas de Santo Antonio da Barra e da Conquista.

Pois a assembléa e a Regencia mandaram que a Bahia, pelos órgãos legitimos do seu governo e da sua representação, apresentassem as suas razões de direito e que fizesse Minas a mesma cousa.

Não era uma administração que sabia proceder deste modo que na cauda de uma divisão de freguezias ia incluir cousa tão importante, como o limite de duas provincias, num caso em que tinha havido duvida, reclamação e que á mesma assembléa estava affecto por um documento publico.

Não o fez, nem o podia fazer, tanto pela propria dignidade da camara, como porque só de uma maneira formal e categorica podia sentenciar sobre um caso que estava claramente exposto e affecto ao seu juizo.

Comprehende-se que a Assembléa estabelecesse a criação da freguezia nova por solicitação do governo do Espirito Santo, e não podia ser de outro modo, porque era este quem administrava o territorio de que se trata, desde o aviso de 1823.

Todos os dias vemos os dois casos a que se refere este ponto particular da questão serem assim conduzidos nos processados, tanto pelos tribunaes superiores como nas varas de direito, porque os inventariantes, liquidantes, etc., pedem aos juizes, sob a autoridade dos quaes corre o feito, alvarás, ordens, autorisações para isto e aquillo, para todos os modos de vida e administração e divisão ou recebimento dentro dos limites da propriedade ou dos haveres do monte, que elles estão administrando, sem que isso queira dizer que essa massa, ou monte, pertence a taes liquidantes ou inventariantes.

A sentença final do juizo é que irá decretar este outro objecto, tanto que, como consequencia disso, de não ser cousa propria, têm taes inventariantes de dar contas

da sua administração, provando o que receberam e o que despenderam, etc.

E' a posição do Espirito Santo comnosco, como é a nossa com um outro territorio, do qual estamos de posse, por uma resolução do conselho de Estado, desde o tempo da Regencia, tambem até que a assembléa geral resolvesse a quem pertencia.

A questão capital é a quem pertence o districto de S. Matheus, porque até onde foi sempre o seu territorio vae o limite da Bahia.

Todas as outras raias, tanto de Mucury como do riacho Doce e das Itaúnas, são de phantasia.

A questão de direito é a do districto de S. Matheus.

Não se pode invocar ainda contra a Bahia, segundo penso, a prescrição, e o facto de não ter havido o protesto de 50 em 50 annos, porque não sómente isso não se costuma applicar aos Estados, pois os vemos levantando e resolvendo questões muitas vezes seculares de fronteiras, como porque no caso vertente tinha havido reclamação da Bahia, que foi o que motivou o aviso de 1823 e se achava affecta a questão a uma instancia que não tinha praso para decidir, que é soberana, e que não tratou do caso porque não quiz; e não se pode admittir que nas occasiões em que a instancia superior, á qual fôr affecta uma questão, demorar a sua sentença ou decisão, venha a ficar prejudicada uma das partes, por não poder mais pleitear.

E' um absurdo tão grande que repugna á consciencia e ao senso juridico.

Além de que para a prescrição são requisitos essenciaes o justo titulo e a boa fé. Ora, no caso, não se pode invocar o primeiro, porque em 1823 o proprio governo do Espirito Santo tanto não possuia justo titulo que confessava não saber a quem devia ficar sujeito

S. Matheus, duvida que motivou o aviso citado. E nem o segundo tambem, porque, tendo o Espirito Santo recebido e acceitado scientemente e conscientemente o territorio de S. Matheus como cousa que não era propriedade sua, não se devia arrogar o dominio definitivo, nem se apoderar sorrateiramente das terras do patrimonio de S. José de Porto Alegre, fazendo desaparecer marcos alli postados, nem empregando outros meios reprovaveis.

Tive a fortuna de ouvir do actual governador do Estado Dr. Araujo Pinho, que ia ser nomeada uma commissão para estudar as questões de limites da Bahia, afim de ficar habilitada a administração neste assumpto.

Não abandone o governo o direito da Bahia em um só palmo ao norte do Rio Doce.

Como se está vendo, não é uma questão perdida esta; e nem é uma cousa que se tenha pejo de propor aquella, que já tem no seu passado uma sentença favoravel do mais antigo tribunal de Relação do Brasil, e na qual a parte adversa declarou ter a consciencia de que lhe não assiste direito, quando pergunta ao forum central o que ha de fazer deste districto, que não sabe a quem pertence, pois, se della fosse tal, não perguntaria.

Não podemos acceitar o limite pelas Itaúnas, nem pelo riacho Doce, á vista dos documentos acima, visto como a posse que o Espirito Santo tem do districto de S. Matheus não é baseada em lei e sim apenas no aviso de 1823, que não pode gerar direito e que lhe deu essa posse *ad referendum*.

Si o governo tem duvidas ou receios, consulte juristas.

Aqui, tanto no corpo dos advogados como no da magistratura, os ha insignes pelos seus estudos e talentos e existe uma escola, em que ha professores de direito.

Fóra daqui, no Rio, os ha da maior profundeza

nestas materias, aos quaes a Bahia se pode dirigir, desembaraçadamente, para lhes pedir um parecer.

Consultem-se, portanto, legistas, antes de uma decisão reivindicadora.

E no dia em que a Bahia reentrar na posse do que é legitimamente seu, ou quando houver obtido uma compensação equivalente ao que se lhe tomou, resultará para mim a consolação de ter concorrido para desbravar, abrir o caminho por onde passe este raio de luz serena e diamantina que já está ahi a clarear o direito da Bahia como a verdade e a justiça.

E' fóra de duvida, pois, que S. Matheus e todo o districto até o rio Doce são terras da Bahia; que foram povoadas por bahianos, habitadas por bahianos; que as suas cidades foram fundadas por magistrados bahianos; e que o Espirito Santo está indevidamente de posse daquillo que não lhe pertence, do que não creou nem povoou, e de que está usufruindo rendas importantes dos portos, rios e productos que pertencem á Bahia, pela inconcebivel indifferença dos governos provinciaes da nossa terra, durante o imperio.

Aproveitando-se disto, e talvez tambem da tendencia tão conhecida dos politicos bahianos, a que se refere o illustre Nabuco, de se deixarem levar por lentejoulas, de se prestarem a servir os interesses das outras provincias, estados hoje, com esquecimento dos da propria terra, desde que se lhes lisongeia a vaidade, e se lhes acena com a perspectiva de gloria, de fama, de fazerem um papel bonito e que dê na vista, pretende o visinho Estado, não já tratar do territorio de S. Matheus, mas de invadir outros territorios ao norte, o de S. José de Porto Alegre, com as mesmas razões que tem para se apossar do Prado, de Currumuxatiba ou de Santa Cruz, se tanto lhe fôr permittindo a indifferença e fraqueza

da Bahia, decadente e falta de homens que a defendam. Forçoso é confessar que esta questão foi no principio muito mal encaminhada pelo governo da Bahia.

Tenho informações de que no tempo do governo do Dr. Rodrigues Lima, havendo o Espirito Santo invadido não já somente o districto de S. José de Porto Alegre, mas levado a audacia ao ponto de querer occupar as proprias terras do patrimonio da dita villa, o governo do Estado, chamado a intervir no caso, nada conhecia da questão.

Só depois que o sr. Dr. Junqueira Ayres foi encarregado de tratar deste assumpto, foi que tomou elle outra feição ; porque foi elle quem procurou no *Archivo* os documentos precisos para provar os direitos da Bahia, quem mandou colher em Lisboa outras provas e documentos relativos ao caso, e que tem continuado a promover os estudos que vão dando em resultado fazer jorrar a luz sobre os direitos da Bahia a toda a faixa do territorio que segue até as aguas do rio Doce.

O Sr. Dr. Ayres escreveu um trabalho em resposta ás pretensões que, pelo Espirito Santo, veio aqui trazer o commissario Coutinho em 1905, do que resultou haver se retirado o dito commissario, sem nada conseguir.

Antes e depois deste escripto, outros se têm feito sobre o assumpto, pois, além do relatorio que apresentei ao Governo em 1905, e fóra os que não conheço, existem os trabalhos do Dr. Vicente Vianna, do Sr. Engenheiro Teive e Argollo, do Dr. Joaquim dos Reis Magalhães e do Dr. José de Oliveira Campos, além da acção dos governadores Rodrigues Lima, Luiz Vianna e José Marcellino, si bem que ella se tivesse limitado, até agora, a defender as terras do patrimonio de S. José de Porto Alegre das invasões do Espirito Santo.

Tal não podia ser meu fim, nem para tanto tenho

espaço. Referi-me ao Sr. Dr. Junqueira Ayres de passagem, tanto pela influencia que ha tido neste negocio na qualidade de pessoa que faz parte do Governo e a quem este havia delegado cuidar delle, como porque o encontrei na sua casa de Itapagipe, em 1905, a decifrar, com uma lente, as cartas dos ouvidores de Porto Seguro, Thomé Couceiro e Xavier Monteiro.

E depois disto o que accrescentei é a pura verdade, que eu não poderia negar, sem injustiça, conhecendo o que se tem passado, como conheço.

Quanto aos limites da Bahia com o Espirito Santo sempre foram pelo Rio Doce, pois do Rio Doce para o norte era capitania de Porto Seguro, que foi incorporada á da Bahia.

E já que tocamos neste ponto, é caso para ponderar ao Governo ter elle estas questões de fronteiras com os seus vizinhos estudadas e na devida ordem, porque não ha de ser na occasião em que tiverem valor os terrenos fronteiriços, ou quando for a Bahia provocada pelos referidos vizinhos, que a sua administração entrará a estudar o caso, para procurar elementos de valor para o seu direito ou ir aventurar opiniões sem para tal estar preparada, o que não é cousa de pequena importancia em assumptos a que podem estar sujeitos tantos interesses, presentes e futuros.

Não escapa aos mais perspicazes que, depois de estabelecidas e reguladas as suas fronteiras com as nações estrangeiras, não pode o Governo da Republica deixar de attender já para as perigosas e difficeis questões das raias dos Estados que constituem a União, facto de relevante importancia para a vida nacional, que não pode deixar de se realizar com o concurso do corpo legislativo e de se apoiar nos documentos e razões de direito em que se estribam os Estados contendores.

Já até a plataforma de um dos candidatos á presidencia se refere a este ponto, e, ainda que o caso não ache solução pelo meio alli apontado, é de esperar que o seja de outro qualquer modo.

Ora, o Espirito Santo sabe perfeitamente que não terá em tal occasião um só documento sério com o qual possa soccorrer o seu dominio sobre S. Matheus, o seu porto e os terrenos da margem septentrional do Rio Doce.

E é este titulo, que lhe falta e do qual carece, que vem pedir ao Governo Bahiano, sob a fórma de um accordo, para legitimar a invasão que tem feito das terras da antiga capitania de Porto Seguro, que, pelo Soberano, tanto della como da capitania do Espirito Santo, o Rei de Portugal, foi incorporada *in totum* ao Governo da capitania da Bahia, e no qual o grande Marquez de Pombal mandou fundar a villa de S. Matheus pelo 1.º Ouvidor de Porto Seguro, Thomé Couceiro de Abreu.

Para o Espirito Santo tudo que for concedido no accordo que pede, comprehendendo qualquer territorio ao norte do Rio Doce, é como dinheiro tirado na loteria.

O que o Governo do Espirito Santo pretende é aquillo que os meios até agora empregados não lhe poderam dar, isto é, um titulo que legitime a occupação e que prove que nella acquiesceu a Bahia.

Deve ser repetido tambem que a Bahia não abandonou S. Matheus, nem consentiu, nem foi, *sponte sua*, a suspensão da sua jurisdicção naquelle municipio.

Recapitulando, lembro que, tendo em 1823 a camara de S. Matheus se dirigido ao Governo do Espirito Santo, em virtude de não se poder corresponder com o da Bahia, ao qual era sujeita, em virtude da guerra que lavrava aqui, o Espirito Santo perguntou ao Governo do Rio de Janeiro o que devia fazer, visto não lhe pertencer S. Matheus e o Governo Imperial, em um aviso,

mandou que ficasse S. Matheus provisoriamente ligada ao Espírito Santo, até que o poder competente resolvesse sobre o caso.

Terminado o facto anormal, isto é, a guerra, a Bahia acatou a deliberação, illegal aliás do Governo Central, mas que era um poder superior ao seu, esperando a solução promettida do poder competente, que nunca tratou de tal, ficando-se neste provisório até hoje.

Isto não é abandono de um direito, torno a dizer.

É evidente que o que a Bahia tem soffrido, vendo suspensa a sua jurisdição num territorio que é seu, e deixado de receber as taxas deste territorio, é um constrangimento, do qual foi culpado o Governo Central, que, tendo produzido o mal, não o procurou remediar, promovendo uma solução promettida.

A Bahia não deu, não alienou, não abandonou: obedeceu a um poder superior, esperando que lhe fosse restituído o seu direito.

E como tal não se tem dado, tem o direito de reclamar do usurpador arteiro a entrega e do Governo Central a indemnisação devida pelo damno que lhe causou.

Tenho encontrado pessoas que, acceitando o principio do *uti possidetis*, preferem que se termine a pendencia adoptando uma raia ao norte do Rio Doce, embora com prejuizo nosso.

Este modo de pensar, que tomo a liberdade de chamar anti-bahiano, não me parece que deva prevalecer.

A Bahia não pode, nem deve, desintegralisar o seu territorio, que é o patrimonio que lhe ficou dos seus antepassados, desde os primeiros tempos da descoberta e do povoamento; que representa o esforço dos Governadores, dos Vice-Reis, dos magistrados e dos povos da Bahia, durante mais de 300 annos.

Seria immoral que tal se fizesse, em proveito de

quem tem occupado, contra o nosso direito, terras que sempre foram legitimamente nossas; porque não é um Estado, como este onerado em extremo, que pode dar de mão beijada as rendas de um porto importante e as que resultam de uma região rica e fértil, e finalmente ainda pelas considerações seguintes.

Já vimos que tem a Bahia questões de limites com outros Estados e é possível que, bem examinadas ellas, não haja direito para nos mantermos na posse de certos territorios.

No dia em que isto se der, na hypothese que tal se verifique, terá ella de entregar o que legitimamente lhe não pertence, ou pelo menos fazer sacrificios para se manter em taes posses.

E dar-se-á o caso comico de ficar sem uma cousa nem outra, cedendo, por um accordo, o que era seu legitimamente, e, por outro lado, sacrificando-se para ter o que lhe não pertencia.

O Governo da Bahia deve, sem mais rodeios, e para que não seja supposto falta de consciencia do seu direito, responder ao illustre emissario do Estado do Espirito Santo que não pode acceitar accordo que não tenha o curso do Rio Doce por limite da Bahia e do Espirito Santo, como sempre foi; e que levará a questão ao Tribunal Federal.

A qualquer accordo, que desintegralise a Bahia, antes o *statu quo*, mesmo porque não poderá tardar muito uma medida reguladora geral.

Peço a attenção dos entendidos para os documentos seguintes, a começar pelos autos da criação da villa de S. Matheus, parecendo até que nada mais é preciso para resolver o direito da Bahia na questão.

(*Traslado*)

« Autos de criação desta Villa Nova do Rio de S.

Matheus que mandou fazer o Doutor Desembargador e Ouvidor Geral desta Comarca e Capitania de Porto Seguro Thomé Couceiro de Abreu.

Escrevam

José da Costa e Silva Pinto. Setembro 15 de 1764.

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil setecentos e setenta e quatro aos quinze dias do mez de Setembro do dito anno nesta povoação do Rio de S. Matheus em casas de morada de aposentadoria do Doutor Desembargador Ouvidor Geral desta Comarca e Capitania de Porto Seguro Thomé Couceiro de Abreu Cavalleiro Professo na Ordem de Christo onde eu escrevam de seu cargo vim de seu chamado e por elle me foram entregues por traslado as Provisões e Resoluções de Sua Magestade adiante juntas e tambem a copia de dois itens das Instrucções que o mesmo Senhor foi Servido mandar entregar para por ellas se dirigir na criação das villas que podesse crear de novo nesta Capitania mandando-me que eu as fizesse copiar em hum Edital e as fizesse publicar pelas ruas publicas desta Povoação e depois disto afixasse no lugar mais publico desta mesma Povoação por tempo de sinco dias e que passados elles com certidão de mim escrevam porque constasse de que assim se havia satysfeito ajuntasse tudo a estes Autos e os fizesse conclusos e para de tudo constar fiz este auto que assignei com o dito Ministro.

E eu José da Costa Silva Pinto escrevam desta dita Comarca e Capitania e da criação das novas villas que o escrevi e assignei. — *Couceiro.* — *Jose da Costa e Silva Pinto.*

O Doutor Desembargador Ouvidor desta Comarca e Capitania de Porto Seguro Thomé Couceiro de Abreu cavalleiro por Sua Magestade que Deus Guarde. Faz

saber aos que este edital virem ou delle tiverem noticia que como por virtude das ordens que tem de Sua Magestade pretende crear esta Povoação em villa assim por evitar os atrozes e escandalosos delictos que nella se tem commettido por falta de boas leys e não haver nella mais do que hum juiz ordinario sem escrivam nem outro algum official que poçam rebater os insultos que nella costumão commetter-se e as descidas e sobidas que varios mineiros tem feito pello rio desta Povoação para as minas e dellas para baixo contra as expressissimas Ordens do mesmo Senhor como tambem por hum homem só não poder administrar justiça as partes de que nasce não achar eu nesta Povoação nenhum Livro daquellas notas, orphãos ou da Camara seguindo-se destas faltas grandissimos e consideraveis prejuisos de orphãos e mais partes e certo de que a mesma Povoação tem sufficiente numero de moradores para poder ser erigida em villa entre brancos e indios e faz assim saber a todos geralmente por virtude do edital ao qual vam juntas as Reaes Resoluções com que a Piissima Grandesa de Sua Magestade tem declarado e favorecido a liberdade dos indios privilegiados na forma declarada nas mesmas Reaes Ordens e tambem as que foi Servido mandar me commetter para erecção e creação das novas villas que me for possivel poder erigir nos paragraphos nono e desesete das mesmas Instrucções Reaes. Despachado nesta Povoação de Sam Matheus aos desesete dias do mez de Setembro de mil setecentos e setenta e quatro annos. E eu José da Costa Silva Pinto Escrivam da Ouvidoria desta Capitania que o escrevi. — *Thomé Couceiro de Abreu.* »

O desembargador Thomé Couceiro de Abreu cavalleiro professo na ordem de Christo e ouvidor Geral desta Comarca e Capitania de Porto Seguro com alçada por Sua Magestade que Deus guarde etc. Faço saber aos que este edital virem ou delle tiverem noticia que sendo servido Elrey nosso Senhor restituir a liberdade aos indios do Pará e Maranhão a liberdade de suas pessoas bens e commercio determinando que fossem governados no Temporal pellos Governadores e ministros de justiça seculares depois de resolver que não ficassem com infamia alguma as pessoas que com elles contrahissem matrimonio antes preferissem para os empregos que coubessem na sua graduação entendo

piyssimas determinações a todo o continente do Brasil ? de que forem inviolavelmente executados fez publicar os quatro alvarás e mais leys cujo theor é o seguinte. Eu El-rey faço saber aos que este alvará de ley virem que considerando o quanto convem que os meus reaes dominios da America se povoem e que para este fim pode concorrer a communicação com os indios por meio de casamentos Sou Servido declarar que os meus vassallos deste reino da America que cazarem com as Indias delle não ficam com infamia alguma antes se faram dignos da minha Real atenção e que nas terras em que se estabelecerem seram preferidos para aquelles logares e occupaões que couberem na graduação de suas pessoas e que seus filhos e descendentes serão abeis e capazes de qualquer emprego honra ou dignidade sem que para isso seja necessario dispensa alguma em rasão destas allianças com que seram comprehendidas as que se acharem já feitas antes desta minha declaração ? prohibo que os meus ditos vassallos casados com as indias ou os seus descendentes sejam tratados com o

nome de cativos ou outro semelhante que possa ser injurioso e as pessoas de qualquer qualidade que praticarem o contrario sendo ahy assim legitimamente provada perante os ouvidores da Comarca em que se fiserem seram por sentenças destes sem appellaçam nem agravo mandados sahir da dita comarca dentro de um mez a mercê minha e que se executará sem falta alguma tendo porem os ouvidores o cuidado em examinar a qualidade das pessoas que jurarem nesta materia para que não se faça violencia ou injustiça com este pretexto tendo entendido que só onde admite queixa do injuriado e não de outra pessoa o mesmo se praticara a respeito dos Portuguezes que casarem com indias e os seus filhos e descendentes. A todos concedo as mesmas preferencias para os officios que ouverem na terra em que viverem e quando succeda que os filhos descendentes destes matrimonios tenham alguns requerimentos perante mim me fação saber esta qualidade para em rasão della muy particularmente os attender os donos que esta minha Real Resolução se observe em todos os meus dominios da America pello que mando ao Vice-rey Capitam General de mar e terra do Estado do Brasil Capitães Generaes, Governadores dos Estados do Maranhão e Pará e mais conquistas do Brasil, Capitães mores dellas, xancelleres e desembargadores das Relações da Bahia e Rio de Janeiro os Ouvidores Geraes das Comarcas e juizes de fóra ordinarios e mais Justiças dos referidos Estados cumpram e goardem o presente Alvará de ley e o façam cumprir e goardar conforme o que nelle se contem o qual valerá como carta posto que seu effeito haja de correr mais de um anno e se publicará nas ditas comarcas e em minha xancellaria mór da Corte do Reyno onde se registará como tambem nas mais partes em que semelhantes Alvarás se costumão registrar e o proprio se lançará na

Torre do Tombo. Lisboa quatro de Abril de mil setecentos e cincoenta e cinco. REY.

Dom José etc. São alvarás e cartas em que o rey manda que sejam applicadas ás novas villas o que foi estatuido para o Maranhão e Pará.

Segue o seguinte:

Eu El-rey faço saber aos que este Alvará com força de ley virem que porquanto o santysimo Padre Benedicto XIV ora Presidente na Universal Igreja de Deos pela Constituição de vinte de Dezembro de mil setecentos e quarenta e hum reprovando todos os abusos que se haviam feito de liberdade dos indios do Brasil com transgressam das leys divina e humana e ordenou debaixo das penas celestiaes na mesma constituição declaradas a escravidão das pessoas e a usurpação dos bens dos sobreditos indios e porquanto pellos meus Alvarás dados e nos dias seis e sete do mez de Junho do anno de mil setecentos e cincoenta e cinco conformando-me com a mesma constituição e posto fica exercitando eficazmente a observancia de todas as leys que os Senhores reys meus predecessores havião ordenado aos meus abeys digo aos meus uteis e necessarios fins do serviço de Deos e meo e do bem commum dos meus reynos e vassallos extabelleceo incontestavelmente a liberdade das pessoas e bens assim de raiz como semoventes e moveis a favor dos indios do Maranhão e independente exercicio da agricultura que por elles for feita e do commercio a que se applicarem dando lhes huma forma de Governo propria para sivillisalos e ?

por este unico adequado meyo logremos da Santa Mãe Igreja considerando a mayor felicidade que resultará a todos os sobreditos respeitos de fazer as sobreditas duas leys geraes beneficio de todo o Estado do Brasil declarando e ampliando o contheudo nellas ordeno que a

sua disposição sustente aos indios que habitão os meus dominios em todo aquelle continente sem restricção alguã a todos os seus bens assim de raiz como semoventes e da mesma sorte que se acha expresso nas referidas leis sem interpretação, restricção ou modificação alguma que qualquer que ella seja porque em tudo e por tudo quero que sejam julgados como actualmente se julgam na Capitania do Gram-Pará e Maranhão ficando todos com voz ás sobreditas leys que serão com esta para sua devida observancia debaixo das mesmas penas que nellas se ham declarado, pelo que mando ao vice-rey do Estado do Brasil governadores e capitaes generaes xancelleres da Bahia e Rio de Janeiro officiaes de justiça e guerra e das comarcas do mesmo Estado do Brasil ouvidores e mais pessoas delle de qualquer qualidade ou condição que sejam a todos em geral e a cada hum em particular cumpram e goardem estas leys que registará nas camaras do dito Estado e por ellas hey por derogadas todas as leys regimentos e ordens que haja em contrario. que somente quer que valha e tenha força e vigor como nella se contem sem embargo de não ser paçada pela Xancellaria, sem embargo da Ord. Liv. 2.º Tit. 39 e Regimento em contrario. Bellem a oito de Mayo de mil setecentos e cincoenta e oito. E porque se não continha mais nas ditas provisoens que bem fielmente aqui fiz copiar e se seguem os dois itens nono e desesete das Instrucçoens Reaes de que faz menção o auto da criação desta nova villa.

Parapho Nono.

Não deve raiar a Vmcê nem pella imaginação do
 ? de hir fazer descobrimentos de minas
 mays antes se deve aplicar muyto seriamente depois
 dos estabelecimentos das novas villas que puder erigir
 e da educação de seus novos habitantes na cultura dos

fructos para se sustentarem com abundancia não só os moradores das mesmas terras mas faserem commercio delles para a Bahia e Rio de Janeiro.

Parapho Desecete.

Ordena tambem sua Magestade assim naquellas Povoações chamadas Aldêas que estão já domesticadas como nas que de novo se extabelecerem com indios des-cidos logo que estes se descerem no competente numero se vão estabellecendo nas novas villas se vão abolindo nellas os Barbaros e antigos nomes que tiveram e se lhes vam pondo alguns outros nomes das cidades e villas deste reyno. E não se continha mais nas ditas Reaes ordens Leys e Instruções que me foram dadas pello doutor desembargador Thomé Couceiro de Abreu Cavalleiro Professo na ordem de Christo Ouvidor geral da Capitania do Porto Seguro para as fazer cumprir as quaes bem fielmente aqui as fiz copiar sem borradura ou outra linha ou cousa que duvida faça as proprias e as tornei a entregar ao dito desembargador ouvidor geral que aqui assignou de como as recebeo e as mesmas me reporto nesta copia como fiz e concertei commigo e com o official abaixo assignado nesta Povoação de S. Matheus aos desecete dias do mez de Setembro de mil setecentos e secenta e quatro annos.

E eu José da Costa e Silva Pinto escrevam da Correição desta Comarca e Capitania de Porto Seguro e da criação das novas villas que o escrevi e assignei. *Thomé Couceiro de Abreu.* José da Costa e Silva Pinto. Concertada por mim escrevam José da Costa e Silva Pinto e comigo Tabellião Pedro Soares de Atayde.

Segue-se a certidão do edital, os termos de juramento dos louvados da agulha e corda e dos que abriram as picadas, e as assignaturas dos moradores.

E depois as determinações do rei mandando que nas creações das novas villas se executasse o que mandara prescrever a Francisco Xavier de Mendonça Furtado, Capitão general do Gram-Pará e Maranhão.

Não vale a pena transcrever os autos na integra.

Leia-se, porém, a parte da demarcação das terras dadas para as lavouras dos habitantes, que se segue ao das terras do patrimonio da nova villa.

Auto da medição e demarcação das ruas antigas desta villa chamadas a rua da Aldêa e a rua Direita e do circuito e terrenos que se assignalaram para rendimento do conselho desta villa e extabelecimento dos seus moradores.

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil setecentos e secenta e quatro ao primeiro dia do mez de Outubro do dito anno nesta villa nova de Sam Matheus e principio da rua chamada Aldêa que fica na entrada desta villa para a parte de leste ahi sendo presente o doutor desembargador geral desta Capitania Thomé Couceiro de Abreu como medidores Joan da Costa Bagundes e Francisco José foy pello dito Ministro mandado aos ditos medidores que medissem e demarcassem a dita rua tanto pello comprimento como a sua largura cravando hum marco no principio della com duas testemunhas e satisfasendo os ditos medidores a este mando logo mandaram abrir uma cova e cravaram este primeiro marco em a ponta do morro que comfronta com a mesma rua com a testada e face para leste e oeste e as quinas para norte e sul e deste marco entraram a medir pello meio da mesma rua rumo direito para o oeste até a esquina da Igreja que fica para a parte de leste e acharam ter de comprido cento e oitenta braças e de argo na entrada da mesma rua logo adeante do marco

quatorze braças, no meio quatro e aonde esta medição acabou e outras quatro dando a medição desta rua perfeita e acabada assignando o segundo marco a esquina da mesma Igreja aonde esta medição acabou.

E daqui passando á rua nova de detraz acharam os ditos medidores ter de comprido secenta braças e de largura por toda ella seis.

E não medirão a praça a que se deu o nome de rua nova da Igreja por já se achar medida e demarcada no acto que se fez no levantamento do pellourinho mas assinou o dito Ministro para continuação das casas quando os moradores forem crescendo o terreno que continua o rumo de loeste desde as ultimas casas em que a medição da dita praça acaba athé a barreira do Corgo em distancia de sento e vinte e cinco braças e dahy voltando para o sul athé a planicie direita em distancia maior assinou o terreno que corre direito ao sitio de Joan Antunes da parte de leste quando os moradores requeirão continuar por este rumo as suas casas ahy assinou o terreno que corre athé a ponta do morro de José Vieira por todos estes terrenos constituirem uma planicie sem altos nem baixos com a mesma praça e mandou que os officiaes da camara com o arruador Joan da Costa Bagundes fossem assinando os chãos aos novos moradores que lho pedissem com as mesmas clausulas e condições como elle dito Desembargador e Ouvidor Geral tem concedido alguns catorse ou quinze moradores por se conformar em tudo com a carta regia de tres de março de mil e setecentos e cincoenta e sinco de que fez menção nestes autos.

E por esta maneira ouve medição desta villa e seus terrenos por feita e acabada e para de tudo constar fiz

este auto em que assinou o dito Ministro com os ditos medidores.

E eu José da Costa e Silva Pinto, excrivam que o escrevi. *Couceiro. Joan da Costa Bagundes. Caetano Pereira. Custodio dos Anjos. Francisco José.*

Medição e demarcação das quatro legoas em quadro que se assinam para patrimonio e rendimento do conselho na forma da mesma carta regia.

Aos tres dias do mez de Outubro de mil setecentos e secenta e quatro annos nesta villa nova de S. Matheus e no citio que foi do defunto Domingos da Cunha junto do rio na presença do doutor desembargador Ouvidor Geral desta capitania de Porto Seguro e os louvados rumadores Joan da Costa Bagundes e Francisco José, Custodio dos Anjos, Caetano Pereira medidores da coroa ally pello dito ministro lhes foi mandado que medissem, confrontassem e demarcassem o circuito das quatro legoas em quadro que foram assinadas para patrimonio e rendimento do Conselho debaixo do juramento que recebido tinham; e logo pellos ditos louvados foi dito e declarado que estas terras da parte do Norte partiam com o rio desta villa e da parte do sul com brejaes que iam acabar no rio chamado Murue (*) e da parte de leste com o mesmo rio de S. Matheus e de loeste com mattas virgens e terras que se assinaram para os moradores desta villa.

Junto ao rio para a parte do leste se cravou o primeiro marco no citio de Domingos da Cunha com as faces para Norte e sul e as quinas para leste e loeste e

(*) Inintelligivel.

principiando dalli a medição caminhou-se athé adeante do citio de Lourenço Rodrigues aonde se cravou o segundo marco, declararam ter mil braças medidas por sua corda continha vinte e huma braças e de largo tem mil e quinhentas braças.

Este segundo marco fica com as mesmas faces e quinas que o primeiro.

E continuando a mesma demarcação rumo direito para o loeste athé o corgo chamado Bogiticaba distante do segundo marco mil braças de comprido se cravou o terceiro marco com as faces e quinas viradas para os mesmos rumos dos primeiros e acharão ter de largo as mesmas mil e quinhentas braças, e para constar fiz este termo em que assignou o dito Ministro e os louvados.

E eu José da Costa e Silva Pinto, escrevam que o escrevy. «Couceiro, Joan da Costa Bagundes, Custodio dos Anjos, José Francisco—Caetano Pereira.»

Aos quatro dias do mez de Outubro de mil setecentos e cesenta e quatro annos nesta villa nova de Sam Matheus em o referido citio da Bogiticaba alli presentes o dito doutor desembargador Ouvidor Geral desta capitania de Porto Seguro com os ditos louvados e medidores foi continuada a medição e demarcação retro e principiando-a no marco que aqui se cravou rumo de loeste cempre rio acima athé o jacarandá de Baxo defronte do citio de Antonio Francisco declarão ter de cumprido mil braças e no fim della se cravou outro marco na beira do mesmo rio Jacarandá com as faces e quinas para as mesmas partes dos primeiros e toda esta medição ficou com largura de mil e quinhentas braças tanto para o Norte como para o Sul.

E por esta maneira derão elles louvados e medidores esta medição e demarcação por finda e acabada e o Conselho por entregue das suas quatro legoas em

quadro do que de tudo dou minha fé. E para constar fiz este termo em que assignou o dito Ministro e os louvados e medidores. E eu José da Costa e Silva Pinto, escrevam que o escrevy. «Couceiro, João da Costa Bagundes, Caetano Pereira, Custodio dos Anjos—Francisco José.»

Medição e demarcação das terras que se assinam para lavouras e mais plantaçoens dos moradores desta nova villa. Aos sinco dias do mez de Outubro de mil e setecentos e cecenta e quatro annos no citio do Jacarandá aonde se acabou a medição e demarcação das quatro legoas em quadro que se assignarão para o rendimento do conselho aly na presença do doutor desembargador Ouvidor Geral desta Comarca e Capitania de Porto Seguro Thomé Couceiro de Abreu com os louvados e medidores Joan da Costa Bagundes, Francisco José, Caetano Pereira e Custodio dos Anjos derão principio a medição e dermacação de circuito de terra que se assignou para as lavouras e plantaçoens dos moradores da dita villa e principiando no dito marco delle correndo rumo de loeste athé o morro chamado O Perdido declarão ter de comprido duas mil cento e quarenta e tres braças rio acima, e se não cravou ally marco por lhe ficar servindo de marcação o mesmo morro.

E deste seguindo o mesmo rumo de loeste o rio athé o morro chamado de Santo Antonio acharão ter o mesmo comprimento de duas mil cento e quarenta e tres braças, ficando lhe servindo de marco o mesmo morro, de que dou minha fé. E eu José da Costa e Silva Pinto escrevam da correição desta Comarca e Capitania de Porto Seguro, e da creação das novas villas della, para que assim conste fiz este termo em que o dito Ministro, louvados e medidores assignarão.

«*Couceiro.* Joan da Costa Bagundes, Custodio dos Anjos, Caetano Pereira, Francisco José,»

Aos sinco dias do mez de Outubro de mil setecentos e cecenta e quatro annos, no citio chamado Morro de Santo Antonio donde se achava presente o doutor desembargador geral desta comarca e capitania de Porto Seguro, Thomé Couceiro de Abreu com os ditos medidores e louvados já declarados aly por elle lhes foi mandado continuar a medição e demarcação retro, começando os mesmos louvados a medir no dito morro seguindo o referido rumo de loeste e margens do rio acima athé o morro dos Urubús que tambem fica servindo de marco desta medição e demarcação acharão ter de comprido as mesmas duas mil cento e trinta e tres braças e medindo deste morro pelo mesmo rumo athé o morro chamado os Palmitos lhe derão o mesmo comprimento de duas mil cento e quarenta e tres braças.

E desse morro seguindo sempre o mesmo rumo athé o morro chamado da Lagoinha lhe derão as mesmas braças e per esta maneira derão a medição e demarcação deste dia per finda e acabada do que dou fé. E para constar fiz este termo que assignão o dito Ministro, louvados e medidores. E eu José da Costa e Silva Pinto, escrevam desta comarca e capitania de Porto Seguro e da creação das novas villas della que o escrevi. «Couceiro Joan da Costa Bagundes, Custodio dos Anjos, Caetano Pereira, Francisco José.»

«Final do auto de medição e demarcação.»

Aos seis dias do mez de Outubro de mil setecentos e secenta e quatro no citio chamado o morro da Lagoinha onde se achava presente o Doutor Desembargador Ouvidor geral desta Comarca Thomé Couceiro de Abreu com os ditos medidores e louvados já declarados alli pelo dito ministro lhes foi mandado continuar a medição e demar-

cação até completarem o numero das cinco legoas assignadas aos moradores da nova villa e principiando os mesmos medidores a medir o referido morro da Lagoinha aonde ficarão no dia de hontem seguindo sempre o mesmo rumo de loeste completarão outras duas mil cento e noventa e tres braças até o morro de Tacoerassû.

E deste morro seguindo o mesmo rumo medirão outras tantas braças até a primeira taipada acima da primeira cachoeira aonde cravarão o marco da parte do norte com as faces para o norte e sul e as quinas para leste e oeste com o qual ficarão inteirando e feichando o terreno assignado para os sobreditos moradores e declararão que os morros referidos ficando e servindo de marcos perpetuos desta demarcação e que os que se cravarão de pedra ficavão todos com duas pedras pequenas cravadas junto delles que lhes ficão servindo de testemunhas. »

Vem depois o termo de encerramento e as formalidades tabellioas que não vale a pena transcrever aqui na integra, terminando os autos com os seguintes termos que transcrevo por serem essenciaes.

Conclusão.

Aos treze dias do mez de Outubro de mil setecentos e cecenta e quatro annos nesta villa nova de Sam Mathheus em casa de aposentadoria de mim escrivão ao diante nomeado fiz estes autos conclusos ao doutor desembargador ouvidor Geral desta Comarca e Capitania de Porto Seguro Thomé Couceiro de Abreu, de que fiz este termo. Eu José da Costa e Silva Pinto escrevam que o escrevi.

Conclusos

SENTENÇA

Julgo as presentes medições e demarcações e o

mais que contem estes autos por minha final sentença que mando se cumpra e guarde como nella se contem para o que lhe interponho minha autoridade e decreto judicial e os juizes e mais officiaes da Camara repartirão pelos moradores desta villa as terras que lhes fiação assignadas, medidas e demarcadas para as suas lavouras inteirando a cada um conforme o trafico e familia e escravos que tiverem. Villa nova de São Matheus quatorze de Outubro de mil setecentos e sessenta e quatro. — *Thomé Couceiro de Abreu.*

Termo de data

Aos catorze do mez de Outubro de mil setecentos e cecenta e quatro annos nesta villa nova de Sam Matheus em casas de aposentadoria do desembargador Ouvidor Geral desta Comarca e Capitania de Porto Seguro onde eu escrevam do seu cargo ao diante nomiado fui vindo e aly por elle dito Ministro me foram dados estes autos com a sua sentença retro que manda se cumpra e guarde como nella se contem e declaração de que fiz este termo.

Eu José da Costa e Silva Pinto, escrevam da correição que o escrevi. Foi tresladado dos proprios autos da creação da villa nova de Sam Matheus e vai tudo na verdade sem cousa que duvida faça e por mim subscripto e assignado, conferido e concertado com outro official de Justiça commigo aqui abaixo ao concerto assignado.

Nesta Sidade do Salvador Bahia de todos os Santos aos catorze dias do mez de Outubro de mil setecentos e cecenta e sinco annos. E eu José da Costa e Silva Pinto escrevão que o escrevi com as partes e assignei.

José da Costa e Silva Pinto. Concertado por mim escrevão José da Costa e Silva Pinto. Commigo Escrevão,
— *João da Fonseca.*

Vejam-se ainda os seguintes documentos que o Archivo da Bahia possui, além de muitissimos outros que alli se acham, assim como em Portugal e que provam de modo irrefutavel o direito da Bahia.

Illm. e Exm. Sr.

Pelo officio de V. Ex. n. 5 em data de 2 do corrente, Ficou El-rey Nosso Senhor sciente de ter V. Ex. mandado huma copia do officio do Governador da Capitania do Espirito Santo sobre o Estado da Povoação de Linhares do districto do Rio Doce ao Ouvidor da Comarca de Porto Seguro para melhor execução do Aviso de 3 de Setembro passado, visto que ficando aquella comarca nas immediações da mencionada Povoação, a ninguem he mais interessante do que áquelle Ministro o conhecimento dos differentes objectos comprehendidos no mesmo officio. Deus Guarde a V. Ex. Palacio do Rio de Janeiro 31 de Janeiro de 1820. — *Thomaz Antonio de Villa Nova Portugal.*

Sr. Conde de Palma.»

No Archivo se encontra um officio do Conde da Ponte datado de 1808 em que ordena ao Capitão mór das Ordenanças da villa de S. Matheus em que declara haver ordenado aos capitães môres das outras villas da Comarca de Porto Seguro que o auxiliem com destacamentos para defender contra os indios o logar chamado Lagoinha, que faz parte das terras das lavouras dos habitantes da referida villa.

Trancoso e Villa Verde deviam concorrer com 60 homens cada huma.

Um outro officio datado de 24 de Setembro de 1810 providencia sobre o gentio barbaro de São Matheus e é dirigido ao Ouvidor da Comarca de Porto Seguro.

Um outro officio do Conde da Ponte ao Ouvidor de Porto Seguro datado de 16 de Fevereiro de 1810 tem por objecto as farinhas que iam de São Matheus para outras capitancias, o que era contra as ordens reaes.

Um outro officio do Conde de Palma datado de 1820 dirigido ao Governador do Espirito Santo em que trata de um preso, e diz que o mesmo deve responder na Comarca de Porto Seguro por um crime de furto que havia feito em S. Matheus.

Ao juiz ordinario de S. Matheus se dirige o Governador da Bahia em 1810 acerca dos salvados de dois brigues inglezes que haviam naufragado na costa daquelle districto, e sobre o mesmo facto officia na mesma data ao ouvidor de Porto Seguro.

Ainda em outro officio de 1806 se dirige o Governador da Bahia ao ouvidor de Porto Seguro sobre negocios da Villa de S. Matheus, pertencente á sua Comarca.

Em uma carta datada de 8 Outubro de 1809 dirigida ao Conde de Aguiar pelos membros da Junta do Governo da Bahia, composta do Arcebispo Fr. José, Antonio Luiz Pereira da Cunha e João Baptista Vieira Coutinho, e que foi motivada pela ordem vinda da Côrte para indicar quaes as villas da Bahia em que se podiam estabelecer juizes de fóra, ha o seguinte interessante trecho.

« A Comarca de Porto Seguro tem poucas villas notaveis e apenas merecem alguma attenção as de Caravellas e S. Matheus, que ficam muito ao sul da cabeça da Comarca.

Qualquer dellas pouco mais tem dè 2 mil habitantes. O seu commercio é fraco por falta de braços e pela perseguição que soffrem os povos da mesma villa de Porto Seguro atté os Campos de Goytacazes pelas invasões do gentio barbaro e anthropophago.

O Ouvidor interino da comarca na sua resposta (doc. n. 3) se lembra com preferencia da villa de S. Matheus para residencia de hum juiz de fóra, porém o que mais indispensavel parece é que S. A. R. ordene que o Ouvidor nomeado para aquella Comarca que he Francisco Carneiro de Campos, actualmente empregado nesta cidade no exercicio da cadeira de Philosophia, se recolha em breve termo á sua Comarca, tendo-se por vago o lugar, quando assim o não cumpra, para ser provido em pessoa que bem vá servir e se evitarem os graves inconvenientes que aquelles Povos ha tantos annos tem soffrido por falta de hum Ministro que lhes administre justiça e deliberar-se depois com mais conhecimento de causa sobre a criação de hum juiz de fóra para alguma villa desta Comarca.

Leia-se ainda o seguinte.

« Para o Ouvidor de Porto Seguro.

Envio a Vmcê o requerimento de João de Souza Victoria, Piloto-mór da Barra do Rio Doce que pede para ser mudado no mesmo emprego para a Barra de São Matheus, afim de que me informe, expondo todas as circumstancias que houverem a este respeito para as fazer subir ao soberano conhecimento de S. Magestade.

Deus guarde etc.

Bahia, 8 de Fevereiro de 1821.

Conde de Palma.

Ao Sr. Ouvidor de Porto Seguro.»

Senhor

Esta comarca de Porto Seguro por sua prioridade, posição e fertilidade se torna digna dos Paternaes Auspícios de V. A. Real e do que mais carece, tanto para defender-se das correrias e insultos dos Indios Botocudos, como para a lavoura, são braços; esta necessidade requinta tanto mais, quanto é mister promover e acce-

lerar a povoação de huma comarca, que com a maior celeridade deve enlaçar as duas mais opulentas capitâneas do Brasil, a do Rio e Bahia, facilitando suas reciprocas communicações por terra; per estas ponderosas rasões, e por que pelo meu emprego V. A. Real me faz cargo de suscitar quanto for a bem destes povos, e mais ainda porque cumpre ter aqui huma força sempre armada e permanente qual he a dos 11 destacamentos per mim levantados para repellir os indios aggressores; e sendo que os habitantes ora se empregam em sua propria defeza vou aos pés do Throno pedir a V. A. R. a graça de Mandar por Especial Decreto dirigido ao Exm. Governador capitão e General da Bahia hisentar esta comarca temporariamente de todo e qualquer recrutamento para as tropas de Linha. S. Matheus, 24 de Fevereiro de 1812.

O Ouvidor de Porto Seguro, *José Marcellino da Cunha*.

E para concluir, solicito ainda a attenção dos leitores para o officio junto.

Para o Capitão-mór das Ordenanças da Villa de S. Matheus, Domingos Gomes Morim.

Vendo o ultimo parographo da sua carta de 18 de Agosto passado em que me communica que no mez de Julho mandara o Governador da Capitania do Espirito Santo convidar a certos moradores dessa Villa para hirem per guias a hum descobrimento de ouro na lagôa Japaranam, pertencente ao districto dessa mesma villa, *por ficar da parte do Norte do Rio Doce*, lhe participara hum dos convidados que fôra a esse logar fazer nella muito ouro; e porque nas actuaes circumstancias é melhor que o exame e excavação do lugar se faça com toda a cautela e fiel indagação, me resolvi a bem do Real Serviço mandar a essa villa o alferes da 1.^a Com-

da casa official de espectaculos ser destinada a mistéres diversos. Basta dizer que ali já funcionou o Jury!!

Não desejando intrometter-me em seára alheia, deixo aos competentes a critica sobre o assumpto. Apenas asseguro que sendo o theatro uma das mais bellas manifestações da arte, fatalmente acompanha, na Bahia, o declinio da pintura, da esculptura e da musica.

Passo a mencionar os theatros que hão existido nesta cidade, motivo capital destas linhas.

Casa da Opera — Fôra assim denominada a primeira casa de espectaculo que se installou na Bahia. Era num sobrado pertencente, actualmente, a Santa Casa da Misericordia, á rua do Saldanha, n. 36, districto da Sé.

Por muito tempo, o trecho dessa via publica, onde ficava o theatro, se chamou rua da *Opera Velha*.

Desse theatro, a tradição não conserva outra recordação, além do local onde foi estabelecido.

Theatro do Guadalupe — Funcionou no largo do mesmo nome, hoje praça dos Veteranos, assim denominada por se reunirem, em casa do brigadeiro Joaquim Antonio da Silva Carvalhal, os veteranos da independencia da Bahia, com o fim de tratarem de assumptos patrióticos.

Ahi exhibiram-se os saudosos musicistas, Damião Barbosa, José Rebouças, Honorato Regis e muitos outros, dando realce ás peças theatraes, *Labirintho de Creta*, *Guerras do Alecrim e da Mangerona*, *Encantos de Medea*, do celebrado actor brasileiro Antonio José, queimado vivo, como judeu, em Lisbôa, numa fogueira da santa inquisição.

O pequeno theatro era de madeira, forrado de panno. As aguas que corriam ou se represavam ao longo da antiga rua da Valla, formando brejos, serviam de refugio aos sapos que, em occasiões de espectaculos, confundiam o seu coaxar com as melodias da orchestra; e por vezes os sordidos amphibios saltavam sobre as estantes, interrompendo os compassos da musica.

Na dita praça ainda restam destroços de alvenaria, attestando a edificação da egreja de N. S. do Guadalupe, demolida em 1858.

Extincto o theatro da rua do Saldanha, o primeiro, instituíram um outro o do Guadalupe, no predio pertencente ao capitão João Pessoa da Silva.

Depois de edificado o theatro S. João começaram a chamar o Guadalupe *Casa da Opera Velha*; e com esta denominação fôra vendido ao Senado da Camara, em 1827, pela quantia de oitocentos mil réis.

Theatro S. João — A Praça *Castro Alves*, onde está o velho S. João, era chamada — *Largo da Quitanda* ou *Portas de S. Bento*.

D. João de Saldanha da Gama de Mello e Torres, 6.^o Conde da Ponte, que governou a Bahia de 1805 a 1810 pretendeu edificá-lo, e para isso mandou aplainar o terreno por africanos que estavam ainda presos e acorrentados, em virtude do levante da nação *Uçá*. O conde abriu uma subscrição, que montou em 37:000\$000, mas na arrecadação verificou-se, apenas, a existencia de 18:880\$000.

Então, obteve por carta regia de 27 de Janeiro de 1809, a permissão de uma loteria, por espaço de seis annos.

Coube a D. Marcos de Noronha e Brito, Conde dos Arcos, a satisfação de inaugurar o Theatro S. João, em

13 de Maio de 1812, subindo á scena o drama — *A Escosseza*. (*)

O governador com seus cortejos e mais pessoas gradas assistiram, satisfeitos, o início de uma época de progresso, entre as manifestações delirantes do povo.

Toda a pintura decorativa fôra executada pelo artista bahiano Manoel José de Sousa Coitinho, considerado, na época, o mais competente em trabalhos de scenographia, o que lhe valen conquistar a estima e protecção do governo, devido á execução de seus trabalhos.

O poeta bahiano José Francisco Cardoso de Moraes compoz um *Elogio*, em versos decassyllabos soltos, offerecido ao Conde dos Arcos, recitando nessa noite. Esse *Elogio* existe na nossa Bibliotheca Publica.

O edificio do theatre tem passado por grandes concertos e melhoramentos.

Em 1830 foi levado á praça o seu arrendamento, e, não havendo quem a elle concorresse, foi contractado e entregue á administração do Sr. Domingos Antonio Zuanny, que fez grandes melhoramentos externos e tornou-se o empresario de uma boa companhia dramatica.

Por essa occasião foram fechadas as janellas que davam para a rua que desce da actual rua Chile. (**)

Em 1897 ou 1898, na administração do Cons. Luiz Vianna, a Secretaria das obras publicas e viação

Illos. Exm. Sr.

(*) Levei á Augusta Presença de S. A. Real o officio de V. Ex. de 16 de Maio passado e os dois Impressos do *Elogio* e *Hymno* recitados no Novo Theatre de S. João dessa cidade, que pela primeira vez se abriu no Faustissimo Dia 13 do mesmo mez.

Deus guarde a V. Ex. Palacio do Rio de Janeiro em 7 de Agosto de 1812.

Ao Sr. Conde dos Arcos.

Conde de Aguiar.

(*Arch. Publico da Bahia*)

(**) *Gazeta da Bahia*, de 16 de Outubro de 1830.

projectando uma completa reforma d'esse theatro fez os desenhos dos quatro lados e o respectivo orçamento (*), votou-se na Assembléa geral do Estado uma loteria de mil contos de réis para esse fim: como em tudo mais, surgiu logo a opposição dos entendidos para que em outro local fosse feito um novo theatro, e, como a crise financeira se foi aggravando, nada se pode fazer até hoje. . .

Entre os seus administradores contam-se: Domingos Antonio Zuanny, José Joaquim dos Reis Lessa, Coronel Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva, Dr. Agrario de Sousa Menezes, Custodio Rebello de Figueiredo e Comm. Theodoro Teixeira Gomes.

Havia, além de administrador, escripturario, fiel, porteiro e guarda-roupa. Actualmente tem, apenas, o guarda-roupa, que pode guardar tudo, menos roupa e *archivo*, cousas que não existem mais.

O velho S. João teve sua época de glorias; ahi pisaram no seu palco sumidades dramaticas e lyricas consagradas pela culta Europa. Bonitas intelligencias escreveram e foram applaudidas.

Em 12 de Outubro de 1830 foi á 'scena um bello drama escripto pelo advogado Faleão, cujo titulo era — *O modelo dos monarchas ou o rei constitucional*.

Em 1831 representou-se com enthusiasmo a tragedia — *Rotella ou o amor da patria*. Um medico tambem bahiano escreveu, no mesmo anno, uma comedia de muito effeito: *O castigo da vaidade*.

Dentre as actrizes bahianas que mais se distinguiram, citaremos alguns nomes:

Joanna Januaria, que gosou grande popularidade, inimitavel no *Castiga meu bem, castiga*.

(*) Esses desenhos acham-se hoje recolhidos ao *archivo do « Instituto Historico »*.

projectando uma completa reforma d'esse theatro fez os desenhos dos quatro lados e o respectivo orçamento (*), votou-se na Assembléa geral do Estado uma loteria de mil contos de réis para esse fim: como em tudo mais, surgiu logo a opposição dos entendidos para que em outro local fosse feito um novo theatro, e, como a crise financeira se foi aggravando, nada se poudo fazer até hoje...

Entre os seus administradores contam-se: Domingos Antonio Zuanny, José Joaquim dos Reis Lessa, Coronel Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva, Dr. Agrario de Sousa Menezes, Custodio Rebello de Figueiredo e Comm. Theodoro Teixeira Gomes.

Havia, além de administrador, escripturario, fiel, porteiro e guarda-roupa. Actualmente tem, apenas, o guarda-roupa, que pode guardar tudo, menos roupa e archivo, cousas que não existem mais.

O velho S. João teve sua época de glorias; ali pisaram no seu palco sumidades dramaticas e lyricas consagradas pela culta Europa. Bonitas intelligencias escreveram e foram applaudidas.

Em 12 de Outubro de 1830 foi á scena um bello drama escripto pelo advogado Falcão, cujo titulo era — *O modelo dos monarchas ou o rei constitucional*.

Em 1831 representou-se com enthusiasmo a tragedia — *Rotella ou o amor da patria*. Um medico tambem bahiano escreveu, no mesmo anno, uma comedia de muito effeito: *O castigo da vaidade*.

Dentre as actrizes bahianas que mais se distinguiram, citaremos alguns nomes:

Joanna Januaria, que gosou grande popularidade, inimitavel no *Castiga meu bem, castiga*.

(*) Esses desenhos acham-se hoje recolhidos no archivo do « Instituto Historico ».

Maria Leopoldina, dama galan, de grande talento, que obteve a melhor reputação artistica.

Leolinda Amôdo, dama galan.

Clelia Freire de Carvalho, correu toda a escala dramatica, sendo afinal, actriz generica.

Isabel Maria Nunes, centro de viva intelligencia.

Nessa casa de espectaculos installou-se em 9 de Julho de 1854 — o *Conservatorio Dramatico*, cujos serviços prestados ás letras foram os melhores. Hoje, ninguém se incumbe da bagatella de escrever um drama; a vida é mais laboriosa ou diligente, obedecendo ao prisma das novas idéas. O tempo urge, é preciso arranjar fortuna, em tempo.

Em 1846, o governo da antiga provincia despendeu com uma companhia melodramatica e de bailes mimicos a quantia de 15:000\$000.

Em 1848, porém, chegou, pela primeira vez á Bahia, uma companhia lyrica italiana, dirigida pelo maestro Antongini, compromettendo-se a dar espectaculos regulares, por espaço de cinco mezes pela quantia de 17:340\$000.

Ao mesmo tempo funcionava uma companhia dramatica, contractada por quatro mezes, contribuindo o governo com a subvenção de 6:884\$000.

De modo que em 1848 a provincia, com uma receita orçamentaria inferior a mil contos de réis, despendeu com a verba *Theatro Publico* a somma de 24:224\$000.

E em 1909 ? !!

Vae sem commentarios.

O *Instituto Historico da Bahia* possui em seu archivo a Apolice n. 70, do capital de 200\$000 «offerecidos pelo Sr. João dos Santos Orta para estabele-

cimento do novo theatro d'esta cidade pelo qual fica tendo o premio annual de 7 por cento.»

O documento é interessante, está datado de 17 de Novembro de 1808 e assignado pelo administrador e thesoureiro — Manoel José Machado e Manoel José de Mello.

« Nelle se diz que o Exm. Conde da Ponte, governador e capitão general havendo se prestado a proteger o novo Theatro, que se vai erigir na Praça das Portas de S. Bento, resolveu que se conseguisse o empréstimo de 48 contos de réis, divididos em acções de 200\$000 cada uma, deixando livre aos accionistas a escolha do premio de 7%, ou o interesse como proprietarios do mesmo theatro debaixo das condições que servem de base ao mesmo estabelecimento; e havendo o Sr. João dos Santos Orta offerecido e entregues no cofre respectivo 200\$000, se lhes passou a presente apolice, que servirá de titulo ao dito senhor, garantida pelo valor da referida Propriedade, etc. etc.»

Tem uma nota de ter sido transferida com todos os poderes em 1.º de Agosto de 1836 (!) a Joaquim José Gomes, por fallecimento do Sr. Orta. (*)

Theatro S. Pedro D'Alcantara — Funcionou por muitos annos á rua Carlos Gomes, antiga rua de Baixo, nos predios que actualmente têm os ns. 53 e 55. Durante longo tempo, o distincto actor dramatico Antonio da Silva Araujo dirigiu as companhias que ahi trabalharam, como empresario. Neste theatro exhibiram-se os distinctos amadores Fernando Olympio Machado, Diogenes Dourado e Diogo de Andrade Vallasques.

(*) No Vol. 2.º da *Idade d'Ouro*, de 1812, existente na Bib. Pub. da Bahia, falta o n. 39 que devia dar a noticia da inauguração do Theatro S. João.

Ahi, depois do anno de mil oitocentos e cincoenta deram boas representações as sociedades — *Club Bahiano* e *Instituto Dramatico*. E foram representados os dramas :

O *Conde de Zampiere*, em cinco actos, levado á scena, primeira vez, em 1861;

Os tempos da independencia, drama historico em tres actos, prologo e epilogo, ambos escriptos pelo distincto homem de letras bahiano, Constantino do Amaral Tavares, tambem no anno de 1861.

Polytheama — Começou a funcionar, como praça de touros, em terrenos da roça que L. Ferraro comprou em 1882 aos herdeiros de Jacintho Luz de Sá, filho do fundador do Convento das Mercês.

Morto Ferraro, quando organisava uma empreza para transformar a praça de touros em theatro, foi pelo corrector da Praça J. J. Teixeira Leal, organizada então a empreza sob o nome de Polytheama Bahiano, em 1883. Deram-se ahi diversas funcções publicas, trabalhando companhias de circo, inclusive a de acrobatas japonezes.

Por motivo de fallencia, em 1893, um grupo de negociantes comprou o barracão e terrenos, reformou mais uma vez o edificio, dando-lhe a fórma actual.

O primeiro espectaculo fôra organizado pela Companhia «Naghel e Milone», a 20 de Maio de 1885, em beneficio da associação *Gremio Literario*.

Actualmente é propriedade de um grupo de capitalistas, e quasi que é a unica casa de espectaculos da Bahia.

E' todo construido de madeira e forrado externamente de ferro zincado.

O telhado é todo de madeira e papelão. Tem jardim e grande área para passeio. Os primeiros scenarios foram pintados pelo artista Heraclio Odilon. A mobilia de toda

casa, constando de 500 logares na platéa e 43 nos camarotes, fôra construída pelo artista Pedro Joaquim D'Alcantara.

As obras de ferro foram executadas na fundição da cidade de Valença.



Até aqui os theatros publicos; seguem-se os theatrinhos particulares:

Theatro S. José — Funcionou no predio junto á egreja de S. José da Riba-Mar, no districto de Santo Antonio além do Carmo. Ahi, além de outras pessoas que se dedicavam ao culto das artes, como o notavel actor dramático Xisto Bahia, se exhibiram os seguintes amadores: o 2.^o tenente José Maria da Silva Paranhos, mais tarde o benemerito Visconde do Rio Branco; Eliziario Prudencio da Lapa Pinto, Antonio Polycarpo Araponga, Polydoro Bittencourt, Luiz Tarquinio, Demetrio Acacio da Silva, Viviano de Andrade Silva, Pedro Leitão, Mavignê do Rego Caicó, Bellarmino Soares de Andrade, professor Antonio Pinheiro Requião. Deram nessa casa de espectaculos reuniões animadissimas de reunirem 80 senhoras.

A sociedade ahi creada teve o nome de — *Regeneração Dramatica*, da qual foi seu presidente, em 1854, o Dr. Manuel Caetano da Silva; e mais tarde o Dr. José Luiz de Almeida Couto.

Casa do Ferrão — O antigo solar situado á rua do Maciel de Baixo, no districto da Sé, serviu de theatro publico, ainda quando esteve aqui o distincto actor — Amocedo. — O edificio fôra construído em 1701

pelos jesuitas, com a denominação de Collegio de Nossa Senhora da Conceição.

Nas salas de estudos havia pintada a óleo e sobre panno, cobrindo as paredes, toda a historia da guerra hollandeza na Bahia, desde a invasão, em 8 de Maio de 1624, até 1.º de Maio de 1625, quando foi restaurada a Cidade.

Ahi funcionou uma casa de educação, e o seu director, com feroz cannibalismo, mandou arrancar aquellas paginas vivas da historia patria, substituindo-as por papel pintado!!

« Em todos os tempos ha vandalos, porque não se gosta do que se não conhece.» Tinham os jesuitas construido um muro, no grande quintal, e do lado opposto do valle formaram um riquissimo presepio, cujo accesso era feito por uma ponte; para isso enterraram vigas de quarenta palmos de comprimento.

Actualmente, o edificio é de propriedade da associação *Centro Operario*.

União Dramatica — Em 1839 funcionou á ladeira da Gamelleira, onde existe actualmente a *Marcenaria Bahiana*. No mesmo predio pelos annos de 1876 a 1880 teve sua séde a *Sociedade Thalia*, cujo panno de bocca fôra pintado por Manuel Lopes Rodrigues.

No predio contiguo, onde esteve por muito tempo o *Hotel Bahiano*, funcionou uma sala de espectaculos, cujo panno de bocca fôra pintado por Tito Baptista. Lopes Rodrigues escreveu uma comedia em um acto, tirada de um facto historico — *Flagrante Delicto*, para ser ahi representada; no dia compareceu e assistiu da

platéa o episodio de sua vida convertido em scena engraçada.

No antigo *Hotel Follé Ville*, á rua Carlos Gomes, no predio em que actualmente se acha installada a *Associação dos Empregados no Commercio da Bahia* funcionou, entre outras, uma companhia dramatica possuindo artistas de merito, como Garofolo — considerado irreprehensivel, na phrase do critico severo, Bel-larmino Barreto, o galan Coronello e ingenua Catherina Bella.

Congresso Dramatico — Era estabelecido á rua da Gamelleira, onde está actualmente a *Mar-cenaria Bahiana*.

Dessa aggremação sahiram alguns amadores que se tornaram artistas.

Funcionou por largo tempo, sob a direcção do Sr. Eduardo De-Vecchi.

Recreio Dramatico — Á rua do Baluarte, sobrado junto a egreja de Santo Antonio além do Carmo, existiu uma casa de espectaculos, com o nome acima, dirigida pelo coronel Amando Gentil, cujo panno de bocca fôra pintado pelo auctor destas linhas em 1884.

Gremio Agrario de Menezes — Funcionou á rua Carlos Gomes, predio n. 23.

Em 17 de Fevereiro de 1888 deu o seu primeiro espectaculo, com a comedia em 3 actos — *Noella em accção*. Ahí foram exhibidos os seguintes dramas: *Gonzaga*, *Jorge de Aguilhar*, *Bohemia*, *Modelo vivo*, *Amôr Platonico*, do Dr. Antonio Pedro da Silva Castro.

Entre as comedias sobresahiram: *Visinha Margarida*, *Tio Padre*, *Meia Hora de cynismo*, etc.

O corpo scenico era composto dos seguintes amadores :

Carlos Zuanny, Fabricio de Almeida, Eduardo Velloso, Augusto de Oliveira, engenheiro Antonio Freire, Domingos Freire, Alberto Pires, Horacio Hora e Dr. A. P. Silva Castro. Ensaaiador, Capitão-tenente reformado, Senna Pereira.

Theatro Familiar — No Caquende, em casa do major Polydoro Bittencourt, (rua Conselheiro Almeida Couto), n. 110, na sala de jantar, que era vasta, existiu um palco, onde foram executados varios dramas e comedias. Diz uma testemunha : « Fazia gosto assistir-se um espectaculo. Sahia-se de lá agradavelmente impressionado, pela maneira correctissima da interpretação dos papeis. Pareciam mais actores consumados de escola classica, do que simples amadores que se divertiam, embora intelligentemente.

« Os espectaculos eram frequentados pelas melhores familias da nossa sociedade. Polydoro representava no genero — centro comico, com muita naturalidade e distincção, como por exemplo no Capitão Tiberio, do *Phantasma Branco*, no moleque Pedro, no *Demonio Familiar*, de Alencar, no soldado Jeronymo, dos *Tempos da Independencia*, no tio Simplicio e o Barão na *Chavena de Chá*, e outras, verdadeiras creações suas e com uma verve inexgotavel, podendo ser chamado o Vasques bahiano ou o Xisto: ajudava-o a sua familia, senhora, cunhadas e irmã que era uma eximia dama caricata, além de alguns amigos como Zuanny, Dr. Silva Castro, Fernando Machado, etc. »

Sociedade Dramatica — Teve sua séde, no arrabalde da Graça, districto da Victoria, na antiga residencia do Barão de Itapoan.

Na rua Dr. Manoel Victorino, no prédio occupado pelas officinas Litho-Typ. e Encadernação Reis & C., ha mais de cincoenta annos, estabeleceu-se um theatro; entre outros amadores, o Dr. Ignacio José Ferreira e João Jesuino Ladislác.

Theatro Santo Antonio — No antigo collegio do Padre Pereira, á baixa da Quinta dos Lazaros, existiu por algum tempo um theatro bem confortavel, propriedade do Dr. Umbellino Marques.

Phenix Dramatica — Funcionou no prédio onde se acha estabelecida a repartição do «Correio Geral», á rua d'Alfandega.

Sociedade Thalia — Deu suas representações, em um prédio á ladeira da Gamelleira.

Foi fundada por caixeiros, e funcionou a principio na cidade baixa defronte do *Elevador Lacerda*, em 1873 a 1874.

Gymnasio Bahiano — Ahi representou-se, em 1862, o drama em cinco actos, *Um casamento da epoca*, de Constantino do Amaral Tavares.

Nessa casa de espectaculos, deu um importante concerto, em seu beneficio, o notavel instrumentista João Bispo da Egreja, em Julho de 1856; e, no ardor do enthusiasmo, o grande poeta repentista Francisco Moniz Barreto dedicou ao artista, o seguinte soneto:

O metal que soar fazes tão raro,
Teu nome impendo ao seculo vindeiro
Vale mais, para mim, que todo ouro
Que nos seus cofres amontôa o avaro.

Ne teu magico piston as Muzas — claro,
Guardam immenso, perenal thesouro:
Morrem titulos ganhos com desdouro,
E' immortal teu merito preclaro.

No sceptro por mãos d'homens empanhado
 Troveja só a lei, que quer ter presa
 A vontade do povo a seu mau grado,

Outro é teu poder, tua grandeza
 No sceptro, por teu sopro sustentado
 Falla, legisla, impera a natureza.

Phenix Dramatica — Funcionou em 1895 nos *Dendexeiros do Bomfim*, districto dos Mares, durante algum tempo: representaram ali *O Principe Russiano Escravo* e a comedia *Rosca*.

Gymnasio Bomfim — Em Outubro de 1867 trabalhavam alternadamente no Theatro S. João duas companhias dramaticas, a do Sr. Carvalho, da qual faziam parte a actriz portugueza D. Eugenia Infante da Camara, Silva Araujo e outros, a do artista brasileiro Manoel De-Giovanni, e a celebre companhia *Bouffes Parisiens* do Sr. Pope.

Em Dezembro do mesmo anno os Srs. Manoel Isidoro Rodrigues de Carvalho e Pedro Alexandrino Ribeiro Moreira fundaram um theatro na baixa do Bomfim, com o nome *Gymnasio Bomfim*, junto á estação dos *Vehiculos Economicos*, para n'elle representar a companhia dramatica de que fazia parte a actriz Eugenia Camara, durante as festas do Natal e Bomfim n'aquelle arrabalde, sempre procurado pelas pessoas da alta sociedade.

O theatro era um barracão de madeira com capacidade para 250 pessoas, com galerias e platéa.

No dia 20 do mesmo mez de Dezembro foi inaugurado com a companhia dramatica nacional, sob a direcção do artista Carvalho, sendo o primeiro espe-

espectaculo dado em favor da Capella do Senhor do Bomfim, e honrado com a presença do presidente da Provincia.

A 26 de Janeiro de 1868 deu o seu ultimo spectaculo D. Eugenia Camara, que seguia para o Rio de Janeiro.

No fim de Fevereiro o theatro não trabalhou mais, e foi desmanchado.

Theatro Mechanico — A presidencia da Camara, por despacho de 16 de Julho de 1877, concedeu licença aos artistas Wetmann e Cardes para darem espectaculos em um theatrinho na Praça da Piedade.

O primeiro spectaculo teve logar no dia 31 do mesmo mez. Não agradou a representação e logo no principio as familias se retiraram: não houve segunda representação, porque a imprensa fez acre censura e pediu que fosse cassada a licença.

Theatro Xisto Bahia — Em 1900 fundou-se um pequeno theatro de madeira com este nome, no Castro Neves, districto de Brotas, nos terrenos da casa de Manoel Meirelles, onde tomaram parte varios amadores.

Em 1901 ainda funcionava o grupo dramatico dando concorridas representações.

Theatrinho Avenida — No Rio Vermelho, em 1890.

Era de amadores, tendo tomado parte nas representações o Dr. Silva Castro, Zuanny e outros.

Funcionou durante algum tempo, havendo diversas representações com grande enthusiasmo das pessoas que procuravam o arrabalde nas festas do verão.

Gremio Dramatico Carlos Gomes — Era composto de amadores e funcionou no predio onde

se acha a Escola Municipal da Gamelleira, e depois no Theatro S. João e no Polytheama, de 1897 a 1898.

Os seus fundamentos tiveram lugar em casa do Professor Leopoldino Tantú, no districto da Sé.

Levou á scena varias peças nacionaes e estrangeiras, especialmente do Dr. Antonio Pedro da Silva Castro.

Em 1898, commemorou o 1.º anno de sua fundação com o drama, de assumpto abolicionista — *Treze de Maio* — produção de Lopes Rodrigues e Bento Murrilla (Dr. Manoel Brito), o *Grito da Consciencia*, de Sílio Boccanera e Alexandre Fernandes, o *Arnaldo*, de Damasceno Vieira; e outros.

Passou depois a funcionar em Itapagipe, no largo da Madragôa, onde é a fabrica de calçados de Gama & Gama.

Theatrinho Gremio José de Alencar — Funcionava em terrenos particulares da rua « Comendador Salvador Pires », em S. Pedro, pertencentes ao engenheiro Alexandre Maia Bitténcourt, durante os annos de 1897 a 1899. Era de amadores, que levaram á scena muitas produções nacionaes, inclusive a revista de costumes bahianos — *Qui Manimolencia*, produção de Alexandre Maia e Carlos Zuanny.

Recreio Dramatico — Em 1872 a 1873 existiu o *Recreio Dramatico*, á rua dos Droguistas, fundado por caixeiros do nosso commercio.

Durou pouco tempo.

Houve uma outra Sociedade Dramatica de amadores, tambem, na *Soledade*, em 1860.

Houve ainda outros pequenos theatros, de curta duração, lembrando-nos dos seguintes:

No districto da Sé, rua da Oração, existiu ha mais de 40 annos, um pequeno theatro, cujo nome não me foi possível saber, onde representaram: *O Demonio Familiar*, *O Chapéu de Chuva do Pantaleão*, *Amor e Honra*, etc.

Em 1870, mais ou menos, funcçãoou um theatrinho no sobrado, á rua do Sangradouro, que tem jardim na frente, e que foi propriedade de João Gabriel de Gouveia.

Houve tambem em 1903 a 1904 um theatrinho da Sociedade *Recreio do Bomfim*, onde foi o *Hotel Miramar*, á Calçada do Bomfim.

Em todos elles houve espectaculos publicos.

Manoel Querino.

Bahia, 1909.

Bernardo Pereira de Vasconcellos

E O SEU DISCURSO SOBRE A INDEPENDENCIA NACIONAL

Illustrada Redacção d'A Bahia ()*

Revendo alguns papeis velhos, que de longa data possuo, entre elles deparei com uma copia, por mim extrahida, de um antigo jornal da epocha, com um notavel discurso proferido pelo insigne estadista Bernardo Pereira de Vasconcellos, incumbido, pela Camara dos Deputados, de felicitar a sua majestade o imperador Pedro I, no dia 7 de Setembro de 1828.

Desse antigo manuscripto remetto-vos um traslado para que, se assim o entenderdes, lhe deis publicidade.

Leva-me a isto a supposição de que tal publicação será grata aos amadores da historia nacional; pois que o discurso de Vasconcellos põe em saliente relevo o facto mais brilhante e momentoso della.

*
* *

Longe estou, nestas linhas geraes, de fazer a biographia de um dos mais preclaros filhos de Minas Geraes; cifra-se apenas o meu despretencioso proposito traçar um rapido esboço da vida desse grande homem de Estado. Bem joven ainda, seguiu elle de sua provincia natal, em 1813, para Portugal, a cursar na Univer-

(*) Transcripto d'A Bahia de 10 de Setembro de 1908.

sidade de Coimbra seus estudos superiores, e alli obteve o grau de bacharel em direito.

Certamente não lograra elle, naquella Universidade, distinguir-se tanto quanto o haviam conseguido outros brasileiros, como: Silva Lisbôa (V. Cayrú), Andradas, Olinda, Marquez de Caravellas, Alves Branco, Montezuma, Abrantes, Antonio Ferreira Franca, *todos esses laureados*: ao contrario, Vasconcellos não deixara reputação de estudante distincto, nem por conquistas de applicação, nem por esperanças e intelligencia notavel; a esse tempo eram os bahianos os que mais se destacavam, e em relação aos quaes perguntava admirado o conde de Arganil (reitor da Universidade), «se porventura tinha a Bahia fonte de talento?»



Entrementes, Vasconcellos resolveu-se a permanecer por algum tempo em Portugal, abrindo seu escriptorio de advogado; mas, sem clientella, conseguiu, por protecção de parentes, despachos para S. Paulo, e depois para a Relação do Maranhão.

Tendo sido eleito, por seus comprovincianos, na primeira legislatura de 1826 a 1829, lentamente se fez notavel na tribuna parlamentar em que se iniciara a medo em 1826 a 1827, e era apenas orador mediocre, monotono, de palavra difficil, se bem que alguma vez revelando-se discutidor habil.

Em 1828 com a pratica e o estudo tinha já vencido em grande parte aquelles defeitos e se tornara Vasconcellos como por encanto um dos primeiros oradores da Camara temporaria e o *leader* da opposição liberal no primeiro reinado, collaborando com reconhecida compe-

tencia nas melhores leis que assignalaram a nossa primeira assembléa legislativa.

Se não teve parte no movimento do qual resultou a fundação do imperio e a Constituição que foi base de nossa civilisação politica, todavia pertence-lhe o ter architectado o código criminal, reputado por escriptores francezes dos melhores do seu tempo e com applausos approvado por uma legislatura, onde tiveram assento os homens mais eminentes da Independencia e os redactores da Constituição.

Depois da abdicação de d. Pedro I, de 1831 a 1835, não houve uma instituição politica que lhe não devesse a mais esclarecida e esforçada cooperação:—

O código do processo e as reformas politicas em maxima parte, e o acto addicional de que foi autor, tendo em mira o espirito federalista que em grande parte satisfizes as aspirações daquelle tempo. Era um vidente! A Reforma Constitucional então salvou a unidade do imperio em longo periodo e, no conceito de um nosso publicista, firmou sobre tudo a crença de que o governo do paiz pelo paiz não era uma utopia.

Com o fallecimento do ex-imperador d. Pedro I em 1834, sobrevieram graves acontecimentos que não é meu intento relatal-os.

B. de Vasconcellos, desgostoso profundamente com a regencia Feijó, separou-se d'elle e dos liberaes e declarou-se conservador, tendo a seu lado Honorio (Paraná); unidos ambos operaram a reacção conservadora fortemente organizada desde 1837 e que depois de grandes luctas parlamentares levou o padre Feijó a resignar a regencia; e na que succedeu, do Marquez de Olinda, conquistou Vasconcellos o poder a 19 de Setembro de 1837.

Desse ministerio o mais longo dos da quadra regencial e de que fôra Vasconcellos a alma vivificadora.

conbe-lhe a tarefa ingente em porfiados debates terçar por muitas vezes armas rutilantes e afiadas entre outros, mormente com o notabilissimo estadista bahiano Manoel Alves Branco, (V. Caravellas), que era delle emulo, se bem que sempre fóra da arena parlamentar — dois bons amigos desde o tempo de Coimbra, em que foram contemporaneos.

*
* *

B. P. de Vasconcellos soffreu as mais graves accusações da imprensa e da tribuna até de traidor abjecto; por se ter passado para os conservadores, tendo sido liberal de origem e intransigente; mas poderia elle dizer com o estadista inglez Lord Derby ao proferir notavel discurso — *«que sua passagem para os liberaes (ao contrario do estadista brasileiro que se mudou para os conservadores) não era um salto nas trévas, mas um passo bem meditado e reflectido»*.

Além disso, as mudanças de principios são em certos espiritos inevitaveis consequencias da evolução operada nas idéas e vida social.

Tambem fóra Vasconcellos injuriado e ultrajado na sua vida particular e publica e em sua probidade de homem politico ao ponto de ter sido sua propria casa, pelo povo, apedrejada!

Sem que possa externar qualquer juizo porque me fallecem certos dados e não é esse o meu objectivo, penso porém que os homens publicos ainda os mais puros estão expostos á animadversão que muita vez se levanta contra elles, mormente em certas phases de sua vida — de maior valor e pujança.

A politica ás mais das vezes tortura em vida e reserva as apotheeses para depois da morte: a calumnia facil não poupa nem mesmo aos varões os mais bene-

meritos, que não passam a posteridade sem provar o fêl da injustiça contemporanea.

Não é muito portanto que contra o estadista de que me occupo e ao qual aliás com intrepidez defendiam os seus entusiastas, então os mais proeminentes de seu partido, se vibrassem contra elles os odios politicos, talvez os de peor especie.

*
*
*

Aqui termina o cyclo da vida de Vasconcellos com a sua inopinada morte, que como se acreditara não fôra consequencia da invencivel affecção da medulla espinhal, que o levou á paralyisia, que se suppunha ter concorrido para revigorar-lhe o talento.

Mas fôra alguns annos depois de tão grave enfermidade que no 1.º de Maio de 1850 a febre amarella, trazida do estrangeiro á cidade do Rio de Janeiro, victimara tão illustre cidadão e tal foi o horror que se apoderou da população flagellada que do seu cadaver e feretro apartaram-se todos e nem se quer se deu o acompanhamento que lhe era devido; mas a capital do imperio se commovera ao baque do grandioso brasileiro.

Morreu com 55 annos de idade.

Não há entre os estadistas fallecidos nenhum, cuja memoria seja mais digna de perpetuação em um monumento do que a de B. de Vasconcellos; o qual como senador, conselheiro de Estado, ministro, legislador e jornalista tanto illuminou a politica nacional e tão assignalados serviços prestou á patria.

Cidade do Salvador, 7 de Setembro de 1908.

Barão de S. Francisco.

Discurso proferido pelo eximio estadista Bernardo Pereira de Vasconcellos, incumbido pela Camara dos Deputados, para felicitar a sua Magestade o Imperador D. Pedro I, no dia 7 de Setembro de 1828 — anniversario da independencia do Brasil.

Raiou de novo, em nosso horisonte, o dia 7 de Setembro, o grande dia, o dia do Brasil, o dia que, só por si, forma o maior e mais eloquente elogio de Vossa Magestade Imperial.

Foi nesse dia que o afortunado Ypiranga ouviu da propria bocca de vossa Magestade Imperial o magico grito — Independencia ou Morte e transmittindo por elle em deliciosa repercussão ao Prata e ao Amazonas, baqueiavam com ruído as ultimas algemas da recollonização, desabafaram-se os corações brasileiros de uma oppressão que os indignava, reuniram-se em torno de Vossa Magestade todas as provincias do Brasil, destruiu-se a illegalidade dos governos fundados sobre conquista, annunciou-se practicamente ao mundo a transcendental verdade das soberanias das nações, provou-se que o pacto social não é uma ficção de phantasia; sim um vinculo verdadeiramente solido e sagrado da união politica. Desde esse momento o povo brasileiro deixou de ser fracção de uma nação distante e cujos sentimentos de fraternidade tinham adormecido no seio do orgulho, que alimentava a pobre recordação de passadas glorias; desde esse instante deixou de pedir graça ou reclamar justiça a um senhor domiciliado em outro hemispherio; desde esse instante a nossa existencia afiançou-se em nossos direitos e a nossa defeza restribou-se em nossos proprios braços; neste instante enfim sahio do caos uma nação livre, e sem passar pelos vertices da anarchia;

entrando logo no grande circulo das sociedades americanas, já firme, já forte concorreu para a necessaria emancipação do nosso hemispherio, offerecendo em sua independencia um penhor solido e sagrado — a Independencia de todos os estados conterraneos que ainda estivessem na triste alternativa da oppressão e da supplica.

A memoria deste dia que é tambem o de vossa Magestade Imperial permanecerá em quantos governos forem necessarios ao objecto moral da sociedade; porque o interesse, que d'elle resulta, interesse, que é de todos os seculos e de todos os climas e que brilha na razão inversa das distancias, consiste nos principios que elle proclamou.

E' esta, Senhor, a razão porque esse grito de Justiça e de sabedoria, de honra, de gloria, de coragem e de religião não se limitou unicamente no espaço que nos marcam os dois grandes gigantes do mundo que levando mares ao mar são balizas naturaes do Brasil; com a mesma vivacidade do nosso enthusiasmo foi despertar geral approvação nos povos da Europa, que admirados perguntaram: Quem é que poderá tanto?

E convencendo-se que era um filho de rei da Europa renderam-lhe o tributo de seu reconhecimento e abriram em seus portos — o auri-verde pavilhão brasileiro já reconhecido no capitolio de Washington.

E poderei eu deixar de fazer um rapido quadro de nossa actual situação, resultado pratico de nossa independencia e congenita liberdade? Não, Senhor; força é que diga; força é que levante aos pés do throno este padrão da verdade.

Um só desejo concentra hoje todos os desejos do Brasil e reúne hoje os representantes da nação: Constituição! um só echo retumba do Oyapoc ao Guaporé.

Constituição é alma da vida politica de vossa majestade imperial.

A liberdade dos brasileiros firmada neste código sagrado, que identifica a grandeza do príncipe com a grandeza do império que elle fundara, merecendo as benções de tantos povos, sobre quem inda pesam as calamidades de uma politica refalsada e mesquinha, já produz aquelles fructos, que a soberania amadurece, luminosas leis filhas da prudencia e da philosophia, tem desembaraçado as fontes da riqueza nacional, tão mal aproveitadas por um governo que marchava guiado pela mão do prejuizo e do fanatismo, e o credito publico, nova fonte de riquezas desconhecidas ao despotismo marcha com espantosa segurança a nivelar-se com o das nações mais avançadas na carreira da liberdade; verificavel responsabilidade, contém na orbita dos seus deveres os primeiros funcionarios da nação que já conhecem não ser chimera a idéa de seu castigo; a liberdade da imprensa calca com herculea planta o collo da anarchia e do despotismo, levantando na dextra o pharol da opinião publica; a razão e a humanidade vêm despindo a administração da justiça das gothicas roupas com que o vestira o feudalismo.

O Poder e a Liberdade se abraçam em suave osculo e em glorioso concerto marcham á perfeita symetria do grande edificio que começou com a Independencia.

Oh paz! Oh filha do Ceu, vem fechar a abobada da nossa prosperidade e da nossa gloria!

Seja-me agora licito, Senhor, exorbitar um pouco aos limites marcados a este voto de solemne felicitação que a Camara dos Srs. Deputados nos mandou tributar a vossa majestade para dar desabafo ao enthusiasmo que em mim produz a convicção de nossa ventura e exclamar: Projectistas inexpertos que fostes arrastados

pela delirante esperança de um melhoramento ideal, que pretendestes offuscar o sol da regeneração que assomou raído no dia 7 de Setembro de 1823, vêde o vosso desengano!...

E por delirios vossos correu o sangue brasileiro! Posteridade perdoa-lhes; amigos da justiça e da liberdade, que suspirastes sempre por um governo forte e tutelar, eis completos os vossos desejos!

Quizestes liberdade, liberdade alcançastes; quizestes independência, independência conseguistes. Quizestes o reconhecimento da soberania nacional, e tanto obtivestes.

Brasileiros em geral: se o genio que inspirou a independência do Brasil e aquelle genio que prefere a todos os sanctuarios — o coração honrado do homem de bem, pudesse baixar de sua celestial mansão e fallar em voz intellegivel, dirigindo-se a cada um de nós, a nossa Patria, a Portugal que remoinha incerto entre a lucta do poder e a restauração dos direitos e a todos os desgraçados que gemem debaixo do sceptro dos tyrannos, suas palavras seriam: Caminhae como o Brasil; ponde a vossa frente um Pedro, como o Brasil, e sereis venturosos.

ACTAS DAS SESSÕES EM 1909

154.ª Sessão em 7 de Março de 1909

Presidencia do 1.º Secretario Conselheiro João Torres

Aos 7 de Março de 1909, n'esta cidade da Bahia e salão do *Instituto Historico*, presentes os socios Cons. João Torres, Mons. Samuel de Almeida, Professores Manoel Querino e Roberto Correia, Eloy Guimarães, Damasceno Vieira e Ferreira Braga, o 1.º Secretario, no impedimento do Presidente e na ausencia dos vice-presidentes, declarou aberta a sessão, convidando os Srs. Manoel Querino e Roberto Correia para secretarios.

Lê-se e é approvada a acta de 8 de Novembro de 1908.

No expediente são lidos os officios de varias associações enviando as relações dos socios eleitos, e cartas de felicitações pela entrada do novo anno; do secretario do « Instituto Historico Brasileiro » pedindo numeros da *Revista* para a sua collecção, o que é attendido; do Presidente do « Instituto Historico Argentino » enviando os tomos 16 a 22 da sua *Revista*; do Sr. José Teixeira Barros enviando a *Noticia* sobre os Correios d'este Estado, para a *Revista*; e varias offertas de livros, que serão publicadas em Appendice.

O Sr. Presidente dá noticia da valiosissima offerta de livros, feita pelo nosso consocio Luiz José Fernandes, residente em Lisboa, cuja leitura, faz constante de 28

obras em 190 volumes, todos encadernados, collecção completa de sellos portuguezes e colonias, sellos commemorativos de centenários, com os bilhetes postaes respectivos; e que de Paris seriam enviados por sua ordem 19 volumes da «Geographia Universal» de E. Reclus, e o «Dicionario illustrado» de Larousse, em 8 volumes.

O Sr. Presidente declara que a offerta era recebida com o maximo agrado e reconhecimento pelo *Instituto*, pelo que apresentava uma proposta em que o digno socio é elevado á classe dos honorarios; e communica o fallecimento do socio correspondente Dr. Antonio Rodrigues Teixeira, a 27 de Janeiro, na cidade de Montes Claros (Minas), o qual fez parte do Congresso constituinte d'este Estado, mandando consignar na acta um voto de sincero pezar.

O Sr. Thesoureiro apresenta o demonstrativo da receita e despesa do *Instituto* durante o anno de 1908, o qual é remettido á commissão de orçamento e fazenda.

E' lida uma proposta de admissão de socios, que vai á respectiva commissão. ;

Nada mais havendo, levanta-se a sessão.—Antonio Carneiro da Rocha.—João N. Torres.—Eloy de Oliveira Guimarães.

155.ª Sessão em 25 de Abril de 1909

Presidencia do Conselheiro Carneiro da Rocha

Com a presença dos socios Cons.^{es} Carneiro da Rocha e João Torres, Drs. Satyro Dias e Cabussú, Mons. Manfredo, Padre França, Eloy Guimarães, Professores Querino e Luiz Augusto, e Ferreira Braga, abre-se a sessão, servindo de 2.º Secretario o Sr. Eloy Guimarães.

E' lida e, sem debate, approvada a acta da sessão anterior.

O Cons. 1.^o Secretario faz a leitura do expediente, constante dos seguintes officios, e outras communicações: do Presidente da «Sociedade de Geographia» do Rio de Janeiro, communicando que no dia 7 de Setembro proximo se reunirá o *Primeiro Congresso Brasileiro de Geographia*, e pede o concurso do *Instituto* enviando o regulamento do Congresso; do director da bibliotheca publica da Parahyba pedindo uma colleção da *Revista*, no que é attendido. O Sr. Presidente declara que no dia 28 de Março falleceu, na cidade de Nazareth (Bahia), o socio correspondente Dr. Reginaldo Alves de Mello, e n'esta capital a 22 de Abril o socio effectivo fundador General Dr. Francisco de Paula e Oliveira Guimarães, propondo que se lançasse na acta votos de pezar, o que é approvado.

O Cons. João Torres propoz tambem um voto de pezar pelo fallecimento do illustre bahiano Dr. Eunapio Deiró, na cidade do Rio, socio do antigo *Instituto Historico*, e que tanto se distinguia como jornalista, publicista e literato, o que é approvado.

O Cons. Presidente poz em discussão o convite da «Sociedade de Geographia»: fala sobre o assumpto o Dr. Satyro Dias, propondo que o Presidente devia ficar autorizado a nomear uma commissão de tres membros para representarem o *Instituto*, ou enviando os seus trabalhos, o que é igualmente approvado.

Procede-se á leitura do parecer da commissão de Fundos e Orçamento sobre as contas do Sr. Thesoureiro, o qual é submettido á votação e approvado.

Verificou a Comissão que a Receita importou em 5:946\$800 réis, a saber :

Subvenção federal	4:191\$800
Mensalidades de socios	1:155\$000
Jóias	330\$000
Remissões	200\$000
Donativo.	70\$000

A Despeza importou em 5:899\$440, a saber :

Ao Thesoureiro, saldo a seu favor em 1907	13\$320
Ordenado ao Porteiro	600\$000
Gratificação ao Amanuense	500\$000
Porcentagens ao cobrador	173\$250
Ao « Banco Auxiliar das Classes »	2:827\$970
Despezas da Secretaria	253\$640
Impressão da <i>Revista</i>	800\$000
Água	120\$000
Moveis	114\$200
Seguro do predio	115\$800
Concerto no predio	228\$000
Despezas Geraes	153\$260
Total	<u>5:899\$440</u>
Saldo em mão do Thesoureiro	46\$860

O Sr. Thesoureiro apresenta em seguida o projecto de orçamento para o corrente exercício, o qual é enviado á Comissão de Orçamento.

Nada mais havendo, levanta-se a sessão. — Antonio Carneiro da Rocha. — João N. Torres. — Gonçalo de Athayde Pereira.

156.^a SESSÃO EXTRAORDINARIA ANNIVERSARIA
EM 3 DE MAIO DE 1909

Presidencia do Conselheiro Carneiro da Rocha

Aos 3 de Maio de 1909, no salão do *Instituto*, á uma hora da tarde, achando-se presentes os socios, Cons.^{es} Carneiro, Torres, Filinto Bastos, Braulio, Benjamin e Souza Dias, Drs. Braz do Amaral, Isaias Santos, Satyro Dias, Cabussú, Calasans, Pacifico Pereira, Barbuda, Pimenta Bastos, Prisco Paraizo, Affonso Maciel, Ernesto Carneiro, Antonio Continho, Vital Soares, Celso Spinola, Freire de Carvalho, Alexandre de Sousa, Augusto Góes, Francisco Calmon, Desembargador Manoel Jeronymo, General Dr. Siqueira de Menezes, Junqueira Ayres, Barão de S. Francisco, Professores Torquato Bahia, M. Querino e Luiz Augusto, Gonçalo de Athayde, Ferreira Braga, Eloy Guimarães, Monsenhor Samuel, Conego Galvão, Padre França, Pharmaceutico Filgueiras, Damasceno Vieira, Horacio Uripia, Affonso Pedreira, José Alves Ferreira e Aloysio de Carvalho, com a presença ainda de varias autoridades, representantes do Corpo Legislativo, de varias associações e da imprensa, declaram o Sr. Presidente aberta a sessão commemorativa do 15.^o anniversario da installação do *Instituto*, proferindo substancioso discurso.

Em seguida o Cons. 1.^o Secretario leu o Relatorio dos trabalhos do *Instituto*, durante o anno social de 1908.

Depois teve a palavra o Orador Dr. Braz do Amaral, que durante mais de uma hora fez a sua conferencia sobre a guerra civil ou rebelião de 1837, n'esta capital, conhecida por *Sabinada*, estudando os

fins d'aquella triste rebellião e os traços moraes de cada um dos principaes chefes, sendo ao terminar geralmente applaudido e cumprimentado pelo selecto auditorio. (*)

A sessão foi abrilhantada por uma das bandas do Regimento Policial.

Nada mais havendo, levanta-se a sessão.—*Antonio Carneiro da Rocha.* — *João N. Torres.* — *Gonçalo de Athayde Pereira.*

DISCURSO

DO

Conselheiro Presidente do Instituto

Meus Senhores:

Ainda uma vez, cabe-me a honra de dirigir-vos a palavra, nesta commemoração de mais um anno de existencia deste *Instituto*, tão util, quanto abandonado até pelos proprios associados.

As minhas expansões de hoje não serão hymnos, nem epinícios, mas notas plangentes de saudade, lamentos de dôr, por aquelles que têm cahido victimas das catastrophes, que açoitaram, este anno, paizes banhados pelo Mediterraneo.

Não bastavam os phenomenos sismicos, que nos transmitta a historia, verificados em diversos paizes e em épocas differentes, e vieram esses, que atormentaram a patria de Dante e, recentemente, o berço do cantor dos *Lusiadas*.

(*) A *Conferencia* já está publicada em volume separado.

(*Nota da Redacção*).

A's vezes, se é inclinado a acreditar que ha uma lucta entre a natureza e a sciencia, destruindo aquella as conquistas que esta consegue e proclama.

A sciencia e arte levantam templos colossaes, edificios de aprimorada architectura e de belleza esthetica incontrastaveis, a hydraulica constróe diques para conter a impetuosidade das ondas, e toma ao mar as praias, onde este costuma espreguiçar-se, mas lá vem um dia em que as erupções vulcanicas desmoronam tudo quanto o engenho humano concebeu e realisou com ingentes esforços e adquirem o que haviam perdido.

Parece que Neptuno une se a Vulcano, para reivindicarem os seus dominios e mostrarem o nenhum valor da sciencia.

Infelizmente, não ha therapeutica para esses males ; não se descobre medida preventiva nem meios de reduzir as proporções de tamanhas desgraças, que fazem a concessão de não se repetirem com frequencia, e o que nos resta diante dessas calamidades irremediaveis é desejar que o nosso Brasil não venha a perder-se tambem como esses outros, que lamentam as destruições e ás vezes o seu completo desaparecimento.

Já se conhece no mar Baltico a ilha de Barnholm, que, como diz um escriptor, é um gigantesco íman, situado a 40 kilometros das costas da Suecia, influindo nas bussolas dos navios, que navegam á distancia de dez milhas. Mas, por isso que é conhecida, os navegadores tomam todas as cautelas, quando viajam por aquellas paragens.

Contra os terremotos, porém, não ha cautela possivel; são catastrophes, que não se annunciam,prehendem e explodem tremendas, engolem populações, trazendo o cortejo de mil desgraças.

Pois bem, não havendo meios de evital-os, nem de reduzir as suas proporções, curvemos respeitosos aos seus horrores e peçamos a Deus que preserve o Brasil de semelhantes desgraças, e com estas preces o *Instituto Geographico e Historico da Bahia*, solidario com taes soffrimentos, dirige de seu seio e nesta solemnidade os seus mais sinceros e profundos pezares áquelles povos de além-mar, que foram recentemente victimas de tantas calamidades e que lamentam a perda de vidas, propriedades e fortunas, e toda sorte de infortúnios, que os mortificam.

Relatorio do Cons. 1.º Secretario

Sr. Presidente:

Meus Senhores:

Celebra hoje o *Instituto Geographico e Historico da Bahia*, com uma sessão magna commemorativa, o 15.º anniversario da sua fundação, em Maio de 1894.

Mais um dia de festividade literaria para uma associação, que está vivendo dos recursos que lhe fornecem os seus associados; e o vosso comparecimento é uma prova da sympathia que cerca o *Instituto*, e uma animação que o alenta nos trabalhos que vae realisando, no sentido de colleccionar, archivar e publicar tradições, as biographias, as memorias, as chronicas, os jornaes, enfim no preparo de todos os materiaes de que se faz a historia, a geographia, a estatistica e a archeologia.

Peço, pois, a vossa benevolencia para o desalinho da phrase na elaboração do relatorio das principaes

occorrencias havidas no anno social, e que os estatutos incumbiram ao 1.º secretario.

Senhores, entre nós não se procura conservar os preciosos thesouros da historia patria, cujas lições são proveitoso ensinamento para o presente, e que vivem por ahí abandonados nos archivos publicos e particulares.

Os factos historicos devem ser meditados, estudados á luz desses documentos, com a imparcialidade e a independencia indispensaveis ao historiador. Inventar a historia é mentir á posteridade, como já disse alguém.

A historia, como sabeis, não consiste na simples narrativa de acontecimentos historicos, por mais importantes que elles sejam, e, principalmente, quando é escripta por penna que traça a opinião individual, ou que desvirtua os proprios documentos.

É a figura augusta da justiça, na phrase de Volney, trazendo ás mãos a balança sagrada e incorruptivel em que se pesam as acções ás portas da eternidade.

Intima relação tem a Geographia com a Historia: o seu estudo não consiste simplesmente na descripção da superficie da terra, das montanhas, das ilhas, dos lagos, dos rios que correm tantas leguas de extensão, enfim, do seu aspecto physico.

O seu estudo deve ser feito de accôrdo com as viagens e explorações scientificas, tratados e convenções diplomaticas, em relação á natureza do clima, á riqueza do solo, ás suas circumstancias geologicas, ao aspecto da flora, á variedade da fauna, ao temperamento da população dos diversos povos; de fórma que, como diz o Dr. Arthur Orlando, a Geographia tem tanto valor scientifico, quanta importancia social.

Nesse sentido, o Instituto já tem feito alguma coisa com as memorias e trabalhos dos seus socios, nos 14 volumes de sua *Revista*, e documentos de alto valor

historico, que fazem desaparecer as lacunas e as lendas de que está cheia a nossa historia.

É notavel o interesse com que é ella procurada pelos nossos consocios residentes fóra da Bahia, especialmente nos Estados de Pernambuco, Ceará e Pará.

O nosso illustrado consocio e historiographo Dr. Alfredo de Carvalho, da cidade do Recife, e 1.^o Secretario do *Instituto Archeologico Pernambucano*, a quem o *Instituto* deve a organização dos *Annaes da Imprensa da Bahia* e a traducção das *Notas Dominicaes*, do Sr. Tonellare, sobre o periodo colonial da Bahia, e cujo manuscripto inedito foi por elle encontrado na bibliotheca de Santa Genoveva, de Pariz, acaba de escrever o seguinte :

« Recebi o n. 33 da *Revista do Instituto* de que é você a encarnação benemerita, e vi nelle com prazer a parte das notas dominicaes relativa á Bahia.

« Tenho quasi prompto, e espero poder mandar-lhe até o fim deste, um estudo desenvolvido sobre a expedição do corsario hollandez Paulus van Caarden á Bahia, em 1604, facto que passou quasi desconhecido dos nossos historiadores ; o proprio Varnhagen apenas consagrou-lhe duas linhas : o meu estudo é baseado sobre uma antiga e rarissima relação allemã dos successos e documentos portuguezes ineditos, fornecidos por Capristrano de Abreu. »

* * *

No anno passado celebrou o *Instituto* 7 sessões ordinarias e a sessão anniversaria, todas presididas pelo nosso illustrado Presidente Cons. Carneiro da Rocha.

Nestas sessões foram apenas tomadas as contas do nosso zeloso Thesoureiro, votadas as propostas de

Dr. Frederico Puga Borne, diplomata chileno, Comm. Luiz José Fernandes, abastado capitalista em Lisboa, Dr. Alcides Torres, medico em S. Paulo, Engenheiro João de Palma Muniz, residente no Pará e Dr. John Ricardo, consul do Equador em Caracas.

O *Instituto* continuou a ser honrado com importantes offertas de livros, jornaes, mappas, medalhas e moedas, que se acham convenientemente escripturadas.

Entre ellas devo salientar o grande tóro de madeira silicada, que se acha no pateo do edificio, que supponho ser arceira do sertão, e foi encontrado em baixo do *Bendegó*, quando foi removido para o Rio de Janeiro; duas vitrinas para moedas e medalhas, offerta do Cons. Presidente e do Dr. 2.º Secretario; grande número de moedas de prata e nikel, do Japão, da China e outros paizes do Oriente, offerta do nosso consocio Engenheiro Affonso Pires de Carvalho e Albuquerque; os livros publicados e mappas, durante a Exposição de 1908, pela Secretaria da Viação; e a valiosissima offerta de livros, em numero de 217 volumes encadernados, feita pelo nosso benemerito consocio Luiz José Fernandes, vendo-se entre elles o Diccionario de Innocencio, o Diccionario Universal de Larousse, e a geographia de Elisé Reclus, em 19 volumes. Esses livros estiveram muito tempo na alfandega federal, dependendo de despacho do Sr. Ministro da Fazenda para a isenção dos direitos.

E' indelevel o nosso reconhecimento ao grande bahiano, cujos intuitos patrioticos devemos applaudir, como bahianos tambem, não só pela offerta feita ao nosso *Instituto*, como pelas que fez á «Bibliotheca Publica da Bahia em n.º de 711 volumes, encadernados, de literatura e historia, á bibliotheca de Faculdade de Medecina e ao «Gremio Literario».

Pelo demonstrativo da receita e despesa do anno

de 1908*, ultimamente approvedo, verifica-se que a receita importou em 5:946\$300 e a despesa em 5:889\$000, com um saldo a favor do *Instituto* de 46\$800.

Abatida a importancia da amortisação e juros da hypotheca do predio, na importancia de 2:996\$000, vê-se que o *Instituto* fez todas as suas despesas com a quantia de 2:900\$000, inclusive a impressão da *Revista*, ordenados dos empregados e concertos no predio, quantia esta insufficiente para que se possa ter a bibliotheca aberta á visita publica, e para outras despesas que se tornam necessarias.

O *Instituto* conta 16 socios remidos, e as mensalidades cobradas importaram em 1:155\$000, depois de abatida a percentagem do cobrador.

Alguns socios recusam, terminantemente e sem motivo justificado, pagar as suas mensalidades; outros retardam esse pagamento, allegando difficuldades financeiras.

E' assim a vida das sociedades literarias entre nós, e até as beneficentes padecem do mesmo mal!

Em relatorio anterior, tive a occasião de dizer que em muitos paizes da Europa, e mesmo da America, as sociedades geographicas são auxiliadas pelos governos nos trabalhos de explorações scientificas nas zonas desconhecidas, que trazem por fim a expansão do commercio e o augmento da fortuna publica.

E' imprescindível, pois, o auxilio official; e neste momento faço um appello, em nome do *Instituto*, ao Exm. Dr. Governador do Estado e aos illustrados membros da Assembléa legislativa, para que no futuro orçamento seja concedida pequena subvenção para a impressão da *Revista*, por isso, que, em virtude da lei que reconhecem de utilidade publica o *Instituto*, ficou elle

obrigado a publicar os documentos do nosso Archivo Publico.

Senhores, temos procurado vencer, com tenacidade e perseverança, todos os obstaculos e difficuldades; continuaremos a luctar até que chegue o cansaço, ou tenhamos de recorrer, quando tudo faltar, a alguma mão bemfazeja, fóra do Brasil, que nos ampare na queda.

Ao concluir, aproveito a oportunidade para manifestar, em nome da Meza e da Assembléa, os nossos votos de reconhecimento ao illustrado consocio Dr. Braz do Amaral, pelos relevantes serviços, que, ha 14 annos, vem prestando ao *Instituto*, no cargo de orador, estudando com eloquencia e erudição os acontecimentos, mais notaveis da historia da Bahia.

Bahia, 3 de Maio de 1909. — O 1.^o Secretario, *João Nepomuceno Torres*.

157.^a Sessão EM 23 DE MAIO DE 1909

Presidencia do Conselheiro Carneiro da Rocha

Aos 23 de Maio de 1909, no salão do *Instituto*, á uma hora da tarde, achando-se presentes os socios Conselheiros Carneiro da Rocha, João Torres e Filinto Bastos, Drs. Satyro Dias, Isaias Santos, Freire de Carvalho, Pimenta Bastos e Bernardino de Souza, Professores Torquato, Nazareth, Alves da Cunha e Manoel Querino, Monsenhores Samuel e Ildefonso, Desembargador Manoel Jeronymo, Pharmaceutico Filgueiras, Damasceno, Ferreira Braga, Athayde, Eloy Guimarães e Aloysio de Carvalho, é declarada aberta a sessão, sendo lidas e approvadas as actas de 25 de Abril e 3 de Maio.

O Cons. 1.^o Secretario fez a leitura de varios offi-

cios de associações enviando as relações das directorias eleitas; telegramma do Cons. Salvador Pires, presidente honorario, enviando cordeas saudações pela data anniversaria; cartas, do Dr. Aurelino Leal, redactor do *Diario da Bahia*, e do director da « Academia de Commercio do Rio », pedindo collecções da *Revista*, no que são attendidos; carta do socio Dr. Francisco Calmon, offerecendo para o Archivo do *Instituto* oito livros manuscritos, encerrando todos os actos da administração do fallecido Dr. Innocencio Góes, quando presidente da provincia de Pernambuco em 1889.

O Sr. Presidente declarou que a Meza tinha correspondido aos diversos convites feitos ao *Instituto* e comparecido ás solemnidades; e que sendo esta a primeira vez em que comparecia o socio Dr. Bernardino de Sousa, congratulava-se com o mesmo, confiando que prestaria ao *Instituto* os serviços que todos esperam do seu talento, como cultor da historia patria.

O Sr. Presidente propoz votos de pezar pelo fallecimento dos socios Srs. Dr. Jayme Richards, em Londres, Alfredo Requião, e Drs. Constancio de Santa Anna e Alfredo Britto, nesta capital, bem como pelo passamento do Professor jubilado Agostinho Cajaty, que, durante 12 annos, prestou relevantes serviços ao *Instituto*, como amanuense.

De accôrdo com o que ficou assentado na sessão de 25 de Abril, o Sr. Presidente declarou ter nomeado para representar o *Instituto* no 1.º Congresso de Geographia, a reunir-se no Rio, em 7 de Setembro proximo, os Srs. Cons. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque e Drs. Braz Hermenegildo do Amaral e Bernardino José de Souza.

Em virtude das finanças da associação, foi supresso o logar de amanuense.

Posto em discussão, foi approvedo o orçamento para o anno corrente, que estima a receita em 8:913\$820 e calcula a despesa em 7:139\$800.

Foram lidas e approvedas uma proposta e emenda elevando a socio benemerito o correspondente Comm. Luiz José Fernandes, que offereceu á instituição trezentos e tantos volumes encadernados e dourados, de diversas obras importantes, inclusive a colleccção completa do «Diccionario de Larousse», além de 7 quadros com bustos celebres de ceramica portugueza.

Foram acceitos os seguintes socios effectivos: o Revm. padre Etienne Ignace, professor de philosophia do «Seminario», e auctor de um estudo sobre a «Guerra dos Malês», Engenheiro Ervidio Velho e José Teixeira Barros, autor de um trabalho sobre os «Correios da Bahia»; correspondentes: Dr. D. David Ricardo, consul da Republica Dominicana, em Caracas; Dr. D. Henrique de Argaez, sub-secretario da Columbia, em Bogotá; licenciado D. S. Aybar y Nunez, consul geral do Equador, na Republica Dominicana; Dr. D. Juan Padilla Matute, consul do Equador, em Guatemala.

Passando-se á eleição dos novos funcionarios, foram eleitos e logo empossados os Srs.: Presidente, Cons. Antonio Carneiro da Rocha; 1.º vice-Presidente, Dr. Satyro Dias; 2.º dito, Dr. Miguel Calmon; 1.º Secretario, Cons. João Torres; 2.º dito, Dr. Isaias de Carvalho Santos; 1.º supplente, Aloysio de Carvalho; 2.º dito, Dr. Vivaldo de Palma Lima; Thesoureiro, Capitão Francisco Ferreira Braga; Orador, Dr. Braz do Amaral; supplente, Cons. Filinto Bastos.

Commissões: *de admissão de socios* — Dr. José Eduardo F. de Carvalho, Coronel Gonçalo de Athayde e Dr. Victal Soares.

Finanças e Orçamento — Dr. Alfredo Cabussú, Horacio Uripia e Eloy Guimarães.

Redacção da Revista e Estatutos — Conselheiro João Torres, Professor Torquato Bahia e Monsenhor Manoel Lima.

Manuscriptos e Documentos — Conselheiro Filinto Bastos, Conego Hedefonso de Oliveira e Monsenhor Dr. Samuel de Almeida.

Geographia, Historia e Ethnographia — Dr. Francisco Calmon, Professor Borges dos Reis e Pharmaceutico Luiz Filgueiras.

Estatística e Demographia — Dr. Pacifico Pereira, Professor Elias Nazareth e Dr. J. H. de Cerqueira Lima.

Topographia e Archeologia — Dr. Junqueira Ayres, Engenheiros Pimenta Bastos e Affonso Maciel.

Philatelia, Numismatica e Ceramica — Francisco Ferraro, professor Manoel Querino e Dr. Julio Barbuda.

Mappas, retratos e cartas geographicas — Drs. Octaviano Muniz, Methodio Coelho e Bernardino de Souza.

Biographias — Drs. Manoel Britto e Guilherme Ribeiro, e Damasceno Vieira. :

Concluida a apuração, o Cons. Presidente depois de agradecer a sua eleição, declarou que fossem feitas as devidas communicações, sendo publicado pela imprensa o resultado da eleição.

Nada mais havendo, levanta-se a sessão. — Antonio Carneiro da Rocha. — João Nepomuceno Torres. — Gonçalo de Athayde Pereira.

158.^a Sessão EM 11 DE JULHO DE 1909

Presidencia do Conselheiro Carneiro da Rocha

Aos 11 de Julho de 1909, no salão do Instituto, á uma hora da tarde, presentes os socios: Cons. Carneiro

da Rocha e João Torres, Dr. Satyro Dias, Coronel Athayde que serviu de 2.º Secretario, Capitão Ferreira Braga, Horacio Urpia e Professor Roberto Correia, é declarada aberta a sessão, sendo lida e approvada a acta da sessão anterior.

O Cons. 1.º Secretario dá noticia do seguinte expediente: telegramma do socio general Thaumaturgo de Azevedo pedindo os mappas do *Instituto* para o «Congresso de Geographia»; cartão do Sr. Francisco Herboso, ministro do Chile, de passagem nesta cidade, agradecendo as publicações offerecidas pelo *Instituto*; do Sr. Pedro Mandiola enviando quatro pacotes de publicações do 4.º «Congresso Scientifico do Chile» e a respectiva medalha; officio do Director da Bibliotheca do «Gymnásio Carneiro» pedindo uma collecção da *Revista*, o que é attendido.

Em discussão a materia do telegramma do Presidente da commissão organisadora do «Congresso de Geographia», resolve-se o assumpto de accôrdo com o que ficou deliberado por occasião da «Exposição Nacional de 1908».

Procede-se á votação do parecer da commissão de admissão, em escrutinio secreto, sendo reconhecidos socios effectivos: Coronel Manoel Duarte de Oliveira, senador do Estado, e Professor Dr. Alberto Muylaert; correspondentes, Dr. Antonio Salustiano Vianna (Cannavi-eiras), Dr. Eurico Matta (Nazareth), Dr. João Eustaquio Pereira (Recife), Dr. Miguel de Leonissa (S. Paulo).

Ficam sobre a meza outros pareceres para serem votados na sessão seguinte.

Nada mais havendo, levanta-se a sessão. — *Antonio Carneiro da Rocha*. — *João N. Torres*. — *Gonçalo de Athayde Pereira*.

159.^a SESSÃO EM 12 DE SETEMBRO DE 1909*Presidencia do Conselheiro Carneiro da Rocha*

Aos 12 de Setembro de 1909, no salão do *Instituto*, á uma hora da tarde, com a presença dos socios: Cons. Carneiro, João Torres e Filinto Bastos, Drs. Satyro Dias e Julio Barbuda, Padre França, Ferreira Braga, Eloy Guimarães, Coronel Athayde e Professor Roberto Correia, é aberta a sessão, sendo lida e approvada a acta da sessão anterior.

No expediente são lidas varias communicações de associações enviando as relações das directorias eleitas; carta do engenheiro Agenor de Miranda, offerecendo ao *Instituto*, a taboa que cobria o tumulo do mallogrado Dr. Sabino Vieira, com a inscripção mandada lavrar pelo major João Carlos Pereira Leite, proprietario da fazenda «Jacobina», em Matto-Grosso, onde o Dr. Sabino falleceu em 25 de Dezembro de 1846, quando exilado.

Procede-se á votação dos pareceres da commissão de admissão, em escrutinio secreto, sendo proclamados socios correspondentes: Engenheiro Dr. Annibal Amorim Dr. José Carlos Rodrigues e Coronel Ernesto Senna, residentes no Rio, e o Professor Dr. Francisco de Moraes Correia, no Piahy.

Nada mais havendo, levanta-se a sessão. — *Antonio Carneiro da Rocha*. — *João N. Torres*. — *Gonçalo de Athayde Pereira*.

160.^a SESSÃO EM 3 DE OUTUBRO DE 1909*Presidencia do Conselheiro Carneiro da Rocha*

Aos 3 de Outubro de 1909, no salão do *Instituto*, á uma hora da tarde, presentes os socios: Cons. Carneiro

da Rocha, João Torres e Filinto Bastos, Drs. Satyro Dias, Reis Magalhães, Junqueira Ayres, Vivaldo Lima, Julio Barbuda, Isaías Santos, Lindolpho Rocha, Freire de Carvalho, Bernardino de Sousa e Octaviano Muniz, Engenheiros Affonso Maciel, Silva Lima, Pimenta Bastos e Miguel Calmon, Monsenhores Samuel e Ildefonso, Padre França, Professores Torquato Bahia, Manoel Querino, Luiz Alves e Elias Nazareth, Coronel Athayde, Eloy Guimarães, Damasceno, Ferreira Braga e Pharm. Filgueiras, com a presença do Dr. Governador do Estado, Engenheiro Ferreira Pontes, director da Viação e Industria, Dr. Chefe de Policia, e representantes da imprensa, foi declarada aberta a sessão, sendo lida e approvada a acta da sessão anterior.

No expediente é lida a carta do socio benemerito Luiz José Fernandes, accusando o recebimento de seu diploma, e agradecendo a resolução tomada em seu favor, que será um incentivo para o que de futuro possa ainda fazer pela instituição; communica, ainda, que no Archivo da Torre do Tombo e na Real Bibliotheca da Ajuda não foram encontrados os documentos, cujas cópias se pediu, sobre a construcção do «Collegio dos Jesuitas da Bahia».

Pede a palavra o socio Dr. Bernardino de Sousa, e leu um substancioso relatorio sobre o 1.º Congresso de Geographia, no qual havia tomado parte como Delegado do *Instituto*, e concluiu fazendo um appello ao Governo do Estado e ao *Instituto* afim de ser confeccionado um mappa da Bahia, no qual fossem preenchidas as faltas que existem nos actuaes: ao concluir, suas palavras foram saudadas com uma salva de palmas, e abraçado.

O Cons. Presidente, em nome do *Instituto*, agradeceu ao illustrado consocio o relevante serviço que prestou como representante do *Instituto*, propondo que

fosse lançado na acta um voto de louvor e reconhecimento, o que é approvado pela unanimidade dos socios e pessoas presentes.

Em seguida, tem a palavra o socio Dr. Lindolpho Rocha, que realisa a sua 3.^a Conferencia sobre a *Zona Desconhecida*, ao sul do Estado, e em largas considerações confirma, diante do mappa por elle organizado e que offerecia ao *Instituto*, o que nas outras conferencias havia declarado sobre a importancia e riqueza da referida zona, cuja exploração pedia ao Governo, sendo igualmente saudado ao terminar.

O Dr. Freire de Carvalho justifica uma proposta no sentido de ser nomeada uma commissão, que se entenda com o Dr. Governador não só sobre a exploração da Zona, como sobre a organização de um mappa da Bahia. Approvada a proposta, o Cons. Presidente designou para essa commissão os seguintes socios: Drs. Lindolpho Rocha e Freire de Carvalho, e Engenheiro Affonso Maciel.

Nada mais havendo, levanta-se a sessão. — *Antonio Carneiro da Rocha.* — *João N. Torres.* — *Gonçalo de Athayde Pereira.*

Offertas em 1909

Além dos jornaes, em numero de 80, que são enviados para a bibliotheca, o *Instituto* recebeu mais as seguintes offertas:

« O Itabuna » (Bahia), Dezembro de 1908 a Janeiro de 1909.

« O Critico Theatral » (Bahia), de 1.^o a 28 de Maio de 1909.

« O Petiz » (Instituto da Infancia), Janeiro a Dezembro de 1909, anno 3.º.

« A Justiça » (Bahia), ns. 41 a 43, Dezembro de 1908 a Agosto de 1909.

« Tribuna do Povo » (Cachoeira), Agosto a Novembro de 1909.

« O Intransigente » (Bahia), Agosto e Setembro de 1909, ns. 1 e 2.

« Nova Cruzada » (Bahia), Junho e Julho de 1909, anno V.

« Boletim da Associação Commercial da Bahia », Outubro de 1909, n. 1.

« Gazeta Medica da Bahia », Maio a Setembro de 1908, vol. 39.

« Boletim da Directoria de Agricultura da Bahia », Setembro de 1908 a Junho de 1909.

« Revista Civica » (Bahia), n. 3, 1909.

« Revista dos Cursos » da Faculdade de Medecina, da Bahia, tomo VI, anno VI, 1908.

« Revista do Brasil » (Bahia), Novembro de 1908 a Novembro de 1909, anno 4.º.

« Revista Ecclesiastica » (Bahia), Dezembro de 1908 a Fevereiro de 1909.

« Revista Maçonica » (Bahia), Janeiro a Junho de 1909, ns. 1 a 6.

« Revista Juridica » (Bahia), Outubro de 1908 a Julho de 1909, vols. 3.º e 4.º.

« Boletim do Museu Goeldi » (Pará), Março de 1909, vol. V.

« Revista da Associação Commercial do Maranhão », Fevereiro a Outubro de 1909, anno 2.º.

« Revista do Instituto Historico Parahybano », vol. 1.º, 1909.

«Revista do Instituto Archeologico Pernambucano», vol. XIII, ns. 71—74, 1908.

«Jornal dos Agricultores» (Rio), Novembro de 1908 a Novembro de 1909.

«Boletim Policial do Rio», Setembro de 1908 a Julho de 1909.

«Publicações do Archivo Publico Nacional», vol. 9.º, 1909.

«Revista Commercial e Financeira» (Rio), Janeiro a Dezembro de 1909, anno XV.

«Archivos do Museu Nacional» (Rio), vol. 14, 1907.

«Brasil Moderno» (Rio), anno V, 1909.

«A Lavoura» (Sociedade Nacional do Rio), Setembro de 1908 a Agosto de 1909, anno 13.º

«Gazeta Medica do Rio», Janeiro a Outubro de 1909, anno V.

«Revista do Club de Engenharia», n. 18, 1909.

«Revista Maritima Brasileira», Dezembro de 1908 a Novembro de 1909, anno 29.

«Boletim do Museu Commercial do Rio», Março a Junho de 1909, ns. 1 a 4.

«Boletim da Agricultura de S. Paulo, Novembro de 1908 a Outubro de 1909.

«Revista da Sociedade Scientifica de S. Paulo», Abril a Agosto de 1909, vol. 4.º.

«Revista de Sciencias e Letras de Campinas» (S. Paulo), ns. 20 e 21 (1908—1909).

«Revista Homœopathica do Paraná», Maio a Outubro de 1909, vol. 4.º.

«Archivo Municipal de Curytiba» (Paraná), vol. VI, 1908.

«Revista do Archivo Publico Mineiro», anno XIII, 1908.

«Revista do Instituto Historico Brasileiro», primeira e segunda partes do vol. 71, 1908.

«Revista do Instituto Historico do Ceará», 1.º a 4.º trimestres do tomo 23, 1909.

«Annaes do Instituto Oceanographico de Monaco», fasciculo 1.º, tomo 1.º, 1909.

«Revista do Museu de La Plata» (Argent.), tomo 1.º, 2.ª serie e tomo XV.

«Annaes do Museu Nacional do Mexico», tomo V, ns. 9 a 12.

«Annaes do Museu de Arqueologia do Mexico», tomo 1.º, ns. 1 a 7, (1908—1909).

«Annaes do Museu Nacional de Montevideo», (Flora Uruguay), tomo IV.

«Annaes da Instrucção Primaria da Republica do Uruguay», tomos V e VI, (1908—1909).

«Revista Pedagogica do Chile», Março a Agosto de 1909, anno VI.

«Revista da Academia de Historia e Antiguidades de Stockolmo» (Suecia), 1907.

«Revista Colonial e Mercantil de Madrid», tomo V, 1908.

«Boletins da officina Internacional das Republicas Americanas» (Wash.), Junho a Outubro de 1909.

«Boletins da Sociedade de Geographia de Lisboa» Setembro de 1908 a Julho de 1909, 27.ª serie.

«Boletins das Sociedades de Geographia Italiana», Nacional de Washington, Americana de New York, e da «Real Sociedade de Anvers» (Belgica), de Paris, do Havre e Bordeaux, Dezembro de 1908 a Novembro de 1909.

«Boletins da Real Sociedade de Madrid», tomo 51, 1909.

«Boletins da Sociedade de Geographia de Genève»
(Le Globe), tomo 48, 1909.

«Boletins da Sociedade de Geographia de Quebec»,
(Canadá), Janeiro a Setembro de 1909, vol. 3.º.

«Boletim Salesiano» (Turim), Janeiro a Dezembro
de 1909, anno VIII.

«Boletins do Corpo de Engenheiros de Minas»
(Perú), ns. 63 a 74, (1908 e 1909).

«Boletins do Ministerio de Fomento» (Lima), Se-
tembro de 1908 a Agosto de 1909.

«Annual Report of Smith. Instituto de Wash.»,
(1907 e 1908).

«Perú To Day» (Lima), ns. 7 e 8, vol. 1.º de
1909.

«Orçamentos» das Intendencias Municipaes de S.
Felix e Santo Amaro (Bahia), 1909.

Relatorios: Do «Archivo Publico Nacional»,
(Rio) 1909, da «Associação Commercial da Bahia», do
«Lyceu de Artes e Officios», (1906 a 1908, «Gabinete
Portuguez de Leitura», «Santa Casa de Misericordia»,
«Centro Operario», «Beneficencia Caixeiral», «Typo-
graphica Bahiana», e outras associações, em 1909.

Pela Secretaria do Governo da Bahia: «Mensa-
gem» do Governador, Dr. Araujo Pinho, á Assembléa
Geral em Abril de 1909; «The New Brasil by Marie
Robinson Wright», 2.ª ed.; «The Brazilian Year Book»,
1908.

Pela Commissão Portugueza, na Bahia: «Cere-
monias funebres em honra de D. Carlos 1.º e D. Luiz
Felippe de Portugal».

Pelo Director do «Archivo Publico do Pará»: O
Album do Estado do Pará em 1908.

Pela «Intendencia de Manáos» (Amazonas): Estatística Economica da Municipalidade, 1908.

Pela Directoria da «Faculdade de Medicina da Bahia», Centenario da Fundação do Ensino Medico no Brasil, 1908; Collecção de Theses dos doutourandos em 1909.

Pela Directoria do «Museu Paulista»: «Os Myriapodos do Brasil», 1909.

Pela Directoria do «Arquivo de S. Paulo»: Divisão administrativa e divisas municipaes do Estado, 1908.

Pela Secretaria da «Viação e Industria» (Rio): Tomada de contas aos concessionarios das obras do porto de Santos (S. Paulo); «Boletim Commercial da Exposição de 1908»; Boletim official, tomo 1.º, 1909; «Mappa da Republica dos Estados-Unidos do Brasil», 1909.

Pela «Sociedade Nacional de Agricultura» (Rio): Conclusões do 2.º Congresso de Agricultura; «O café» por Silvio Rangel; Syndicatos agricolas e Sociedades Cooperativas, 1908.

Pela Directoria do «Congresso Latino Americano», no Rio de Janeiro: «Relatorio Geral—Zonas de Tucuman», pelo Engenheiro Carlos Wauters.

Pela Directoria do «4.º Congresso Pan-Americano», no Chile:—Medalha commemorativa; a marinha mercante nacional do Chile, 1908; A penitenciaria de Buenos-Ayres; «Historia da America», por Hualcanga; Progreso Economico do Chile; Instrucção Publica no Chile; Historia Americana por Luiz Arce; Tribunaes estrangeiros; Instituções testamentarias; Ensino medico no Perú; Assistencia publica em Valparaiso; Enfermidades venericas na America Latina; Notas sobre la mineria en el Perú, 1908; O Chile em 1908, e outras publicações.

Pela Directoria de «Agricultura da Bahia»: Memoria sobre as estradas de ferro da Bahia, pelos Engenheiros Miguel Argollo e Justino Franca; «A Canna de assucar nas Antilhas», por Santos Dias Filho (Rio), 1909.

Pela «Bibliotheca Nacional de Lisboa»: «O Archivo de Marinha e ultramar», vol. 1.º, por Eduardo de Almeida, Coimbra, 1907.

Pela commissão «Geographica e Geologica de S. Paulo»: Folhas topographicas de Bragança e de S. Bento.

Pela «Real Sociedade de Geographia de Madrid»: Relaciones Geographicas de la Governacion de Venezuela, 1767 — 68.

Pelo socio Dr. Elpidio de Mesquita (Rio): «Aspectos de um problema economico—navegação e colonisação na Bahia», 1909.

Pelo socio Dr. Alcides Torres (S. Paulo): «Imprensa Medica de S. Paulo», Janeiro a Dezembro de 1908, vol. 16.

Pelo Sr. Alvaro Ramos: «Catalago» illustrado das moedas de Portugal e Brasil, 1909.

Pelo socio Engenheiro Silio Boccanera: «Discurso» do Dr. Sá Vianna no 4.º «Congresso Pan-Americano do Chile», 1909.

Pelo socio Cons. Salvador Pires (Rio): Noticia sobre os diversos estabelecimentos mantidos pela «Santa Casa de Misericordia do Rio», pelo Provedor Dr. Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, 1908.

Pelo Sr. Carlos Basilio da Silva: Diversas Theses sobre o concurso de Francez no «Lyceu da Bahia» em 1882, e outros folhetos.

Pelo socio Dr. Alfredo de Carvalho (Recife): Ma-

nuscripto sobre o Corsario Paulus van Caarden na Bahia, em 1604.

Pelo socio Cons. João Torres: «Canções do exilio», por Gustavo Adolpho (Bahia), 1891; Dissertação sobre o methodo de curar as feridas das armas de fogo, por Antonio de Almeida (Lisboa), 1797; «Geographia Physica do Brasil», por J. E. Wappens (Rio); «O Archivo Economico» (Bahia), 1873 — 74; «O Almanach do Malho» para 1909; «Sermões do Padre Vieira», vols. 6 a 15, 1908; «O Malho», (Janeiro a Dezembro de 1909, anno 8.º; «Almanach Luso Brasileiro» para 1910; «Illustração Brasileira», ns. 1 a 6 de 1909.

Pelo socio Dr. Francisco Calmon: «Diccionario Universal» de M. Lachatre, 1.º vol.; «Diario de Pernambuco» de 1889, 1 vol.; «A Imprensa do Rio», 1889, 1 vol.; Inauguração da linha de Itararé pelo Dr. Affonso Penna; Diagramma do Desenvolvimento annual da séde ferro-viaria do Brasil, 1854 — 1908; Relatorio do major Euclides de Moura, na missão de propaganda do Rio Grande, 1908; «Frou-frou» (jornal hum. do Rio), ns. 5 a 11, 1909; «Le Bresil au XX siècle», par Pierre Denis (Paris), 1909.

Pelo socio Dr. Augusto Vergne: «O Tempo» e «A Palavra», collecções, completas (Alagoinhas), 1903 e 1904; «A Estrella da Manhã», ns. 1 a 9, 1909.

Pelo socio Dr. Vicente Ferrer (Recife): «Successão de estrangeiros no Brasil», 1909.

Pelo socio Coronel Raymundo Cyriaco Alves da Cunha (Pará): Indice geral dos titulos das terras do Pará, 1909; «Estatistica Demographica da Cidade de Belém», Setembro de 1908 a Setembro de 1909; Cultura pratica do algodoeiro; «A Lavoura mecanica» (Pará),

1909; «A Lavoura Paraense», Janeiro a Setembro de 1909, anno III.

Pelo socio Barão de Studart: Annaes da imprensa cearense (Rio), 1908; Documentos para a historia do Brasil e especialmente do Ceará, 2.º vol., 1909 (Fortaleza).

Pelo Coronel Ernesto Senna (Rio): «Jornal do Commercio», 1827—1907; José Clemente Pereira, 1907; Cons. Ferreira Vianna (Rio), 1902.

Pelo socio Engenheiro Theodoro Sampaio: «Atlas dos Estados-Unidos do Brasil (Bahia), 1908; «Anuario de Estatistica» de S. Paulo», vols. 1.º e 2.º, 1906.

Pelo Sr. Jeronymo Delsuc: «O Faisca», illustrado, (Bahia), 1885—87.

Pelo Sr. Mario Mello: A Maçonaria no Brasil, prioridade de Pernambuco (Recife), 1909.

Pelo Dr. Arthur de Almeida Couto: «O Sul» (Belmonte), ns. 1 a 49, 1908 e 1909.

Pelo socio Cons. Antonio Coutinho de Sousa: «O Brasil-Valença», revista, 40 numeros, 1907 e 1908.

Pelo socio Dr. João Ferreira de Araujo Pinho Filho: «O Vesuvio», periodico de Santo Amaro (1900 e 1901), proprietario Abilio Daltro.

Pelo socio Dr. Satyro Dias: «Carta-padrão de 1794, manuscripto assignado por D. João VI».

Pelo 1.º Tenente Alcebiades Plaisant: Scenario Paranaense (Estado do Paraná).

Pelo socio Dr. Sebastião Vasconcellos Galvão (Recife): «Dictionario Chorographico, Historico e Estatistico de Pernambuco, 1.º vol. (Rio), 1908.

Pelo Dr. Miguel de Leonissa (S. Paulo): «Musci-deos e Culideos» — A vida, a morte apparente e a morte, real, 1907 e 1908.

Pelos Srs. Albuquerque e Bensabath: «Almanach do «Annuario, 1909, 2.º anno.

Pelo Coronel Antonio da Silva Neves (Minas): «Chorographia dos Municipios do Rio Pardo e Boa Vista do Tremedal (Minas), 1908.

Pelo socio Padre Etienne Ignace: «Revue Anthropolos» (Vienna), contendo a seita musulmana dos «Malês» e a sua revolta em 1835; «Les Boruns», tribu desaparecida da Bahia.

Pelo Dr. Mario Torres: «Geographia do Brasil por Thomaz Pompeu», 1864; «Odes de Horacio», 4 vols.; «Aventuras de Telemaco», 2 vols.; «Estudos Americanos» de Bias Mendes, 1905; «A Decada Republicana», 1.º vol. (Rio); «The Sphere, London», Junho de 1907; «Estrada de Ferro de Porto-Alegre a S. Paulo.

Pelo Professor Guilherme Mello: «A Musica no Brasil desde os tempos coloniaes» (Bahia), 1908.

Pelo socio Dr. J. Casper Branner, Estados-Unidos:—«Bibliographia da Geologia, Mineralogia e Paleontologia do Brasil», New-York, 1909.

Pelo socio Major Aloysio de Carvalho: «Cantando e Rindo» (Lulú Parola), 2 vols., 1893; 4 medalhas de prata commemorativas do Centenario do Brasil.

Pelo Sr. José Luiz Magalhães: «A Monarchia nova» —Discurso de Antonio José de Almeida (Lisboa), 1908.

Pelo socio Dr. Leovigildo de Carvalho: «Diario Constitucional» (Bahia), 1821; «O Independente Constitucional» (Bahia), 2.º vol. 1824.

Pelo socio João B. Perdigão de Oliveira: «Leis do Estado do Ceará» em 1908; «Relatorio da Secretaria da Justiça» em 1907.

Pelo socio Dr. Guilherme Foëppel: 5 moedas japo-

nezas; 8 medalhas; 20 moedas estrangeiras; «Braz Cubas» (S. Paulo), 1907.

Pelo socio Comm. Luiz José Fernandes (Lisboa): — «Memorias da Academia Real de Sciencias»; «Esmeraldo Situ Orbis»; «Viagens, Pero de Covilhã»; «Memorias sobre o descobrimento da America»; «Lendas da India»; «Diccionario Bibliographico», de Innocencio F. da Silva; «Panegirico de Camões»; Oliveira Martins, «Portugal Contemporaneo», Brasil e Colonias; Soriano, «Historia da Guerra Civil»; Coelho, «Historia Militar»; Pinheiro Chagas, «Historia de Portugal»; Memorias do Reino do Brasil; «Oriente Conquistado»; Decadas de João de Barros; «Jesuitas no Grão Pará»; «Historia Geographica das Nações Ultramarinas»; Indice da Torre do Tombo; Debret, «Voyage Pittoresque au Brésil»; John More, «Voyage dans l'interieur de Brésil»; Figueiredo, «Diccionario Portuguez»; 33 fasciculos das «Pupillas do Sr. Reitor»; «Nouveau Larousse Illustré», 8 vols. encadernados; «Geographie Universelle», por Elisè Reclus, 19 vols. encadernados; ao todo 217 vols. encadernados; 2 pacotes com a collecção completa dos sellos portuguezes do continente, ilhas e colonias, e sellos commemorativos; collecções de bilhetes postaes commemorativos.

Pelo Professor Livino de Amorim: Uma collecção do «Aprendiz Marinheiro», 20 numeros (Bahia).

Pelo socio Dr. José E. Freire de Carvalho: «Noticia Historica sobre a Faculdade de Medicina da Bahia», 1909.

Pelo Sr. João Ferreira de Araujo: «Estrella da Manhã», Decadario livre, (Alagoinhas), 1909.

Pelo socio Major Rogociano Teixeira: Catalago dos mostruarios da «Exposição Nacional», 1908.

Pelo Engenheiro Agenor Miranda: A lapide de madeira, que cobria o tumulo do Dr. Francisco Sabino A. da Rocha Vieira, na fazenda Jacobina, do Coronel Pereira Leite (Matto-Grosso), e por elle mandada fazer em 1846.

Pelo Dr. Julio Pires Ferreira: «Almanachs de Pernambuco», para 1908 e 1909.

Pelo socio Dr. Manuel Landaeta Rosales, Venezuela: Indice dos seus trabalhos historicos e estatisticos.

Pelo socio Dr. Bindolpho Rocha: Photographia de um indio «patachó» (Conquista—Bahia); «Jacina», romance (Bahia), 1907.

Pelo socio Coronel Gonçalo de Athayde: «The Brazilian Review (Rio de Janeiro), annos X a XII (1907 a 1909).

Pelo socio Dr. Nelson de Senna: «Os indios do Brasil», Memoria apresentada ao 3.º Congresso Pan-Americano (Rio), 1905; «Candidaturas presidenciaes», discursos, 1909; Notas e Chronicas, S. Paulo, 1907.

Pelo socio Dr. Pedro Vergne (Rio): «Discursos e «Relatorios» sobre as Companhias de Seguros, (1906 a 1908).

Pelo Engenheiro João Silveira: Uma collecção de theses da «Escola Agricola», (Bahia).

Pelo Professor Laurindo Pontes: «O Republicano» (Bahia), 2 vols., 1897.

Pelo socio Alfredo Ferreira Rodrigues: «Almanach do Rio Grande» para 1910, anno 22.

Pelo socio Professor Alexandre Borges dos Reis: «Historia do Brasil», 1.º vol. (Bahia), 1909; «Almanach do Estado da Bahia», para 1909, anno 8.º.

Pelo socio Dr. Francisco Prisco de S. Paraíso:

Grande collecção de jornaes e revistas que pertenceram ao Sr. Francisco Olivieri.

Pelo socio Dr. Bernardino de Souza: Cartões postaes com photographias sobre o «1.º Congresso de Geographia do Rio» em Setembro de 1909.

Pelo socio Engenheiro Miguel Argollo: Um certificado da estrada de fero do S. Francisco sobre o peso do meteorito «Bendegó» (5,360 kilog.).

Pelo socio Professor Manoel Raymundo Querino: 1.º Relatorio impresso em 1876 do «Lyceu de Artes e Officios da Bahia»; As «Artes na Bahia», contribuição historica pelo mesmo, em 1909.

Pelo socio Cons. Filinto Bastos: Tributo de saudade e veneração á memoria de Frei Venancio de Ferrara (Bahia), 1907; «Discursos» no «Centro Catholico da Bahia», 1909.

Pelo socio Dr. Reis Magalhães: «Relatorio do Collegio dos Orphãos de S. Joaquim», no triennio de 1906 a 1909.

Pelo Dr. Joaquim Francisco Gonçalves: «Relatorio do povoamento do solo» em 1908 (Rio).

Pelo Sr. Irineu Ferreira Pinto: «Datas e Noticias» para a «historia da Parahyba», 1.º vol.

Pelos Srs. Bríget & Companhia (Rio): «Atlas do Brasil», pelo Barão Homem de Mello, com 33 mappas impressos, 1909.

Pelo socio Engenheiro Miguel Calmon: Cópia do Relatorio do Engenheiro Greenhalg sobre a mudança da capital da Bahia em 1893.

Pelo socio Contr'almirante Alves Camara: «Atlas do Brasil» (Texto) pelo Barão Homem de Mello e Dr. Francisco Homem de Mello, (Rio), 1909.

Pelos Srs. Thomaz Costa e Alfredo Magalhães: «Anuario Baptista» para 1910.

Pelo socio José Teixeira Barros : « Chorographia do Municipio de Tremedal (Minas), 1908.

Pelo Dr. Francisco Braulio Pereira : « Collecção de revistas nacionaes e estrangeiras », opusculos e jornaes.

Pelo socio Aybar y Nunez (Santo Domingo) : « La Republica Dominicana », por Enrique Deschamps.

Pelo socio Dr. Mancel Thaumaturgo de Miranda : A sua these — « O Trabalho », Faculdade de Medicina, 1909.

Salientou-se no Paraguay, por actos de bravura, na batalha de *Tuyuty* a 24 de Maio de 1866 e em outras, pelo que o Governo imperial agraciou-o com o habito de Christo.

Tendo deixado o theatro da guerra por estar affectado em sua saúde, continuou o curso de direito, recebendo o grão de bacharel na Faculdade do Recife, a 9 de Dezembro de 1867.

Dedicando-se á politica, foi eleito deputado provincial em mais de uma legislatura.

Em 1874 encetou a carreira da magistratura, sendo successivamente Juiz municipal do termo de Santa Isabel do Paraguassú, Juiz de Direito das comarcas de Minas do Rio de Contas, de 1879 a 1887, e da Purificação, Juiz dos casamentos nesta capital, já no actual regimen, e mais tarde membro do Tribunal de Appellação e Revista, na sua organização, em Agosto de 1892, cargo em que se aposentára em Julho de 1897, por já estar soffrendo da molestia que o victimou.

Em 1883 casara-se com a Exm.^a Sr.^a D. Hidia de Castro Cotrim, senhora dotada de altas virtudes, e pertencente a uma das mais importantes familias sertanejas.

Deste consorcio não houve filhos.

Tanto na vida publica, como na partiicular, fazia-se notar o illustre extinto por uma inquebrantavel rigidez de character. Nos diversos cargos que exerceu deixou-se guiar sómente pela justiça, não sendo levado nunca por affeições, nem idéas partidarias.

No trato familiar era lhano e affavel, o que gran-geou-lhe innumeras sympathias das pessoas de suas relações, e que hoje deploram-lhe o infausto passamento.

Está sepultado na ilha de *Ilaparica*.

(Extr. d'*A Bahia* de 12 de Janeiro de 1899).

General Faria Rocha

Registamos nas paginas da nossa *Revista* o passamento do glorioso voluntario bahiano, que teve logar na cidade do Rio de Janeiro no dia 12 do mez de Janeiro de 1899, na freguezia da Gloria, onde residia.

O General Francisco Vieira de Faria Rocha foi um denodado defensor da integridade e honra nacional nas inhospitas paragens do Paraguay, e o seu nome está ligado ao celebre 40.º de voluntarios, aqui organizado.

O que foi o illustre extinto dizem-no as paginas brilhantes da memoravel campanha.

E' uma gloria legitima da patria brasileira, e a memoria popular guardará a historia de seus dias gloriosos, inscrevendo-o no numero dos grandes e leaes servidores do paiz, e cuja abnegação e coragem foram sempre louvadas nas partes officiaes da memoravel campanha dos *cinco annos*.

O Brigadeiro Faria Rocha era filho legitimo de Luiz Manoel da Rocha, negociante, e Ignacia de Aragão Faria Rocha, e nasceu aos 5 de Janeiro de 1836 na freguezia de Sant'Anna, desta capital.

«Educado com esmero no seio de uma familia honrada, o General Faria Rocha viu, aprendeu e sempre conservou os bellos exemplos da vida social.

Seu tio, o Dr. Ataliba, lente cathedratico da «Faculdade de medicina», foi a honra intellectual dessa academia, onde notabilisaram-se medicos e professores eminentes, quaes os conselheiros Polycarpo Cabral, Jonathas Abbot, Alexandre de Queiroz, Souto, Faria, Antonio José Alves, Rodrigues, Magalhães, Eduardo França e Freitas». ⁽¹⁾

(1) Informações prestadas pelo eminente publicista bahiano Dr. Eunapio Deiró, Rio.

Quando em Agosto de 1865, offereceu-se ao então Presidente da Bahia, Conselheiro Manoel Pinto de Souza Dantas, para marchar para o Paraguay, era Major-commandante do brioso 3.º batalhão de Sant'Anna e empregado do «Banco da Bahia», onde exercia o logar de guarda-livros.

Acceito o generoso offerecimento, e do seu batalhão, foi por acto da presidencia de 23 de Agosto de 1865 nomeado tenente-coronel, em commissão, do batalhão que marchara na brigada do Brigadeiro Evaristo, no dia 17 de Setembro, a bordo do *Oyapoc* e que tomou no Rio o numero 40.º de voluntarios.

Na vespera do embarque os empregados do Banco,* seus companheiros, offereceram-lhe a espada com que devia commandar o batalhão de Sant'Anna.

A' frente de seu batalhão saltou nas plagas paraguayas, em Abril de 1866.

Desde então elle achou em sua alma de cidadão todas as energias do pundonor guerreiro. (2)

Tomou parte e assistiu aos combates de 16, 17 e 18 de Abril de 1866, 2, 20 e 24 de Maio, bombardeio de 24 de Junho, combates de 16 e 18 de Julho, tudo de 1866, combate de 3 de Outubro de 1867, os combates de 1868 e 1869, inclusive a rendição de Angustara, sob as ordens do general Victorino Monteiro, e merecendo louvores dos Generaes Caxias e Osorio.

Por decreto de 23 de Novembro de 1867 lhe foram concedidas as honras de Coronel da Guarda Nacional e chefe do Estado-maior; por decreto de 20 de Fevereiro de 1869 teve as honras de Coronel do exercito.

Terminada a campanha, retirou-se para o Brasil

(2)—Eunapio Belró, *ibidem*.

com o seu batalhão, e chegando ao Rio de Janeiro recebeu as honras do posto de brigadeiro do exercito por decreto de 23 de Fevereiro de 1870; tendo recebido mais as seguintes condecorações: official do Cruzeiro e da Rosa, medalha de merito e bravura militar com 5 passadores, a de campanha geral com 5 passadores; e recusou o titulo de Barão que lhe foi offerecido pelo Imperador.

Chegou a Bahia com o seu batalhão a 12 de Março de 1870, no transporte de guerra *Galgo*.

Era o primeiro batalhão de voluntarios que regressara á terra natal.

Foram indescritiveis as festas, as ovações com que a população recebeu os briosos voluntarios do 40, que voltaram extenuados das fadigas e repletos de glorias: as duas bandeiras foram coroadas de louros.

A imprensa foi unanime em dizer que esse dia devia sempre ficar gravado no espirito publico. Foi uma festa inteiramente popular.

No dia 20 de Março partiu para a Capella do Bomfim, onde celebrou-se missa em acção de graças, assistida por grande massa popular: no dia 25 do mesmo mez foi a bandeira do 40^o, recebida no Paraguay, depositada na Cathedral, com grande parada militar, conforme determinou o Imperador em Aviso de 28 de Fevereiro de 1870, de que lavrou-se uma acta, assignada pelo Cabido; sendo igualmente depositada na igreja matriz de Sant'Anna a bandeira com que o batalhão d'aqui marchou em 1865.

Exercia o Brigadeiro Faria Rocha o logar de thesoureiro da «Recebedoria das Rendas», quando por Dec. de 6 de Dezembro de 1879 foi nomeado Official do Registro Geral de Hypothecas do municipio da Côrte do

Rio de Janeiro, com que foi ainda distinguido pelo Imperador pelos relevantes serviços de campanha; e quando faziam parte do concurso homens da estatura de Quintino Bocayuva e outros.

Repousando das arduas fadigas, vivia entregue aos deveres do seu cargo e era um cultor desvelado e intelligente das bellas artes. A casa de sua residencia era adornada do objectos variados de gosto e arte. Seus salões eram um pequeno museu.

Demos ainda a palavra ao Dr. Eunapio Deiró.

«O General Francisco Vieira de Faria Rocha marchou para a campanha convicto de servir ao seu paiz com a fé viva e a intrepidez de um guerreiro cruzado, elle, que nunca vira um campo de batalha... Logo lhe coube assistir e tomar parte nos prelios de 16, 17 e 18 de Abril, em *Itapirú*, e acompanhar intemerato a marcha impavida e victoriosa do heroico Osorio.

A' frente do 40º de voluntarios bahianos, Faria Rocha achou em sua alma de cidadão as energias do pundonor do guerreiro; achou em seu coração a força e firmeza de ventade para elevar-se á grandeza moral da abnegação; achou no sentimento profundo do dever patriótico a coragem, que affronta a morte; achou, enfim, todas as bellas inspirações que fizeram de um paisano um chefe, que conduziu á victoria os veteranos na profissão das armas.

No combate de 2 de Maio, sob as ordens do General Victorino Monteiro, portou-se tão dignamente, que mereceu ser elogiado.

Na batalha de 21 de Maio, reputada a maior da America do Sul, onde Osorio vence, mais pela bravura do que pela estrategia, Faria Rocha fez parte da 1.ª divisão, sob o commando do General Argollo (visconde de Itaparica). O General Argollo, um Ney, era o chefe

mais severo e de rigida disciplina e avaro de elogios. Na parte do combate elogiou o commandante do 40.^o de voluntarios bahianos, que por esse facto foi condecorado com a Ordem do Cruzeiro.

No combate de 16 de Julho já Faria Rocha exercia o commando da 10.^a brigada de infantaria: nessa batalha deu elle não sómente provas de bravura, como deixou bem patentes as notaveis qualidades de prudencia e capacidade com que soube dirigir essa avultada massa de homens através dos perigos do combate. Foi galaradoado com o officialato da Rosa pelos relevantes serviços prestados.

Tomou parte no combate de Itororó, e o Duque de Caxias, na rectidão de um espirito superior, felicitou e distinguio o commandante da brigada, que corajosamente o auxiliara.

Era um facto provado a capacidade militar do guerreiro bahiano, pelo que foi collocado no posto de commandante da 5.^a divisão, a cuja frente entrou na batalha de Avahy, onde Osorio foi ferido e outros generaes.

De Avahy partiu para Lomas Valentinas, e em 21 de Dezembro tomou parte na luta, que foi tenaz, terrivel e prolongada durante 24 horas de continuo e mortifero fogo, occupando as posições.

A frente de seus batalhões, o general tomou parte activissima nos combates de 25 e 27 de Dezembro em Lomas Valentinas, e foi mandado a Angustura, onde assistiu a 30 de Dezembro á rendição da fortaleza e da sua numerosa guarnição.

Faria Rocha batalhou e serviu até o fim da guerra. Elle foi soldado imperterrito; foi modelo de bravura; foi exemplo vivo de abnegação, de disciplina, de paciencia nos soffrimentos de campanha, gentileza de

maneiras polidas, com que tratava os seus commandados, e cortezia senhoril, com que procedia com os seus superiores hierarchicos.

O Governo Imperial conferiu-lhe a patente de coronel honorario, e concedeu-lhe a medalha de merito e bravura militar, que é a nobre ambição daquelles que honram e defendem valorosamente a Patria.

Quando o general regressou do Paraguay, muito alquebrado de fadigas, o Imperador decorou-lhe o peito com a dignitaria do Cruzeiro e concedeu-lhe as honras de General.

Ainda lhe estava reservada uma suprema ventura. *A Bahia*, — sempre altiva, generosa e esplendida, o acolheu com calorosas ovações, como outr'ora Roma recebia e glorificava os seus guerreiros victoriosos.

A morte, que o poupou tantas vezes nos campos de batalha, agora o surprehende no meio das illusões da esperanza e o arremessa para as bandas insondaveis do infinito. . . ».

Dr. Manoel Joaquim Saraiva

Na tarde do dia 22 de Janeiro de 1899 falleceu nesta capital o notavel Professor de hygiene da Faculdade de Medicina deste Estado, Dr. Manoel Joaquim Saraiva.

Nasceu na cidade da Bahia em 4 de Novembro de 1840, e era filho do negociante portuguez Antonio Joaquim Saraiva e D. Maria Joaquina Saraiva, brasileira.

Filho de paes pobres, desde os primeiros annos, attingiu pelo esforço proprio e pelo amor ao estudo a

culminancia scientifica, que é o galardão dos que trabalham.

Diplomado medico em 30 de Novembro de 1864 pela Faculdade desta cidade, em 2 de Janeiro de 1865 era nomeado 2.º cirurgião da armada, e partiu logo para a campanha do Paraguay.

Não houve combate renhido a que não estivesse presente, desde a celebre batalha de *Onze de Junho*.

Coberto sempre de elogios e impondo-se pelo seu saber, pediu para embarcar no «navio testa de columna», o que outros recusavam, e, fazendo parte da officialidade do encouraçado *Barroso*, tomou parte na passagem de *Humaytá* e em outros combates navaes.

Fazendo toda a campanha, d'ahi regressou com a consciencia de ter cumprido o seu dever de medico e de ter merecido as distincções, e honras com que o governo Imperial lhe galardoou os serviços, taes como as ordens do Cruzeiro, de Christo, da Rosa, dos combates de *Riachuelo* e *Humaytá*, e da campanha do Paraguay.

Mais tarde, em brilhante concurso, que teve logar em 8 de Setembro de 1872, conquistou uma cadeira de oppositor da secção medica da Faculdade, tendo por competidores illustrações, como a do Dr. Guilherme Rebello, de saudosa recordação.

Foi deputado provincial na legislatura de 1878 a 1879.

Em 1882, por incompatibilidade legal, deixou o hospital de marinha, reformando-se como Tenente-cirurgião da armada.

Por Decreto de 14 de Abril de 1883 foi nomeado lente cathedratico de hygiene, tendo tomado posse em 5 de Maio do mesmo anno, e desde então dedicou-se com assiduidade e entranhado amor ao ensino d'essa sciencia.

Não precisamos dizer o que foi como mestre: está

na consciencia publica e no juizo insuspeito dos seus collegas e de seus discipulos.

Era uma notabilidade, uma superioridade na sua cadeira.

A sua palavra tinha o peso da sciencia e as fulgurações do talento pacientemente cultivado.

Amante apaixonado da sciencia que professava, nas suas aulas não obedecia ao horario official: só deixava a cathedra quando notava que a fadiga intellectual invadia os seus discipulos.

E foi assim que desapareceu: no seu posto de honra, servindo á causa publica, sem poupar sacrificios de saúde e sem jamais lembrar-se de que a sua idade e a fortuna que possuia lhe aconselhavam certo repouso e commodidades.

Apagou-se, pois, uma das maiores luzes da Faculdade de Medicina.

O illustre bahiano fazia igualmente parte da congregação da Faculdade Livre de Direito, como professor da cadeira de medicina publica.

A população da capital da Bahia, por cujo bem estar elle sempre batalhou, já em pareceres e relatorios, sempre que os poderes publicos houveram mister de suas luzes, já na cadeira de hygiene, tem o dever de honrar a sua memoria, apontando-o como um dos raros talentos d'esta terra, que podem servir de exemplo de patriotismo e abnegação.

Morreu, pode-se dizer, no exercicio de sua nobilissima profissão, pondo ao serviço publico a sua incontestavel proficiencia em assumptos de sua especialidade, tendo adquirido a fatal enfermidade em excursão ás margens do *dique*, cujas aguas tinha ido examinar, a convite da intendencia municipal.

O Dr. Manuel Joaquim Saraiva deixa na classe

medica, no magisterio superior e no corpo de saúde da armada, a que pertenceu, por muitos annos, um nome venerado e uma reputação das mais brilhantes, conquistada pelo talento e dedicação á sciencia, pelos serviços á Patria e pela isenção e honradez que lhe distinguiram o character.

(Extr. da *Gazeta Medica da Bahia*, vol. 30, pag. 334, e d'*A Bahia* de 23 de Janeiro de 1899.)

Barão do Desterro

(CONSELHEIRO JOÃO JOSÉ DE ALMEIDA COUTO)

Na tarde do dia 24 de Março de 1900 falleceu n'esta capital, ao largo do Desterro, onde residia, o distincto magistrado Conselheiro João José de Almeida Couto, ministro aposentado do Supremo Tribunal de Justiça.

O Conselheiro Barão do Desterro, cuja memoria é geralmente acatada pelos seus conterraneos, pelos grandes serviços que em sua longa vida prestou á causa publica, nasceu na cidade de Maragogipe em 24 de Dezembro de 1812.

Era filho legitimo do Capitão José Francisco do Couto e de D. Anna Ritta Zeferina de Almeida Torres.

Tendo completado o curso de preparatorios, seguiu para S. Paulo, em cuja Faculdade de Direito se bacharelou em sciencias juridicas e sociaes em 1835.

Chegando á Bahia, serviu de secretario do Governo, na administração do Presidente Joaquim José Pinheiro de Vasconcellos, mais tarde, Visconde de Mont-Serrat, de Junho de 1841 até Agosto de 1844.

Em seguida, foi eleito deputado geral na 6.^a legis-

latura, cuja camara foi dissolvida em 1847; e ao terminar o seu mandato foi nomeado Juiz de Direito de Sorocaba, em S. Paulo, onde permaneceu quatro annos, voltando novamente a occupar uma cadeira de Deputado geral, na 8.^a legislatura em 1850, cuja camara foi dissolvida tambem em 1853.

Ao expirar esse novo mandato, desempenhava por algum tempo o cargo de chefe de policia de S. Paulo, sendo depois nomeado Juiz de Direito das comarcas de Cabo Frio e Macahé, na antiga provincia do Rio de Janeiro, de onde passara a exercer o cargo de auditor de guerra e marinha na antiga Côrte.

Por decretos imperiaes de 2 de Abril de 1859, a titulo de remuneração pelos serviços prestados por occasião da epidemia do *cholera morbus*, que reinou no paiz durante os annos de 1855 e 1856, foi o Dr. João José de Almeida Couto nomeado Cavalheiro da Ordem de Christo e official da Ordem da Rosa.

Por Decreto de 23 de Julho de 1873, foi agraciado com o titulo de commendador da referida Ordem de Christo.

Em 1864 foi nomeado Desembargador da Relação da Bahia, onde permaneceu até 1881, quando foi elevado ao cargo de ministro do Supremo Tribunal de Justiça.

De 1870 a 1878 foi 1.^o vice-presidente d'esta então Provincia da Bahia, exercendo a presidencia nos annos de 1870 e 1872, durante o ministerio do Visconde do Rio Branco.

Por Decreto de 13 de Setembro de 1875, foi agraciado com o titulo de Conselheiro, e por carta imperial de 29 de Novembro de 1886 foi distinguido com o titulo de *Barão do Desterro*, em attenção aos relevantes serviços prestados ao paiz.

Aposentou-se como ministro do Supremo Tribunal a 20 de Novembro de 1886.

O distincto bahiano era socio effectivo do *Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, do antigo *Instituto Historico da Bahia* e de outras associações scientificas.

Foi casado em primeiras nupcias com D. Lina da Costa Lima e em segundas com D. Anna Bernardina de Almeida Costa, e deixou uma filha D. Maria Amelia de Couto Maia, viuva do Dr. Augusto Freire Maia Bittencourt, e numerosa prole.

Professor Joaquim J. da Palma

O Professor Joaquim José da Palma nasceu na cidade de Nazaréth em 15 de Outubro de 1824.

Foram seus paes, José da Fonseca da Palma e D. Ignez do Carmo Rodrigues da Palma.

Casou-se com a Sr.^a D. Maria Moreira de Carvalho, viuva, de quem teve dous filhos, sendo o primeiro o Desembargador José Joaquim da Palma, actual deputado federal pelo Estado da Bahia, tendo o segundo, de nome Eugenio, morrido com pouco mais de um anno.

Matriculou-se na Eschola Normal com 17 annos, obtendo o seu diploma de professor aos 19, depois de brilhante tirocinio, sendo considerado pelos lentes e condiscipulos o primeiro estudante do seu tempo.

Não tendo ainda a idade legal para exercer o magisterio, pois lhe faltavam dous annos para completar 21, empregou esse tempo dando prelecções das materias, que se ensinavam na «Eschola Normal».

A sua nomeação foi para a Villa da Tapera, onde exerceu o magisterio durante 9 annos, sendo depois

removido para a cidade de Cachoeira, vindo mais tarde reger a escola da Sé, nesta capital, de onde, mezes depois, sahiu para fazer parte do corpo docente do «Internato Normal», ensinando Portuguez, Calligraphia, recitação Geographia e Historia.

Aposentou-se, exercendo então o cargo de Director da «Escola Normal», contando 45 annos de serviço ininterrupto.

Gozou por mais de 10 annos da aposentadoria, vindo a fallecer, victima de uma angina-pectoris, no dia 7 de Maio de 1900, com 76 annos de idade.

Na 1.^a eleição para Senador do Estado da Bahia, depois do advento da Republica, foi candidato do professorado bahiano, obtendo mais de mil votos, sem contar os que lhe foram subtraídos na apuração, em muitas centenas, não tendo a sua eleição bafejo nenhum official.

A Camara Municipal, por iniciativa do Dr. Virgilio Cunha, denominou — *Praça do Professor Palma*, o largo em frente ao forte de Santa Maria, na Barra, por ser a sua morada de muitos annos, e em homenagem aos seus serviços a instrução publica.

O Professor Palma era membro effectivo do Instituto superior da instrução publica.

Está inhumado no cemiterio Campo-Santo, em um carnoiro perpetuo, que tem o n.^o 583.

Em Julho de 1900, no 60.^o dia do seu fallecimento o professorado da Bahia publicou uma *Homenagem Posthuma*, honrando a memoria do grande professor e distincto bahiano, e a quem sagrou benemerito do Ensino.

removido para a cidade de Cachoeira, vindo mais tarde reger a escola da Sé, nesta capital, de onde, mezes depois, sahiu para fazer parte do corpo docente do «Internato Normal», ensinando Portuguez, Calligraphia, recitação Geographia e Historia.

Aposentou-se, exercendo então o cargo de Director da «Escola Normal», contando 45 annos de serviço ininterrupto.

Gosou por mais de 10 annos da aposentadoria, vindo a fallecer, victima de uma angina-pectoris, no dia 7 de Maio de 1900, com 76 annos de idade.

Na 1.^a eleição para Senador do Estado da Bahia, depois do advento da Republica, foi candidato do professorado bahiano, obtendo mais de mil votos, sem contar os que lhe foram subtraídos na apuração, em muitas centenas, não tendo a sua eleição bafejo nenhum official.

A Camara Municipal, por iniciativa do Dr. Virgilio Cunha, denominou — *Praça do Professor Palma*, o largo em frente ao forte de Santa Maria, na Barra, por ser a sua morada de muitos annos, e em homenagem aos seus serviços a instrução publica.

O Professor Palma era membro effectivo do Instituto superior da instrução publica.

Está inhumado no cemiterio Campo-Santo, em um carneiro perpetuo, que tem o n.^o 583.

Em Julho de 1900, no 60.^o dia do seu fallecimento o professorado da Bahia publicou uma *Homenagem Posthuma*, honrando a memoria do grande professor e distincto bahiano, e a quem sagrou benemerito do Ensino.

Conselheiro Firmino Lopes de Castro

Violenta syncope cardiaca roubou á sociedade e á familia no dia 28 de Julho de 1900 um honrado magistrado, notavel pelo saber e probidade, advogado erudito, e professor de direito civil na «Faculdade de Direito» d'este Estado, o Conselheiro Firmino Lopes de Castro.

A *Revista dos Tribunaes*, da qual foi o distincto e illustrado juiz um dos seus mais constantes collaboradores, assim noticiou o seu passamento:

« A morte o colheu em meio do trabalho, em sua banca de advogado, que illustrava e elevava, como illustrou e elevou a cadeira de magistrado, enquanto a occupou, e a de lente de direito civil.

Foi um traço de luz indelevel a existencia do Conselheiro Firmino, desde a vida collegial, no antigo *Collegio S. João*, onde começamos a admirar-o quando o alcançamos, passando ali o anno de 1866, na idade de 14 annos e tendo já obtido na academia do Recife approvações plenas em todos os preparatorios, então exigidos, até o instante de sua morte; que o suprehendeu escrevendo sobre importante questão de restituição de impostos. »

Do consorcio do Capitão Firmino Lopes de Castro com a Exm.^a Sur.^a D. Anna Leonor Lopes de Castro, nasceu na cidade de Nazareth, em 2 de Janeiro de 1835, o Conselheiro Firmino Lopes de Castro.

Antes de attingir a idade exigida para a matricula na «Faculdade de Direito» do Recife, onde recebeu o gráo de bacharel, completou elle o curso de humanidades, merecendo os mais pomposos elogios por parte de seus mestres, especialmente do seu director o illustrado professor, Dr. João Estanislau da Silva Lisboa.

A primeira nomeação que teve foi de Juiz Municipal e de Orphãos do termo da cidade da Barra, comarca do Rio S. Francisco.

N'este cargo se conservou até o anno de 1877, tendo sido em seguida removido para o termo de Maracás.

Em 25 de Março de 1881 foi nomeado Juiz de Direito da Comarca de Tacaratú, em Pernambuco.

Egual cargo exerceu na comarca de Areia (Bahia), depois de ter sido chefe de policia do Pará.

Sendo nomeado chefe de policia da Bahia, em 17 de Novembro de 1889, pediu demissão e voltou a exercer a magistratura como Juiz de Direito de Itaparica, Juiz de Direito da vara da Provedoria d'esta capital, e finalmente em Agosto de 1892 foi nomeado membro do Tribunal de Appellação e Revista, na sua primeira organização, em cujo cargo foi aposentado por Dec. de 28 de Fevereiro de 1898.

A despeito da molestia, que lhe minava a existencia, dedicava-se ao exercicio da advocacia e do magisterio, ostentando talento peregrino e vasta illustração jurídica.

Era casado com a Exm.^a Snr.^a D. Virginia Gordilho de Castro, filha do fallecido Desembargador Virgilio Gordilho, e deixou dous filhos Octavio, hoje engenheiro civil, e D. Marieta Gordilho de Castro.

Todas as classes e corporações da sociedade bahiana prestaram ao illustre morto as homenagens de seus sentimentos e, entre ellas, o Tribunal de Appellação e Revista, a Academia de Direito, o Senado, a Camara dos Deputados, a Imprensa, e cavalheiros de todas as classes, amigos e seus admiradores.

Dr. Joaquim Manuel Rodrigues Lima

Na cidade de Caetité, d'este Estado, falleceu no dia 18 de Dezembro de 1903, ás 7 $\frac{1}{2}$ da noite, o Dr. Joaquim Manuel Rodrigues Lima, ex-Governador do Estado e senador, e cujo nome está ligado á historia da Bahia por sua honradez immaculada, por sua grandeza de espirito, e por sua indefectivel lealdade politica.

Nasceu o eminente cidadão na mesma cidade de Caetité, aos 4 de Maio de 1844, tendo por progenitores o honrado capitão Joaquim Manuel Rodrigues Lima, e D. Ritta Sophia Gomes Lima, oriunda d'uma das mais distinctas familias de Minas-Geraes.

Poucos annos depois, seus paes transferiram a residencia daquella cidade para Santa Isabel, hoje cidade de S. João do Paraguassú, onde o Dr. Rodrigues Lima conservou-se até a idade de 10 annos; revelando distinguidas aptidões intellectuaes, foi enviado para a capital, e depois de fazer o curso de humanidades no antigo e acreditado «Collegio S. João», matriculou-se em  na academia de medicina, cujo tñrocinio perlustrou  Incontestaveis provas de fina intelligencia e optimo aproveitamento.

No seu 5.º anno medico, em 1866, quando mais accesa estava a luta com o Paraguay, cedendo aos estes de seu acendrado patriotismo, seguiu o joven e corajoso bahiano para a campanha, em companhia de outros academicos, servindo no 1.º corpo do exercito, onde, nos hospitaes de sangue, revellou, de par com o cabedal de seus conhecimentos profissionaes, abundante copia dos mais generosos sentimentos que pode ornar a alma de um homem, e tomou parte no reconhecimento e occupação de Humaitá.

Os documentos officiaes a seu respeito ainda são

menos eloquentes do que o testemunho de seus collegas do penoso officio, todos unanimes em exaltar as numerosas provas que patenteou de humanidade, desinteresse e solicitude.

Naufrago do transporte de guerra *Oyapock*, na praia de Santa Rosa, littoral uruguayo, conseguiu salvar-se, e com os outros academicos auxiliou a tripolação a salvar a carga do navio, e mais de seis mil contos em ouro destinado ao exereito, montando guarda durante algumas noites, em que estiveram ameaçados de exterminio por um grupo de gaúchos.

Voltando do Paraguay em 1869, em consequencia de grave enfermidade adquirida nos labores da campanha, concluiu o curso medico na Faculdade da Bahia, e fixou residencia em Caetité, onde casou-se com a Exm.^a Sra.^a D. Maria Victoria Gomes de Albuquerque Lima, filha do Barão de Caetité, abastado proprietario e magistrado aposentado.

Começou d'ahi a grandeza de seu nome, pela sua caridade no exercicio do sagrado apostolado de medico, não só na comarca de Caetité, como em outras msertanejas.

Em 1876 a 1877, fez longa excursão pela Europa dedicando-se ao estudo de sua profissão, visitando museus, clinicas e hospitaes das primeiras capitães.

Figurou na politica do regimen passado, combatendo pelas ideas liberaes na antiga assembléa provincial, e exercendo outros cargos de eleição popular.

Proclamada a Republica, o seu nome é indicado, em 1891, nas chapas apresentadas pelos dois partidos, como candidato a senador.

Foi eleito e tomou parte saliente na Constituinte do Estado.

Em vista dos successos decorrentes do golpe de Estado de 23 de Novembro de 1891, e renuncia do Governador Dr. José Gonçalves da Silva, o seu nome é ainda indicado para Governador do Estado, e a eleição é geralmente suffragada a 20 de Março de 1892, pelo voto directo dos seus concidadãos, recebendo o Governo das mãos do bravo almirante Leal Ferreira, presidente do Senado, e vice-governador.

Entre os actos da sua trabalhada administração devemos salientar os seguintes.

Fez a organização da magistratura, em virtude da Lei n. 15 de 15 de Julho de 1892; fez a reforma da instrução publica, creando duas escolas normaes no centro do Estado; reorganizou as repartições publicas; organisou o plano geral da viação do Estado, promovendo junto ao governo federal a ligação da capital com outros municipios do centro por meio do telegrapho; adquiriu para o Estado o actual predio da Directoria das Rendas, o quartel dos Afflictos, fazendo a reconstrucção da «Escola Normal».

Em seu governo foi sancionada a lei do Monte Pio obrigatorio para o funcionalismo.

A sua administração teve ainda um periodo agitadoissimo, devido a scisão profunda que dividiu o partido republicano federalista.

Eis como o seu biographo Professor Borges de Reis, synthetisa esta phaze: recebeu

«Grandes provações lhe e⁵⁰, cantou a primeira
alto posto; a revolta de 6 de Se^{mo} anno, na sua terra
mezes, enlutou o paiz, a scisão d^{prégando} o notavel
a difficilima organização do Estad^{Fiusa}.
todo esse conjuncto de circumstanc^{ividade}, e suas reco-
sciencias religiosas
he uma brilhante

do honrado bahiano no elevado posto que lhe fôra confiado pelo voto de seus concidadãos.

S. Ex., porém, revelou-se na altura das circumstancias. Moderado, firme, tolerante e justo, abnegado e digno, o Dr. Rodrigues Lima completou o seu quadriennio legal na alta direcção do Estado, deixando apezar de tantos tropeços—firmes os creditos da Bahia, saldos nos cofres, melhoramentos reaes em todas as manifestações da vida administrativa, social e intellectual do Estado, e, finalmente, este organizado, a proseguir na trajectoria luminosa que lhe traçam os seus gloriosos destinos.»

Disse ainda o *Jornal de Noticias*:

«Um facto, de alta relevancia, illuminado por uma prudencia sensatissima e pelo amor á terra natal, destaca-se do seu periodo governamental, e foi quando agitava-se a revolta e que por toda a parte se exigia o estado de sitio, a sua opposição a esta medida extrema, na qual, o seu olhar via uma ameaça á paz da sociedade, cujos destinos superintendia. Soube resistir, em meio das paixões que se desencandejavam, e soube vencer—merecendo, como recompensa consoladora, as benções da familia bahiana.»

Deixando o governo a 28 de Maio de 1896, retirou-se para a cidade de Caetité.

Posteriormente foi reeleito senador, cargo este que exerceu até a sua morte.

tendo pel

cial, e ex, sendo outros *ico da Bahia*, com estas notas

Proclamada a R memoria do illustre bahiano a em 1891, nas chapas m de gratidão e reconhecimento, como candidato a sena a formação, o *Instituto* encontrou

Foi eleito e tomou valiosa coadjuvação e alento; e Estado.

taes foram os serviços por elle prestados, já providenciando sobre a entrega dos retratos do antigo Palacio e do extincto Tribunal da Relação, e do mobiliario da antiga secretaria do governo, já sancionando as leis que concediam uma subvenção do Estado e a concessão de loterias, que em assembléa geral do mesmo *Instituto* lhe foi conferida a merecida distincção de socio honorario.

Dr. Aristides A. Milton

Após longos e dolorosos soffrimentos falleceu na cidade do Rio de Janeiro a 26 de Janeiro de 1904, no «Hotel dos Estrangeiros», o illustrado representante da Bahia, na Camara dos Deputados, e integro magistrado, Dr. Aristides Augusto Milton, na idade de 57 annos.

«Era um bahiano illustre pela sua intelligencia, pelo seu estudo e pelo seu character illibado, e comportamento sempre correcto na vida social e politica.» Assim concluia o *Jornal do Commercio* dando noticia do seu fallecimento.

Nascido na leal e valerosa cidade de Cachoeira, aos 29 de Maio de 1848, filho do Major Tito Augusto Milton e D. Leopoldina Clementina Milton, fez o curso secundario no *Gymnasio Bahiano* dirigido pelo grande educador Dr. Abilio Cesar Borges, sendo ali um dos seus mais distinctos alumnos pela sua intelligencia e applicação: seguiu para o Recife em cuja Faculdade matriculou-se em 1864, terminando o curso juridico em 1869 com tal distincção que o seu nome foi um dos suffragados para orador official de sua turma.

Voltando á terra natal, foi impellido por seu temperamento á ingrata profissão de magistrado, occupando

em revistas academicas, entrando em 1873 para a redacção do *Correio da Bahia*, onde com o Dr. Innocencio Góes e outros batia-se pela causa do partido conservador, e de então por diante jamais abandonou o jornalismo, pelo qual tinha vocação especial.

Fez parte da Camara Municipal da sua cidade natal, onde sempre residiu, e de que era presidente, onde prestou reaes serviços e particularmente á Santa Casa de Misericórdia, da qual foi provedor até a morte, tendo obtido em seu beneficio subsidios no valor de 70 contos, no periodo de 7 annos de sua provedoria.

Homem estudioso e cultor fervoroso da historia deixou trabalhos que attestam o vigor de sua mentalidade, taes como o seu excellente *Commentariô da Constituição de 24 de Fevereiro*, em mais de uma edição; as *Ephemerides Cachoeiranas*, seguro repositório de informações de sua terra natal e dos feitos heroicos do periodo da nossa independencia; e a *Campanha de Canudos*, de que foi encarregado pelo «Instituto Historico Brasileiro», de que era socio correspondente, trabalho consciencioso, e que procurou documentar com peças officiaes, quando descreve a lucta sangrenta dos fanaticos com as forças legaes.

O lamentavel acontecimento ficou attestado nos annaes da Camara dos Deputados pela palavra fluente do nosso illustrado consocio Desembargador Paranhos Montenegro, que fez salientar os meritos do fallecido bahiano como orador erudito e experimentado, e jornalista emerito; e lembrando a sua antiga e inspirada collaboração nos trabalhos das commissões a que pertenceu, sendo votadas as homenagens posthumas requeridas.

O illustre extincto era socio fundador do nosso «Instituto Historico» na classe dos correspondentes.

Dr. José Octacilio dos Santos

O Dr. José Octacilio dos Santos, socio fundador do «Instituto Geographico e Historico da Bahia», a que prestou muitos e apreciaveis serviços, nasceu nesta capital, no actual districto da Conceição da Praia, aos 16 de Junho de 1862.

Era filho legítimo do Major José Henriques dos Santos e da professora D. Glyceria de Carvalho Santos, ambos tambem bahianos.

Transferindo seus paes sua residencia para a então villa de Maracás, por terem sido nomeados professores publicos daquella localidade, passou alli Octacilio dos Santos a sua infancia, recebendo delles, que o estre-meciam, toda a instrucção elementar.

Aos quinze annos de idade voltou á capital, afim de fazer os estudos de preparatorios necessarios á matricula do curso de direito, para o qual se pronunciava o seu talento.

Concluindo os estudos de humanidades, como alumno do antigo «Lyceu Provincial», seguiu para Pernambuco, matriculando-se na «Faculdade de Direito do Recife», no anno de 1882.

A lucidez de sua intelligencia e o seu caracter franco e jovial conquistaram a affeição dos collegas e a estima dos mestres.

A *bohemia* academica de seu tempo, em que brillhou o seu espirito vivaz, não lhe fez esquecer os deveres de estudante, nem o tornou indifferente diante das questões que mais interessavam a opinião do paiz. E foi assim que, dando largas a seus ideaes de moço, entre os quaes dominava a abolição do captiveiro, começou de ensaiar, em defeza da grande causa social, as armas com que

mais tarde se havia de salientar no jornalismo de sua terra natal.

Bacharelado-se em Março de 1886 em sciencias juridicas e sociaes, voltou á Bahia, estabelecendo-se logo com banca de advogado nesta capital, sendo companheiro de escriptorio do Conselheiro Antonio Carneiro da Rocha, seu amigo particular.

No exercicio de sua profissão, a qual honrou sempre pelos nobres intuitos que o animavam, foi tão grande a actividade que desenvolveu, que não demorou em ter larga clientela e merecida reputação.

Espírito abnegado, a causa do mais humilde de seus concidadãos que lhe fosse confiada, não lhe valia menos que a do mais dinheiroso de seus clientes, ainda quando, em vez de proventos, ella lhe trouxesse encargos e despesas.

A politica attrahia-o seductoramente, e cedo teve-o como um combatente esforçado. O programma liberal, com as grandes reformas, que prégara promettendo des-cerrar largos horisontes á vida nacional, empolgou-lhe o espirito de luctador, fazendo-o filiar-se no partido liberal, organizado na provincia pelo fino tacto e prestigio do conselheiro Manuel Pinto de Souza Dantas, e chefiado então pelo Dr. José Luiz de Almeida Couto.

Nos comicios, como na imprensa desse partido, em que collaborou a sua dedicação á politica foi assiduo e desinteressado, merecendo inteira confiança e apreço de seus chefes e correligionarios pela lealdade e franqueza de seu character.

Não sendo dos primeiros a adherir á republica, na implantação do novo regimen, em Novembro de 1889, mantendo-se ao lado do Conselheiro Almeida Couto, sómente tempos depois prestou ás novas instituições os serviços de sua actividade politica, sempre desenvolvida

em redor de seus ideaes de liberdade, collaborando na redacção do *Diario da Bahia*, sob a chefia do notavel jornalista Augusto Alvares Guimarães, de saudosissima memoria.

Com o fallecimento deste insigne polemista, assumiu Otacilio dos Santos a chefia do *Diario* na qual desenvolveu uma actividade e uma dedicacção, raras vezes igualadas, mas nunca excedidas. Na parte intellectual, como na administrativa desse orgão de publicidade, os seus esforços multiplicavam-se cada dia, com a admiracção de seus proprios companheiros de trabalho, numa bella e notavel demonstracção de intelligencia e completo desinteresse.

Com a venda ao Dr. Domingos Guimarães da empreza do *Diario da Bahia*, deixou elle de fazer parte da redacção da folha.

Eleito deputado estadual na legislatura de 1900 a 1901, sob o governo do Dr. Luiz Vianna, a este prestou sincero apoio, revelando-se digno representante do povo pela comprehensão nitida que tinha de seus arduos deveres no seio do congresso e pela independencia de character.

Com o rompimento havido entre os Drs. Severino Vieira e Luiz Vianna, conservando-se lealmente junto a este, fundou com o Dr. Arlindo Fragoso e outros o *Correio da Tarde*, em franca opposição ao Dr. Severino, que occupava então o governo do Estado.

A agitação dessa lucta, em que se empenhou com vehemencia e tenacidade, certo apressou-lhe o termo da existencia, já trabalhada, alguns annos antes, pelo depauperamento de seu robusto organismo, motivado por tantos esforços e tantas energias despendidas, quer nas luctas politicas, em que se mostrou sempre um com-

batente ardoroso, quer no afanoso mister de advogado do município da capital, cargo que honrou pela intelligencia, pelo estudo, pela honestidade, pelo zelo e pela dedicação, como verdadeiro defensor daquella instituição publica.

Foi por exigencia de seus medicos que se teve de afastar da redacção do *Correio* e recolher-se á inactividade.

Minava-lhe os dias uma cardiopathia arterial, nada podendo alcançar a dedicação dos clinicos que o assistiam, nem os cuidados solícitos da familia, nem a dedicação dos amigos, que o cercavam no longo e dolorosissimo soffrimento.

A sua morte se deu na manhã de 15 de Maio de 1904, no predio n. 33 da rua do Maciel de Baixo, para que se havia transportado, enfermo, de sua residencia ao Sodré.

O seu enterramento teve, apesar da chuva torrencial que caía, numerosissima concurrencia de representantes de todas as classes, desde as mais elevadas até os mais humildes; sendo seu corpo encerrado no carneiro n. 34 do 1.º quadro do cemiterio da Ordem 3.º de S. Francisco, irmandade em que occupara cargos superiores.

O pesar pela morte do Dr. Octacilio dos Santos foi geral.

A camara dos deputados, num gesto nobre de justiça deu, na sessão de 16 de Maio, testemunho do seu pesar, approvando unanimemente a seguinte moção apresentada e fundamentada pelo deputado Francisco Drumond:

« A Camara dos Deputados lamentando sinceramente o infausto e prematuro fallecimento do Sr. Dr.

José Octacilio dos Santos, que, com brilho, occupou um lugar nesta casa, resolve inserir na acta da presente sessão um voto de profundo pezar por tão doloroso acontecimento.

Sala das sessões da Camara dos Srs. Deputados, em 16 de Maio de 1904—*Francisco Drumond.*—*M. Freire.*—*Cardoso da Cunha.*—*Antonio Magalhães.*—*Antonio Dantas.*—*Pires de Oliveira.*—*Adolpho Devoto Valente.*—*Oliveira Porto.*—*Pedro Vianna.*—*Joaquim de Almeida.*—*Manoel Junqueira.*—*Antonio Ricaldi.*—*Rocha Leal.*—*Souza Britto.*—*Dr. Carlos Vianna.*—*Britto Cunha.*—*Celso Spinola.*—*Campos França.*—*L. Tantú.*»

Monsenhor Ludgero Pacheco

A 3 de Janeiro de 1906 falleceu, nesta cidade, o Revm^o. Monsenhor Ludgero dos Humildes Pacheco, um dos ornamentos do clero bahiano, pelo seu talento e por suas distinctas qualidades.

Nasceu na visinha cidade de Santo Amaro a 29 de Novembro de 1838, sendo filho legitimo de José Roberto Pacheco, negociante, e D. Maria Rosa Pacheco.

Reconhecendo no joven Pacheco decidida vocação para o sacerdocio, seus paes o recolheram ao Seminario, onde, depois de um curso brilhante theologico, recebeu as ordens de Presbytero em 1850, cantou sua primeira missa aos 2 de Fevereiro do mesmo anno, na sua terra natal, com grande esplendor, e prégando o notavel orador Revm^o. Turibio Tertuliano Fiusa.

Depois de ordenado, sua actividade, e suas reconhecidas habilitações, não só nas sciencias religiosas como nas profanas prepararam-lhe uma brilhante

carreira, franqueando-lhe altas posições na sociedade e na Igreja.

Sacerdote — varios e elevados foram os cargos que elle conquistou pela sua bella intelligencia e pelo alto conceito em que o tinham seus superiores: foi reitor do Seminario menor e professor de geographia e historia nesse estabelecimento; conego da Sé metropolitana e chantre com as honras de Prelado Domestico de sua Santidade, Vigario Capitular, na vacancia da Diocese, pela morte de D. Antonio de Macedo Costa, quando eleito Bispo de Pernambuco o Revm.^o D. Manoel Bispo de Eucarpia; Director e Capellão da Veneravel Ordem Terceira de S. Domingos, durante 26 annos, tendo a Veneravel Ordem Terceira, em attenção aos seus muitos e relevantes serviços, collocado o seu retrato no seu salão de honra, incluindo assim, entre os seus benemeritos.

Na cadeira de mestre, que elle honrou, sinão com os surtos do genio, comtudo pelo estudo assiduo e amor ao estudo, muito lhe devem a nossa mocidade e a causa da instrucção.

Não só no Gymnasio do Estado, como em estabelecimentos de ensino particular se fizêram ouvir suas varias e proveitosas lições.

Fôra professor de Geographia e Historia no afamado « Collegio Sete de Setembro » e no conhecido « Collegio Spencer », sem falar em varias outras casas de ensino.

Illustrou por muito tempo a tribuna sagrada; e só deixou de prégar, nos ultimos dias, quando se aggravaram os padecimentos que o arrastaram ao leito da morte.

Não era um orador, na accepção da palavra, talvez porque cultivasse mais a arte de ensinar do que de falar; mas sabia discorrer sobre os mysterios da fé e as verdades da religião com grande facilidade e era

ouvido com geral sympathia, não deixando de causar enorme falta na tribuna sagrada, onde vão escasseando os oradores.

Aqui vão os traços geraes da vida do illustre sacerdote bahiano, cuja morte sentidamente prantearam a sociedade bahiana e a Igreja, e a quem a «Revista» devia um tributo de sandosa veneração.

A REDACÇÃO.

	ADMISSÃO	RESIDENCIA
9 Contr'almirante Antonio Alves Camara	Maio de 1894	Rio

Socios Effectivos Fundadores

1 Antonio Carneiro da Rocha	Maio de 1894	Capital
2 Dr. Antonio Calmon du Pin e Almeida .	" " "	"
3 Dr. Alfredo Cezar Cabussá	" " "	"
4 Major A'cysio L. de Carvalho (Remido) .	" " "	"
5 Dr. Arthur de Mello Mattos.	" " "	"
6 Dr. Antonio Pacifico Pereira	" " "	"
7 Adolpho Malbouisson	" " "	"
8 Dr. Arthur Rodrigues de Macedo .	" " "	"
9 Alfredo O. Soledade	" " "	"
10 Coronel Affonso Pedreira de Carqueira .	" " "	"
11 Dr. Augusto de A. Goes	" " "	"
12 Dr. Alfredo Devoto	" " "	"
13 Dr. Braz Hermenegildo do Amaral .	" " "	"
14 Bernardino Franc.º de Almeida	" " "	"
15 Conselheiro Bráulio Xavier da Silva Pereira	" " "	"
16 Dr. Bellarmino Passos da Costa	" " "	"
17engenheiro Cleto L. Tourinho Japiassú.	" " "	"

	ADMISSÃO	RESIDENCIA
18 Professor Cassiano da França Gomes .	Maio de 1894	Capital
19 Dr. Deocleciano Ramos	» » »	»
20 Dr. Domingos Rodrigues Guimarães	» » »	»
21 Professor Elias de Figueiredo Nazareth	» » »	»
22 Eloy de Oliveira Guimarães	» » »	»
23 Conselheiro Eduardo Augusto da Silva .	» » »	»
24 Dr. Eduardo Gomes Ferreira Velloso .	» » »	»
25 Dr. Egas Muniz Barreto de Aragão . .	» » »	»
26 Coronel Ernesto Barbosa Coelho	» » »	»
27 Dr. Ezequiel de Sousa Pondé	» » »	»
28 Conselheiro Filinto Justiniano Ferreira Bastos	» » »	»
29 Dr. Francisco Marques de Góes Calmon (Remido)	» » »	»
30 Capitão Francisco G. Ferreira Braga (Remido).	» » »	»
31 Dr. Francisco Muniz Ferrão de Aragão .	» » »	»
32 Dr. Frederico Augusto da Silva Lisboa	» » »	»
33 Dr. Francisco de A. Brito Cunha . . .	» » »	»
34 Conselheiro Francisco de Sousa Dias .	» » »	»

		ADMISSÃO			RESIDENCIA
35	Dr. Glycerio José Velloso da Silva .	Maio de 1894			Capital
36	Dr. Guilherme Pereira Rebello . . .	"	"	"	"
37	Commendador Horacio Uripia Junior (Remido)	"	"	"	"
38	Dr. Isaias de Carvalho Santos	"	"	"	"
39	Conselheiro João Nepomuceno Torres .	"	"	"	"
40	José Lopes Velloso	"	"	"	"
41	Dr. Joaquim dos Reis Magalhães (Remido)	"	"	"	"
42	Monsenhor Dr. José Basilio Pereira. .	"	"	"	"
43	Dr. José Julio de Calasans	"	"	"	"
44	Dr. João Florencio Gomes.	"	"	"	"
45	Dr. Julio da Gama	"	"	"	"
46	João da Silva Freire	"	"	"	"
47	Dr. João Evangelista de Castro Cerqueira.	"	"	"	"
48	Cons. José Botelho Benjamim. . . .	"	"	"	"
49	Dr. José de Oliveira Campos	"	"	"	"
50	Dr. Joaquim Pires Muniz de Carvalho.	"	"	"	"
51	Dr. João Pedro dos Santos.	"	"	"	"
52	Pharm. Luiz Antonio Filgueiras . .	"	"	"	"
53	Padre Luiz da F. dos Santos. . . .	"	"	"	"

	ADMISSÃO	RESIDENCIA
54 Dr. Leovegildo Gonçalves de Carvalho.	Maio de 1894	Capital
55 Mons. Manfredo A. de Lima	" " "	"
56 Dr. Manoel Pedro de Resendo	" " "	"
57 Dr. Manoel Luiz do Rego (Remido). . .	" " "	"
58 Dr. Manoel Bonifácio da Costa	" " "	"
59 Prof. Manoel Raymundo Querino. . . .	" " "	"
60 Prof. Manoel Lopes Rodrigues	" " "	"
61 Dez. Manoel Jeronymo Gonçalves	" " "	"
62 Prof. Nicoláo Telen-tino Carneiro da Cunha. . . .	" " "	"
63 Dr. Odilon Octaviano dos Santos	" " "	"
64 Dr. Octaviano M. Barreto	" " "	"
65 Dr. Odorico Octavio Odilon. . . .	" " "	"
66 Cons. Ponciano Ferreira de Oliveira	" " "	"
67 Major Sabino Pedreira do Couto Ferraz. . . .	" " "	"
68 Dr. Severino dos S. Vieira. . . .	" " "	"
69 Dr. Satyro de Oliveira Dias. . . .	" " "	"
70 Sigefredo S. Schlinder	" " "	"
71 Eng. Silio Boccanera		
72 Dr. Victal Baptista Soares. . . .	" " "	"

Socios Effectivos

(DEPOIS DA INSTALLAÇÃO)

		ADMISSÃO	RESIDENCIA
73	D. Amelia Rodrigues	31 de Maio de 1896	Capital
74	Eng. Affonso Glyco- rio da C. Maciel	21 de Junho de 1896	"
75	Prof. Torquato Ba- hin da Silva Araujo	" " "	"
76	Dr. Carlos Chennaud	30 de Agosto de "	"
77	Dr. João Ferreira de Araujo Pinho (Remido)	" " " " "	"
78	Alfredo Cardoso da Motta e Silva	25 de Outubro de 1896	"
79	Capitão Arthur Go- mes de Carvalho	" " "	"
80	Engenheiro Augusto Frederico de Lacerda	" " "	"
81	Dr. José Carlos Jun- queira Ayres	" " "	"
82	Dr. Pedro Julio Bar- buda	" " "	"
83	Dr. Francisco Ale- xandre de Sousa	21 de Março de 1897	"
84	Coronel Gonçalo de Athayde Pereira	" " "	"
85	Engenheiro José Antonio da Costa	" " "	"
86	Dr. Paulo Martins Fontes	" " "	"
87	Dr. Pedro dos Reis Gordilho	" " "	"
88	Dr. Sebastião Car- doso (Remido)	" " "	"
89	Barão de S. Fran- cisco (Dr. Antonio Balcão)	8 de Agosto de 1897	"
90	Conego Elpidio Fer- reira Tupyrauga	" " "	"

	ADMISSÃO	RESIDENCIA
91 Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro	8 de Agosto de 1897	Capital
92 Commendador Joa- quim Manoel de Santa Anna	" " "	"
93 Dr. Virgílio de Le- mos	" " "	"
94 Dr. Venceslão de Oliveira Guimarães	" " "	"
95 Dr. José Maria Tourinho	31 de Outubro de 1897	"
96 Dr. José Alvares Cova	14 de Novembro de 1897	"
97 Desembargador Ma- noel Maria do Ama- ral (Remido)	" " "	"
98 Dr. Fernando Kock	31 de Julho de 1898	"
99 Dr. Frederico de Castro Rebello	" " "	"
100 Dr. João Baptista de Castro Rebello	" " "	"
101 Dr. Guilherme Fopel	2 de Outubro de 1898	"
102 Dr. Manoel Carlos Devoto	" " "	"
103 Major Polydoro Bit- tencourt	" " "	"
104 Engenheiro Theodoro Sampaio	21 de Outubro de 1898	"
105 Dr. José Eduardo F. de Carvalho Filho	6 de Novembro de 1898	"
106 Dr. Francisco Luiz da Costa Drummond	23 de Março de 1900	"
107 Coronel Ismael Can- dido da Silva	" " "	"
108 João Gama	" " "	"
109 Engenheiro João Pi- menta Bastos (Re- mido)	" " "	"
110 Dr. Pedro da Luz Carrasqueira	" " "	"

	ADMISSÃO	RESIDENCIA
111	Monsenhor Dr. Samuel K. de Almeida 25 de Março de 1900	Capital
112	Francisco Ferraro . 10 de Março de 1901	"
113	General Dr. José de Siqueira Menezes . " " "	"
114	Engenheiro Affonso Pires do Carvalho e Albuquerque . 31 de Março de 1901	"
115	Dr. Francisco Cardoso e Silva . " " "	"
116	Dr. Francisco Prisco de Sousa Paraizo . " " "	"
117	Dr. Guilherme Maniz Barreto de Aragão . " " "	"
118	Dr. Urbano Pires do Carvalho e Albuquerque (Remido) . " " "	"
119	Dr. Francisco Lopes da Silva Lima . 11 de Agosto de 1901	"
120	Engenheiro Luiz da França Imbassahy da Silva . 8 de Setembro de 1901	"
121	Dr. João Gualberto Nogueira . 23 de Fevereiro de 1902	"
122	Coronel Francisco de Mello . 18 de Maio de 1902	"
123	Francisco Xavier Marques . " " "	"
124	Engenheiro Genesio de Sampaio Neves . " " "	"
125	Dr. José Sabino Pereira Filho . " " "	"
126	Dr. Pedro Luiz Celestino . 16 de Novembro de 1902	"
127	General Dr. Antonio de Sousa Dantas . 21 de Dezembro de 1902	"
128	Engenheiro Miguel Calmon da Pin e Almeida . " " "	"

	ADMISSÃO	RESIDENCIA
129 Engenheiro Lino Meirelles da Silva (Remido)	11 de Janeiro de 1903	Capital
130 Dr. Menandro dos Reis Meirelles Filho	" " "	"
131 Coronel Vicente Fer- reira Lins do Amaral (Remido)	" " "	"
132 Dr. Joaquim Celso Moreira Spínola	17 de Maio de 1903	"
133 Coronel Joaquim Carneiro de Campos Filho	" " "	"
134 Coronel Manoel da Costa G. Drummond	2 de Agosto de 1903	"
135 Dr. José Gonçalves de Castro Cincurá	" " "	"
136 Henrique Cancio	" " "	"
137 Professor Luiz Au- gusto Alves da Cunha	30 de Agosto de 1903	"
138 Dr. João Alfredo Conde	6 de Novembro de 1904	"
139 Dr. Cleodaldo de An- drade	21 de Maio de 1905	"
140 José de Sá (Remido)	" " "	"
141 Commandador José Alves Ferreira (Re- mido)	" " "	"
142 Dr. Vivaldo de Palma Lima	22 de Abril de 1906	"
143 Dr. Adolpho Frede- rico Tourinho	30 de Setembro de 1906	"
144 Dr. Edgard Frede- rico Tourinho	" " "	"
145 Dr. José Hypólito Cerqueira Lima	30 de Setembro de 1906	"
146 Dr. Bernardino José de Sousa	12 de Maio de 1907	"
147 Dr. Manoel Pimentel		

	ADMISSÃO	RESIDENCIA
de Barros Bittencourt	12 de Maio de 1907	Capital
148 Professor Roberto Correia	" " "	"
149 Dr. Methodio Coelho	23 de Junho de 1907	"
150 Dr. Manoel Thaumaturgo da Miranda	" " "	"
151 Monsenhor Ildefonso Nunes de Oliveira.	26 de Abril de 1908	"
152 Dr. José Marcellino de Sousa (Remido).	" " "	"
153 Coronel Deraldo Dias	9 de Agosto de 1908	"
154 Coronel João de Azevedo Fernandes	" " "	"
155 José Teixeira Barros	23 de Maio de 1909	"
156 Coronel Manoel Duarte de Oliveira	11 de Julho de 1909	"

Socios Correspondentes Fundadores

1 Dr. Abílio de Magalhães Carvalho	Maio de 1894	Rio
2 Engenheiro Adolpho Morales de los Rios	" " "	"
3 Dr. Angelo dos Santos Moreira (Remido)	" " "	"
4 Dr. Antonio Rodrigues Lima.	" " "	"
5 Engenheiro Augusto de B. Carvalho Menezes	" " "	"
6 Engenheiro Arlindo Coelho Fragoso.	" " "	"
7 Desembargador Augusto de Borborema	" " "	Pará
8 Dr. Americo Arnulfo Torres.	" " "	Minas

	ADMISSÃO	RESIDENCIA
9 Engenheiro Aristides Galvão de Queiroz .	Maio de 1894	Bahia
10 Engenheiro Apolinário Prot	" " "	"
11 Coronel Antonio José Teixeira	" " "	"
12 Dr. Antonio Coutinho de Sousa .	" " "	"
13 Dr. Alvaro Pedreira de Cerqueira . . .	" " "	"
14 Dr. Augusto Vergue de Abreu	" " "	"
15 Dr. Bonifacio de Aragão Paria Rocha	" " "	Rio
16 Cerbiniano Esteves de Lima	" " "	Bahia
17 Dr. Deceleciano P. Teixeira	" " "	"
18 Dr. Eduardo Ferreira de Cerqueira . . .	" " "	"
19 Dr. Eduardo de Caldas Brito . . .	" " "	Rio
20 Cons. Francisco Ferreira Pacheco de Mello	" " "	Bahia
21 Dr. Francisco Luiz Vianna	" " "	"
22 Dr. Felipe Alves da Costa	" " "	Minas
23 João Antunes de C. Meneses	" " "	Bahia
24 C. ^o José Justino da Silva Telles . . .	" " "	"
25 Dr. José Antonio Alves Pinto . . .	" " "	"
26 C. ^o José Antonio Rodrigues Lima .	" " "	"
27 Dr. Jovinião Ave- lino Pereira Duarte	" " "	"

		ADMISSÃO	RESIDENCIA
28	Dr. José Augusto de Freitas.	Maio de 1894	Rio
29	Comm. João Augusto Neiva	" " "	"
30	Cons. Luiz Vianna .	" " "	Bahia
31	Dr. Lindolpho Jacintho Rocha . . .	" " "	"
32	Cel. Luiz Meirelles Vianna.	" " "	"
33	Luiz Rodolpho C. de Albuquerque . . .	" " "	Rio
34	Cong. Miguel Calmon de Aragão Balseão .	" " "	"
35	Cons. Manoel da C. Lopes Vasconcelles .	" " "	Bahia
36	Dr. Nicoláo Tolentino dos Santos	" " "	Rio
37	Cons. Pedro Marianni (Remido) . .	" " "	Bahia
38	Coengo Pedro Hugo Teixeira	" " "	"
39	Dr. Pedro Vergue de Abreu (Remido) .	" " "	Rio
40	Major Rogeciano P. Teixeira	" " "	"
41	Dr. Ricardo Calmon de Siqueira. . . .	" " "	Alagoas
42	Dr. Raymundo Ignacio da Silva . . .	" " "	Bahia
43	Dr. Virgílio Cezar de Carvalho . . .	" " "	"

Socios Correspondentes

(DEPOIS DA INSTALLAÇÃO)

44	Barão de Studart (Dr. Guilherme Studart.)	15 de Nov. de 1894	Ceará
----	--	--------------------	-------

	ADMISSÃO	RESIDENCIA
45 Cel. Raymundo C. Alves da Cunha .	15 de Novembro de 1894	Pará
46 Dr. Luiz Antonio F. Gualberto . . .	21 de Abril de 1895	S. Catharina
47 Engenheiro Antonio Olyntho dos Santos Pires	31 de Maio de 1896	Rio
48 Barão Homem de Mello *	" " "	S. Paulo
49 Bertino de Miranda	" " "	Amazonas
50 Dr. Carlos Francisco Gonçalves . . . *	" " "	E. Santo
51 Dr. Demetrio Uripia	" " "	Bahia
52 Dr. Joaquim Iguacio Testa *	" " "	Rio
53 D. Maria Asalia Vaz de Carvalho . *	" " "	Portugal
54 Desembargador Na- poleão Simões de Oliveira . . . *	" " "	Pará
55 Dr. Fructuoso Pinto Rigand (Remido) .	30 de Agosto de 1896	Bahia
56 José João Biedma	" " "	Argentina
57 Antonio José Gonçalves Neves (Remido) . . .	25 de Outubro de 1896	Pará
58 Dr. Domingos da Rocha Vianna . . *	" " "	Minas
59 Dr. Evaristo Nunes Pires *	" " "	Rio
60 Engenheiro Henri- que Marques de Santa Rosa . . *	" " "	Pará
61 Dr. Juliano Moreira	" " "	Rio
62 Desembargador Lici- nio Alfredo da Silva	" " "	"
63 Manoel Antonio Cor- reia de Araujo . . *	" " "	Bahia

		ADMISSÃO	RESIDENCIA
64	Dr. Silvio Anacleto de Sousa Bastos . . .	25 de Outubro de 1896	Sergipe
65	Dr. Virgilio Cardoso de Oliveira . . .	" " "	Pará
66	Dr. Thomaz Pompeu de Sousa Brasil . . .	" " "	Ceará
67	Dr. Alfredo de Mallo Mattos.	21 de Março de 1897	Rio
68	Coronel Antonio Pessoa da Silva . . .	" " "	Bahia
69	Dr. Francisco Au- gusto Pereira da Costa	" " "	Pernambuco
70	Dr. João Vieira da Silva	" " "	França
71	Dr. José Joaquim Seabra.	" " "	Rio
72	Dr. José Raymundo Telles de Menezes . .	" " "	Minas
73	Capitão Mancel Vel- losô da Silva	" " "	Bahia
74	Coronel Martiniano de Almeida	" " "	"
75	Christovão Ayres . . .	" " "	Portugal
76	Pedro Venesclão de Brito Aranha	" " "	"
77	José Antonio Ismael Gracias	" " "	Nova Gôa
78	Viscondessa de Cal- vacanti	8 de Agosto de 1897	França
79	Dr. Alfredo Antonio de Andrade	" " "	Rio
80	Candido Vieira da Costa	" " "	Amazonas
81	Dr. Francisco Ca- ribé da Rocha.	" " "	Pará
82	Dr. Salvador Pires de Carvalho e Albu- querque Filho	25 de Setembro de 1897	Rio

	ADMISSÃO	RESIDENCIA
83 Dr. Alvaro Henrique Silvestre de Faria .	31 de Outubro de 1897	B. hia
84 Dr. Octaviano Suzart	14 de Novembro de 1897	Pará
85 Coronel Dr. José Cle- mentino Soto . . .	" " "	Argentina
86 General Dr. Landa- eta y Rosales . . .	" " "	Venezuela
87 Dr. José Heraclides Ferreira . . .	20 de Março de 1898	Bahia
88 Engenheiro José Fe- liciano da Rocha .	31 de Julho de 1898	"
89 Professor João Jon- quim dos Santos Sá	" " "	Rio
90 Engenheiro Orville A. Derby . . .	" " "	"
91 Dr. Rodrigo Falcão Brandão . . .	" " "	Bahia
92 João Lucio de Aze- vedo . . .	" " "	Portugal
93 Professor Arrigo de Zetiry . . .	" " "	Italia
94 Dr. Jacob Lorrain.	" " "	Argentina
95 Dr. Pedro M. Riviere	" " "	Uruguay
96 Dr. Alfredo de Car- valho . . .	2 de Outubro de 1898	Pernambuco
97 Dr. Theophilo Ro- drigues . . .	" " "	Venezuela
98 Dr. Aurelio Pires de Carvalho e Albu- querque (Remido) .	6 de Novembro de 1898	Rio
99 Dr. Pedro Vicente Vianna . . .	" " "	Bahia
100 Alfredo Ferreira Ro- drigues . . .	16 de Abril de 1899	R. G. do Sul
101 Dr. Joaquim Aure- liano Sepulveda. .	" " "	Minas
102 Professor Henrique Coelho Netto . .	3 Maio de 1899	Rio
103 Dr. Julio A. Peixoto.	" " "	"

		ADMISSÃO	RESIDENCIA
104	Dr. José Pires Falcão Brandão	10 de Setembro de 1899	Rio
105	Dr. Manoel Cardoso de Mello Barata . .	" " "	Pará
106	Dr. Fabio Lyra dos Santos	25 de Março de 1900	Bahia
107	José Petitinga . .	" " "	"
108	Dr. Sebastião de Vas- concellos Galvão . .	" " "	Pernambuco
109	Philoteio Pereira de Amirado	" " "	Nova Goa
110	João Baptista Per- digão de Oliveira .	10 de Março de 1901	Ceará
111	Conego José Cuper- tino de Lacerda . .	" " "	Bahia
112	Dr. José Manoel Cardoso de Oliveira	" " "	Rio
113	Dr. Carlos Reis . .	31 de Março de 1901	S. Paulo
114	Alberto Ferreira Ro- drigues	11 de Agosto de 1901	Rio G. do Sul
115	Arno Philipp . . .	" " "	"
116	Dr. John Casper Branner	" " "	Estados-Unidos
117	Dr. Virgílio Rossel	" " "	Suissa
118	Dr. Joaquim Au- gusto Tanajura . .	23 de Fevereiro de 1902	Rio
119	Dr. Pedro de Queiroz Ferreira	18 de Maio de 1902	Ceará
120	Dr. Tiberio Borges de Figueiredo . .	" " "	Bahia
121	Padre Francisco Fer- nandes Badaró . .	" " "	"
122	Dr. Antonio Augusto de Lima	" " "	Minas
123	Padre Dr. Julio Maria	" " "	Rio
124	Alberto dos Santos Dumont	19 de Outubro de 1902	França
125	Dr. Emilio A. Goeldi	" " "	Suissa

		ADMISSÃO	RESIDENCIA
126	Herman Von Ihering	19 de Outubro de 1902	S. Paulo
127	Dr. Adolpho Ba- sanex	" " "	Rio
128	D. Blas Vidal. . .	" " "	Uruguay
129	Dr. Augusto Flavio Gomes Villaga. . .	11 de Janeiro de 1903	Bahia
130	Dr. Elpidio Pereira de Mesquita . . .	17 de Maio de 1903	Rio
131	Padre Raphael Maria Galanti	" " "	"
132	Barão do Assu da Torre	30 de Agosto de 1903	Bahia
133	Coronel João Brigido dos Santos. . . .	" " "	Ceará
134	Engenheiro Deme- trio Pires de Araujo	" " "	Bahia
135	Dr. Vicente Ferrer de Barros Wanderley	7 de Agosto de 1904	Pernambuco
136	Dr. Göran Bjorkman	" " "	Suecia
137	Conde Angelo de Gubernatis. . . .	" " "	Italia
138	Xavier de Ricard . .	" " "	França
139	D. Leonardo Ellis. .	" " "	Chile
140	D. Clemente Bara- bona Vega.	" " "	"
141	Philéas Lebesgue . .	" " "	França
142	Dr. Pedro Ecurra. .	6 de Novembro de 1904	Argentina
143	Commendador An- tonio Padua	21 de Maio de 1905	Italia
144	Dr. Eduardo Poirier de Mezieres Toledo	" " "	Chile
145	Dr. José Pereira Rego Filho	27 de Agosto de 1905	Rio
146	Dr. D. Adolpho Leon Gomez	22 de Abril de 1906	Colombia
147	D. Leonardo A. Raz- zano	" " "	Argentina

		ADMISSÃO	RESIDENCIA
148	Dr. D. Rodolpho Carranza	22 de Abril de 1906	Argentina
149	Dr. Nelson de Senna	30 de Setembro de 1906	Minas
150	General Raymundo Tello de Mendoza	" " "	Venezuela
151	Manoel de Oliveira Lima	10 de Março de 1907	Belgica
152	M. ^{me} Claire Louis Bosk	" " "	Russia
153	Dr. Frederico Buret	" " "	França
154	Florian Parmentier	" " "	"
155	Eugenio de Castro	" " "	Portugal
156	Dr. Luiz Feliciano Marrecas Ferreira	" " "	"
157	Paulo Brunotte	" " "	França
158	Robert Duval	" " "	"
159	Visconde Pierre de Padirac	" " "	"
160	Conego Manoel Leoncio Galvão	12 de Maio de 1907	Bahia
161	General Dr. Thaumaturgo de Azevedo	" " "	" Rio
162	Professor Agnello Bittencourt	23 de Junho de 1907	Amazonas
163	Dr. João Ferreira de Araujo Pinho Filho	26 de Abril de 1908	Bahia
164	Dr. Frederico Puga Berne	24 de Maio de 1908	Chile
165	Dr. Alcides Torres	20 de Setembro de 1908	S. Paulo
166	Max Fleinss	" " "	Rio
167	Dr. S. de Johng Ricardo	" " "	Venezuela
168	Padre Etienne Ignace	23 de Maio de 1909	Rio
169	Dr. David Ricardo	" " "	Venezuela
170	Dr. D. Enrique de Arguez	" " "	Colombia
171	D. Juan Padila Matute	" " "	Guatemala
172	D. S. Aybar y Nunez	" " "	S. Domingo

	ADMISSÃO	RESIDENCIA
173 Coronel Ernesto Senna	12 de Setembro de 1909	Rio
174 Dr. José Carlos Rodrigues.	" " "	"
175 Dr. Francisco de Moraes Correia.	" " "	Piahy

Socios fallecidos Effectivos

OBITOS

1 José Carlos Ferreira	23 de Fevereiro de 1895
2 Dr. Cyridião Darval	17 de Agosto de 1895
3 Dr. José Luiz de Almeida Couto	8 de Outubro de 1895
4 Dr. Augusto Alves Guimarães	17 de Março de 1896
5 Dr. Tranquillino Leovegildo Torres	22 de Maio de 1896
6 Dr. Cosme Moreira de Almeida	3 de Junho de 1896
7 General Dr. Evaristo Ladislão e Silva.	30 de Junho de 1896
8 Dr. Antonio Joaquim de Passos	9 de Junho de 1897
9 Dr. Francisco de Oliveira Ramos.	7 de Setembro de 1897
10 Capitão Olavo de Freitas Martins	11 de Outubro de 1897
11 Major Manoel Luiz Barreto Falcão	24 de Junho de 1898
12 Dr. Alexandre Garcia Pedreira	19 de Agosto de 1898
13 Dr. Francisco Rodrigues Monção Filho	28 de Setembro de 1898
14 Christino Ramos de Oliveira	7 de Fevereiro de 1899
15 Frei Francisco N. Carneiro da Cunha	15 de Fevereiro de 1899
16 Dr. João Baptista de Sá e Oliveira	16 de Fevereiro de 1899

	ADMISSÃO	RESIDENCIA
173 Coronel Ernesto Senna	12 de Setembro de 1909	Rio
174 Dr. José Carlos Rodrigues.	" " "	"
175 Dr. Francisco de Moraes Correia.	" " "	Pianhy

Socios fallecidos Effectivos

OBITOS

1 José Carlos Ferreira	23 de Fevereiro de 1895
2 Dr. Cyridião Durval	17 de Agosto de 1895
3 Dr. José Luiz de Almeida Couto	8 de Outubro de 1895
4 Dr. Augusto Alves Guimarães	17 de Março de 1896
5 Dr. Tranquillino Leovegildo Torres	22 de Maio de 1896
6 Dr. Cosme Moreira de Almeida	3 de Junho de 1896
7 General Dr. Evaristo Ladisláo e Silva.	30 de Junho de 1896
8 Dr. Antonio Joaquim de Passos	9 de Junho de 1897
9 Dr. Francisco de Oliveira Ramos.	7 de Setembro de 1897
10 Capitão Olavo de Freitas Martins	11 de Outubro de 1897
11 Major Manoel Luiz Barreto Falcão	24 de Junho de 1898
12 Dr. Alexandre Garcia Pedreira	19 de Agosto de 1898
13 Dr. Francisco Rodrigues Monção Filho	28 de Setembro de 1898
14 Christino Ramos de Oliveira	7 de Fevereiro de 1899
15 Frei Francisco N. Carneiro da Cunha	15 de Fevereiro de 1899
16 Dr. João Baptista de Sá e Oliveira	16 de Fevereiro de 1899

OBITOS

17	Conselheiro João Baptista Guimarães Cerne	7 de Maio de 1899
18	Acelyno Muniz de Pinho	Agosto de 1899
19	Antonio Moreira de Góes	23 de Outubro de 1899
20	Conselheiro José Macedo de Aguiar	» » »
21	Professor Austricliano Coelho	9 de Julho de 1900
22	Pharmaceutico Eudoxio Pe- reira da Costa	5 de Fevereiro de 1902
23	Dr. Adolpho Frederico Tou- rinho	4 de Maio de 1902
24	Dr. José de Oliveira Leite	10 de Maio de 1902
25	Dr. Pedro Muniz Leão Velloso	11 de Julho de 1902
26	Dr. Innocencio Munhoz Góes	28 de Dezembro de 1902
27	Pharmaceutico Alfredo Accioli do Prado	10 de Janeiro de 1903
28	Dr. Manoel Adalberto O. Guimarães	29 de Junho de 1903
29	Dr. Dionysio Gonçalves Martins	2 de Julho de 1903
30	Dr. Joaquin Matheus dos Santos	» » »
31	Engenheiro Estanisláo Pre- zewodosky	25 de Agosto de 1903
32	Coronel Tranquilino Borbu- rema	9 de Setembro de 1903
33	Dr. Joaquim Manoel Rodri- gues Lma	18 de Dezembro de 1903
34	Commendador Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque	30 de Dezembro de 1903
35	Comm. Manoel Pinto Novaes	14 de Fevereiro de 1904
36	Comm. Albano Pereira de Car- valho	» » »
37	Comm Laurindo Alves Oli- veira Regis	2 de Março de 1904
38	Dr. José Octacilio dos Santos	15 de Maio de 1904
39	Capitão Ignacio Mendo Filho	13 de Junho de 1904
40	Dr. Manoel Alfredo de Car- valho	5 de Agosto de 1904

OBITOS

41	Ednardo Carigé.	12 de Abril de 1905
42	Conego Ladgero dos Humil- des Pacheco	3 de Janeiro de 1906
43	Engenheiro Henrique Barreto Praguer	29 de Janeiro de 1906
44	Dr. Raymundo Nina Rodri- gues	17 de Julho de 1906
45	Dr. Aristides G. Spínola Zama	20 de Outubro de 1906
46	Dr. João Tillmont Fontes .	17 de Julho de 1907
47	Dr. Candido Job de Carvalho	13 de Março de 1908
48	Major Francisco Pires de Car- valho	20 de Abril de 1908
49	Coronel Manoel Francisco Gonçalves	20 de Outubro de 1908
50	General Dr. Francisco de Paula e Oliveira Guimarães.	22 de Abril de 1909
51	Alfredo Requião	26 de Abril de 1909
52	Dr. Constancio Luiz de Sant'Anna	3 de Maio de 1909
53	Dr. Alfredo Thomé de Britto	13 de Maio de 1909
54	Cons. Dr. Jeronymo Sodré Pereira.	9 de Nov." de 1909

Socios fallecidos Correspondentes

OBITOS

55	Cons. Joaquim Saldanha Ma- rinho	28 de Maio de 1895
56	José de Vasconcellos	19 de Junho de 1895
57	Vigario Bellarmino S. Torres	7 de Agosto de 1896
58	Dr. Francisco José da Rocha	16 de Março de 1897
59	Dr. José Machado Pedreira .	6 de Julho de 1898
60	Cons. Visconde de Cavalcanti	14 de Junho de 1899
61	Dr. Pedro Nolasco Buarquo da Gasmão	16 de Junho de 1899
62	General Frederico Solon de Sampaio Ribeiro	11 de Janeiro de 1900

OBITOS

63	Comm. José Pedro Xavier da Veiga	8 de Agosto de 1900
64	Dr. Cesar Augusto Marques	5 de Outubro de 1900
65	Professor Adriano Augusto de Araujo Jorge	2 de Abril de 1901
66	José Arthur Montenegro . .	5 de Abril de 1901
67	Barão de Pereira Franco (Dr. Luiz A. Pereira Franco) .	20 de Janeiro de 1902
68	Conego João Paranhos da Silva	30 de Janeiro de 1902
69	Dr. Marianno Pellisa . . .	11 de Agosto de 1902
70	Dr. Augusto Victorino Alves S. Blake	24 de Março de 1903
71	Coronel Francisco Felix de Araujo	16 de Abril de 1903
72	Cons. Francisco Maria Sodré Pereira	16 de Maio de 1903
73	Major José Domingues Codeceira	10 de Janeiro de 1904
74	Dr. Aristides Augusto Milton	26 de Janeiro de 1904
75	Dr. Antonio Pereira de Castro	10 de Março de 1904
76	Dr. José Isidoro Martins Junior.	22 de Agosto de 1904
77	José Joaquim Pexanha Povea	16 de Setembro de 1904
78	Cons. Carlos Augusto de Carvalho	5 de Setembro de 1905
79	Engenheiro Antonio de Toledo Pisa	8 de Novembro de 1905
80	General Bartholomen Mitre .	19 de Janeiro de 1906
81	Visconde de Barbacena . .	28 de Maio de 1906
82	Conego Aggrippino da Silva Borges	2 de Junho de 1906
83	Dr. Genes Martins Fontes .	23 de Junho de 1906
84	Comm. Henrique Raffard .	4 de Agosto de 1906
85	Dr. Antonio da Cunha Barbosa	21 de Outubro de 1906
86	Conego Dr. Emilio L. Freire Lobo	26 de Outubro de 1906
87	Monsenhor Olympio de Souza Campos.	9 de Novembro de 1906

OBITOS

88	Conego Ananias Pereira do Amaral.	17 de Dezembro de 1906
89	Dr. Felix Gaspar de Barros e Almeida.	27 de Janeiro de 1907
90	Dr. Augusto Cesar de Miranda Azevedo.	12 de Março de 1907
91	Dr. José Alexandre Teixeira de Mello.	11 de Abril de 1907
92	José Ramos da Silva Junior.	Abril de 1907
93	Eng. Vicente Chermont de Miranda.	9 de Maio de 1907
94	Dr. Joaquim Pires Machado Portella.	14 de Agosto de 1907
95	Dr. Julio Melhi.	26 de Setembro de 1907
96	Dr. Casemiro de Sousa.	26 de Janeiro de 1908
97	Dr. Joaquim de Toledo Pisa e Almeida.	23 de Abril de 1908
98	Desembargador Paulino Nogueira Borges da Fonseca.	15 de Junho de 1908
99	Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.	3 de Julho de 1908
100	Dr. Antonio Rodrigues Teixeira.	27 de Janeiro de 1909
101	Engenheiro James Thomas Richards.	17 de Fevereiro de 1909
102	Dr. Reginaldo Alves de Mello	28 de Março de 1909
103	Dr. Alvaro da Motta e Silva	18 de Dezembro de 1909

RESUMO

Presidente Honorario	1
Benemeritos	2
Honorarios	9
Effectivos.	156
Correspondentes	175
Total.	343

BAHIANOS ILLUSTRES

APONTAMENTOS BIOGRAPHICOS

Conselheiro Octaviano X. Cotrim

Na cidade de *Itaparica*, onde se achava em procura de melhora, falleceu na madrugada de 11 de Janeiro de 1899 o integro magistrado Dr. Octaviano Xavier Cotrim, conselheiro aposentado do «Tribunal de Appellação e Revista» deste Estado.

O Conselheiro Cotrim nasceu no termo da actual cidade de Caetité em 25 de Dezembro de 1839.

Foram seus paes o Major Antonio Xavier Cotrim e D. Geraldina Xavier Cotrim, ambos pertencentes a distinctas familias do interior deste Estado.

Começou os seus estudos preparatorios na então Villa de Caetité, terminando-os nesta cidade, no collegio *Gymnasio Bahiano*.

Em 1864 matriculou-se na «Faculdade de Direito do Recife», onde teve por collega e intimo amigo o genial poeta Castro Alves.

Quando em consequencia da guerra com a república do Paraguay, organisavam-se na provincia da Bahia os batalhões de voluntarios da Patria, o Dr. Cotrim, impellido por ardente patriotismo, correu a alistar-se num desses batalhões, o batalhão *Imperatriz*, sob o commando do então Tenente-coronel Marcolino Moura, e seguiu para a campanha no posto de capitão, para que o nomeára o Governo provincial.

Limites entre Bahia e Espirito Santo (*)

Sr. Redactor do «Jornal de Noticias»:



SABENDO que se acha aqui um commissario do Estado do Espirito Santo, que pretende obter do Governo da Bahia um accordo relativamente ás fronteiras dos dois Estados, e havendo eu, em Portugal e aqui, estudado algumas das questões pendentes de limites da Bahia com os seus vizinhos, especialmente com o Espirito Santo, penso prestar um serviço trazendo ao conhecimento do illustre jurisconsulto commissario, assim como do Governo da Bahia algumas considerações, seguidas de documentos que muita luz vêm derramar sobre o assumpto.

A capitania do Espirito Santo foi doada a Vasco Fernandes Coutinho, deste veio a pertencer a Antonio Gonçalves da Camara Coutinho, o almotacé, o mesmo que foi vice-rey do Brasil e que, nomeado depois vice-rey da India, morreu aqui na Bahia, quando em viagem para a Asia, afim de ir tomar conta do seu governo.

Foi Camara Coutinho quem vendeu a sua capitania a Francisco Gil de Araujo, de quem passou para seu filho Manoel Garcia Pimentel, que nunca lá foi, e que morreu aqui na Bahia sem herdeiros directos, pelo que

(*) Este trabalho foi publicado no *Jornal de Noticias* desta cidade, e depois augmentado consideravelmente e refundido agora para a *Revista*.

o lugar de Juiz Municipal de Santa Isabel do Paraguassú, sendo removido para o cargo de Juiz substituto da Capital da Bahia, onde serviu durante dous annos.

Achando-se no poder o partido conservador, ao qual se filiára, apresentou-se candidato á Assembléa Provincial, sendo eleito em 1872.

Chefe de policia de Sergipe, e por Decreto de 8 de Maio de 1875 Juiz de Direito da Comarca de Maracás (na Bahia), de onde foi removido em 1881 para a de Pedro Segundo, no Piahy, deixou como magistrado a mais honrosa tradição, porque ninguem o excedeu no zelo, correccão e hombridade com que desempenhou os arduos deveres de sua profissão.

Voltando ao poder o partido conservador em 1885, alcança em 1886 a cadeira disputada de deputado geral pela Bahia, representando o 2.º districto, de que fazia parte a comarca de Cachoeira, onde era chefe prestigioso, sendo posteriormente nomeado presidente da provincia de Alagoas, onde assignalou sua passagem pela administração, fundando o Asylo de Santa Leopoldina, e promovendo muitas outras melhoramentos na cidade de Maceió.

Proclamada a Republica, julgou continuar a prestar á Patria seus serviços, sendo eleito Deputado a Constituinte, e nas seguintes legislaturas, onde prestou valiosa contribuição á Constituição, sempre rodeado do apreço e do respeito dos seus pares e fazendo ouvir sua palavra ponderada e illustrada nos mais importantes debates; e, sendo nomeado membro da Commissão especial encarregada de rever o Código Penal, o seu importante trabalho foi approvedo pela camara quasi unanimemente.

Tambem na imprensa militou com igual brilho. Jornalista de estylo aprimorado, collaborou desde 1868

panhia do 2.º Regimento de infantaria de Linha desta cidade, Francisco da Costa Branco, para ocularmente presenciar a excavação que por esta ordeno a Vmcê mande fazer por pessoas peritas nos logares da dita Lagoa onde se poder descobrir que ha ouro; e do resultado desta diligencia e as amostras della serão entregues ao dito Alferes com huma parte exactissima e circumstanciada, não só do logar em que for achado este Metal, como da distancia do Porto de Mar e riquezas das Minas, calculando-se quanto tirará por dia hum escravo occupado nellas e finda que seja esta diligencia ficará vedado ou feixado esta para qualquer pessoa que seja, sem que por immediata resolução do Principe Regente Nosso Senhor, dirigida a este Governo se não permittir o trabalho das mesmas Minas e pelo mesmo Alferes envio huma carta para o actual Governador da Capitania do Espirito Santo de não haver nesta Diligencia conflictos de jurisdicção sempre perniciosos ao Real Serviço. Deus Guarde a Vmcê.

Bahia, 11 de Setembro de 1806.

Conde da Ponte.

Sr. Capitão-mór das Ordenanças da Villa de S. Matheus.

Bahia, Maio 1910.

Dr. Braz do Amaral.

RELAÇÃO DOS SOCIOS

DO

Instituto Geographico e Historico da Bahia
em 1909

Presidente Honorario

	ADMISSÃO	RESIDENCIA
Cons. Salvador Pires de Carvalho e Albu- querque.	Maior de 1894	Rio

Socios Benemeritos

Dex. Thomaz Garcez P. Montenegro (Re- mido).	Maior de 1904	Bahia
Comm. Luiz José Fernandes (Remido)	9 de Agosto de 1908	Portugal

Socios Honorarios

Eng. Miguel de Teive e Argollo	Maior de 1894	Bahia
D. Jeronymo Thomé da Silva	15 de Novembro de 1894	Bahia
Cons. Ruy Barbosa	" " "	Rio
Barão do Rio Branco	10 de Março de 1895	Rio
Cons. Francisco Joa- quim de Amaral. . .	16 de Abril de 1899	Portugal
D. Maria Elisa Va- lente M. de Aragão	14 de Setembro de 1902	Bahia
Príncipe Luiz de Sa- boya (Duque dos Abruzos)	6 de Março de 1904	Italia
Prof. António Ale- xandre B. dos Reis.	3 de Julho de 1904	Bahia

SUMMARIO DO NUMERO 35

	PAGS.
Relatorio do Dr. Bernardino de Souza, delegado do Instituto no Congresso de Geographia do Rio	3
Nomenclatura geographica peculiar ao Brasil, pelo Dr. Ber- nardino de Souza	27
O corsario <i>Paulus Van Cuarden</i> na Bahia em 1604	41
O Feral da Capitania da Bahia	67
Limites entre Bahia e Espirito Santo, pelo Dr. Braz do Amaral.	77
Theatros da Bahia, pelo Professor Manoel Querino	117
Bernardo Pereira de Vasconcellos e a independencia nacional, pelo Barão de S. Francisco	135
Actas das Sessões de 1909	145
Relatorio do 1.º Secretario	153
Offertas em 1909	166
<i>Bahianos Illustres :</i>	
Cons. Octaviano Xavier Cotrim	181
General Francisco Vieira de Faria Rocha	183
Dr. Manoel Joaquim Saraiva	188
Barão do Desterro	191
Professor Joaquim José da Palma	193
Cons. Firmiano Lopes de Castro	195
Dr. Joaquim Manoel Rodriguez Lima	197
Dr. Aristides Augusto Milton	201
Dr. José Octacilio dos Santos	204
Monsenhor Ludgero dos Humildes Pacheco	208
Relação dos Socios do Instituto em 1909	211